

*PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS*

*Programa de Pós-Graduação em Psicologia*

***ADOLESCÊNCIA E MSN:***  
***O arranjo tecnológico da intimidade***

Carla Costa Barros

*Belo Horizonte*

*2009*

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

*Carla Costa Barros*

***ADOLESCÊNCIA E MSN:***  
***O arranjo tecnológico da intimidade***

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientador: João Leite Ferreira Neto

***Belo Horizonte***

***2009***

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

B277a Barros, Carla Costa  
Adolescência e MSN: o arranjo tecnológico da intimidade / Carla Costa Barros. Belo Horizonte, 2010.  
139f.: il.

Orientador: João Leite Ferreira Neto  
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

1. Psicologia do adolescente. 2. Subjetividade. 3. Adolescentes. 4. MSN. I. Ferreira Neto, João Leite. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU: 159.922.8

*Carla Costa Barros*

*ADOLESCÊNCIA E MSN: O arranjo tecnológico da intimidade*

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

---

Prof. Dr. João Leite Ferreira Neto – PUC Minas (Orientador)

---

Prof. Dr. Carlos Henrique Rezende Falci - UFMG

---

Profa. Dra. Márcia Stengel – PUC Minas

Belo Horizonte, 12 de março de 2010

## *AGRADECIMENTOS*

Acredito que a gratidão seria a expressão mais sublime e cristalina do amor. Que a simplicidade desse gesto represente a nobreza desse sentimento.

O primeiro agradecimento é para o grande arquiteto do universo, que distribui amor em todas suas obras. Aos meus pais, Helcio e Eva, por me receberem com carinho, dando-me a oportunidade maravilhosa e abençoada de crescer e amadurecer para a vida. Ao meu irmão Bruno e demais familiares, mestres, colegas e amigos que fizeram parte de cada ano de minha trajetória existencial, co-responsáveis pela minha chegada até aqui...

Ao meu querido companheiro e amor da minha vida, Ronald, que se juntou a minha caminhada, potencializando todos os atributos positivos dos meus sentimentos de amor, carinho e amizade; compondo em meu território subjetivo formas, cores e construções inéditas. Por acreditar e apostar em mim (muitas vezes mais do que eu mesma). Essa conquista é toda sua, Dim!

Aos amigos fraternos, que estão - e são verdadeiramente - “presentes” em minha vida, que compartilham e compartilharam de todo esse processo acadêmico.

Aos meus queridos pacientes, colegas de trabalho e alunos que me inspiraram pensamentos e reflexões que foram verdadeiros motores para minha caminhada acadêmica. Um agradecimento carinhoso a todos os mestres que fizeram parte do meu (per)curso na graduação deixando lições fundamentais para meu crescimento.

E nessa extensão acadêmica, meus sinceros agradecimentos ao corpo docente do mestrado e seus colaboradores; aos colegas da comunicação pelo precioso aprendizado. Um agradecimento especial àquele que se movimentou pelo meu território subjetivo, configurando-se como verdadeiro exemplo de humanidade, humildade e sabedoria: João Leite... A vida sempre foi muito cuidadosa comigo e as figuras humanas que dela fazem parte me deixam valiosos ensinamentos. Que você receba, João, através de todo esse trabalho o sincero sentimento de gratidão e admiração por você ter feito parte desta história.

## **RESUMO**

Essa dissertação relata um estudo sobre os novos formatos da subjetividade contemporânea que se fazem presentes no agenciamento adolescente-MSN. O principal objetivo dessa pesquisa era cartografar os processos de subjetivação que estão emergindo com o advento das novas tecnologias. Os dois procedimentos metodológicos utilizados foram: uma entrevista individual com seis adolescentes e uma conversa *online* pelo MSN entre a entrevistadora e os sujeitos entrevistados. Sob a perspectiva das teorias das artes da existência, técnicas e escritas de si de Foucault (2004) e da teoria de agenciamento de Deleuze e Guattari (1995) avaliamos os modos de subjetivação que estão surgindo na atualidade, através das escritas digitais de si. De modo conclusivo, foi possível constatar que as novas experiências tecnológicas de si estão gerando processos de subjetivação voltados para acessibilidade, objetividade, dispersão e criação. Na finalização de nosso trabalho procuramos discutir os novos fluxos e os entrelaçamentos contemporâneos que essa rede tecnológica de relacionamentos está promovendo na experiência do arranjo tecnológico da intimidade, protagonizado pelos adolescentes e pelo MSN. Além de tecermos algumas reflexões sobre a subjetividade contemporânea, que parece estar vivendo uma fase muito semelhante àquela que precede a entrada dos sujeitos na adolescência. A puberdade social em que estamos envolvidos promove alterações sutis, contínuas e dispersas em todo nosso corpo social. Estudá-las, pesquisá-las e discuti-las é uma das formas de compreendermos as transformações que estamos vivenciando.

**Palavras-chave:** Subjetividade. Agenciamento. Adolescentes e MSN.

## ***ABSTRACT***

This dissertation reports a study about the new formats of contemporary subjectivity that are present in the agency teenager-MSN. The main objective of this research was to map the processes of subjectivity that are emerging with the advent of new technologies. The two methodological procedures used were: an individual interview with six teenagers and an online chat on MSN between the interviewer and interviewees. From the perspective of the theories of the arts of existence, techniques and writings of itself by Foucault (2004) and agency theory by Deleuze and Guattari (1995) it was evaluated the forms of subjectivity that are appearing, *in the present time*, through the digital writings of itself. In a conclusive way, it was possible to establish that new technological experiences of itself are producing more accessible, objective, dispersed and creative people. At the completion of this work it was discussed the new flows and contemporaries interlacements that this technological network of relationships is promoting in the experience of the technological arrangement of intimacy, carried out by teenagers and MSN. Besides it was made some reflections about the contemporary subjectivity, which seems to be living a phase very similar to that which precedes the entrance of people in adolescence. The social puberty we are involved in promotes subtle, continuous and dispersed changes throughout our social body. Study them, research them and discuss them is one of the ways to understand the changes that we are experiencing.

***Keywords:*** Subjectivity. Agency. Teenagers and MSN.



## ***LISTA DE SIGLAS***

ARPA- *Advanced Research Projects Agency*

MSN - *Microsoft Network*

TIC's – *Tecnologias de Informação e Comunicação*

MUD – *Multi-User Domains*

IM – *Instant Messenger*

ICQ – *Abreviação inglesa da frase “I seek You”*

AOL – *América Online*

IRC – *Internet Relay Chat*

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>08</b>
<b>2</b>	<b>PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE: TÉCNICAS, CAMPOS E SABERES .....</b>	<b>13</b>
2.1	Máquinas humanas e cibernéticas: veículos de subjetivação .....	22
2.2	O campo da subjetividade e do agenciamento .....	28
2.3	O campo de pesquisa: adolescência e MSN .....	42
<b>3</b>	<b>MSN E ADOLESCÊNCIA: A INTIMIDADE EM EVIDÊNCIA .....</b>	<b>53</b>
3.1	Primeiro tema: Experiências tecnológicas de si .....	63
3.2	Segundo tema: MSN: local de encontros com a subjetividade.....	75
3.3	Terceiro tema: alguns processos de subjetivação .....	85
<b>4</b>	<b>OS SUJEITOS DA INTERFACE CONTEMPORÂNEA .....</b>	<b>93</b>
4.1	Escritas digitais de si: depoimentos, constatações e saberes .....	98
4.2	As tecnologias de subjetividade na interface MSN .....	111
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>125</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>130</b>
	<b>APÊNDICE .....</b>	<b>138</b>

## 01 - INTRODUÇÃO

O mundo contemporâneo, por meio da interação dos indivíduos com os diversos tipos de artefatos tecnológicos, tem protagonizado alterações fundamentais nos hábitos e costumes de toda uma geração. Essa nova composição humana e técnica faz-se presente no fato de inúmeras pessoas passarem boa parte de seu dia na frente das telas de seus computadores, o que promove mudanças consideráveis na subjetividade. Os sujeitos da atualidade estão experimentando outras formas de se movimentar pelo tempo, pelo espaço e pelos lugares. O mundo *online* inaugurou uma nova arquitetura espaço-temporal, que tem alterado profundamente os modos de vida. A presença dos computadores pessoais no cotidiano proporciona experiências humanas mescladas a composições técnicas.

Os computadores não se limitam a fazer coisas por nós, fazem-nos coisas a nós, incluindo às nossas formas de pensar acerca de nós próprios e das outras pessoas. [...] As pessoas recorrem explicitamente aos computadores em busca de experiências que possam alterar as suas maneiras de pensar ou afectar a sua vida social e emocional. (TURKLE, 1997, p. 37).

Esse cenário híbrido tem como uma de suas principais protagonistas a internet. Oriunda de pesquisas da “*Advanced Research Projects Agency*” (ARPA), do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, a partir da década de 1970, ela surgiu com o intuito de impedir a tomada ou destruição do sistema de comunicação norte-americano pelos soviéticos, em caso de guerra nuclear. Inicialmente, foi denominada de ARPANET, cuja idéia principal era a de descentralizar o controle das informações, em uma espécie de programa que interligasse diversas redes de computadores, autônomas e com diferentes formas de conexão. Já na década de 1980, o uso constante da ARPANET com finalidades militares e de pesquisas científicas fez convergir várias redes, que permaneciam interconectadas. Essas interconexões formaram uma espécie de rede de redes, denominada ARPA-INTERNET, mais tarde conhecida apenas como internet. Finalmente, na década de 1990, houve a grande eclosão da internet para além dos muros das instituições governamentais. Com a quebra de fronteiras em nível mundial, a humanidade passou a testemunhar constantes e inéditas revoluções advindas das tecnologias digitais e de informação.

O foco principal do presente trabalho é investigar a relação sujeito-máquina, diante do advento das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). Negligenciar as mudanças promovidas na ordem subjetiva pela combinação humana e técnica seria ignorar transformações cruciais em nossa história. A relação dos indivíduos com as máquinas técnicas são, desde o início dos tempos, elementos engendradores de novos contextos, sejam eles sociais, históricos, econômicos, culturais ou subjetivos.

Foi isso, por exemplo, o que aconteceu quando, no século XIX, um novo contexto social - construído na Revolução Industrial - introduziu novas formas de pensar, de sentir e de existir para os homens, mulheres e crianças daquela época. Parece ser isso o que está ocorrendo novamente nos dias atuais, quando complexas transformações sociais colocam nossos contemporâneos diante de novas e desconhecidas experiências de vida. (LEITÃO; NICOLACI-DA-COSTA, 2003, p. 422).

Para compreender os novos arranjos subjetivos produzidos na combinação entre os aspectos técnicos e humanos, temos como ponto de partida o conceito de subjetividade, desenvolvido por Deleuze e Guattari (1997). Tal concepção desconsidera o dualismo moderno introduzido por René Descartes, em 1637, com seu método de estudo centrado nos conceitos de sujeito e objeto. Levando-se em conta, principalmente, o fato de que os elementos ora investigados não apresentam tais possibilidades de demarcação, resolvemos utilizar outras correntes teóricas que melhor preencham nossas intenções de estudo. O trabalho que Deleuze e Guattari desenvolveram entre as décadas de 1980 e 1990 ocupa “uma posição de destaque nas discussões sobre as mudanças sociais que deram origem à contemporaneidade” (NICOLACI-DA-COSTA, 2005b, p.366). Tal fato faz com que seus conceitos sejam aqui utilizados, de forma pontual.

Considerando a visão de autores que comparam as transformações vivenciadas durante a Revolução Industrial com as que estamos vivendo na atualidade, na revolução digital, devemos refletir acerca dos novos formatos de conhecimento promovidos no mundo contemporâneo. A dualidade moderna talvez não seja a melhor forma de pensar as questões atuais. O hibridismo e a quebra de fronteiras proporcionadas pelas novas tecnologias instigam a pensar de outra maneira. Sujeito e máquina, ao se acoplarem, formam outro tipo de composição existencial. Corpos tecnológicos e humanos, em novos e inéditos arranjos, compõem outro cenário em nossa sociedade. Passamos a pensar não em sujeitos e máquinas, mas no sujeito-máquina, no arranjo tecnológico da

subjetividade. A virada do século XX para o século XXI tem protagonizado uma história de constantes avanços e transformações na vida social, em seus aspectos técnicos, humanos, culturais, econômicos, sociais, entre outros.

Pensando na internet como novo espaço de circulação de informações do século XXI e evidenciando as constantes transformações em suas interfaces associadas aos serviços por ela oferecidos, investigaremos, neste trabalho, uma de suas ferramentas, destinada à comunicação instantânea, que tem propiciado novas formas de relacionamentos, conversas e encontros. Após sua popularização, a internet passou a oferecer variados tipos de serviços, que incluem desde a localização eletrônica de instituições públicas e privadas, com finalidades de consulta ou prestação de serviços, até compras, pesquisas, estudos e entretenimento.

A ferramenta que iremos estudar neste trabalho é o MSN *Messenger*, ou apenas MSN, sigla usada pela *Microsoft Network* para denominar seu comunicador instantâneo. Esse aplicativo permite a troca sincrônica de conteúdo, a partir do envio e do recebimento de mensagens de texto. Nele, o usuário é informado quando um ou mais de seus amigos, cadastrados em sua lista de contatos, estão *online*, isto é, conectados à rede. A partir daí, eles podem manter conversações por mensagens de texto recebidas e enviadas em um intervalo de poucos segundos. Programas como esse incorporam também outros recursos, como: envio de figuras ou imagens animadas, conhecidos como *emoticons*; conversação em áudio, com utilização das caixas de som e microfone do sistema; vídeo conferência com *webcam*. O MSN foi lançado pela *Microsoft Corporation* em 1994. Sua interface diferenciada trazia atrativos que rapidamente foram apreciados e utilizados, especialmente pela geração juvenil. Desde então, a *Microsoft* atualiza a interface do MSN a cada ano, com o intuito de oferecer inovações e instrumentos que se enquadrem à demanda de seu público.

A título de ilustração, apresentaremos abaixo as principais funções do MSN e a forma como são utilizadas pelos sujeitos desta pesquisa: os adolescentes. Os usuários do MSN têm a possibilidade de anexar inúmeros contatos em sua rede de relacionamentos. Esses contatos são, normalmente, organizados em arquivos cujas pastas determinam a origem de suas relações, definindo de quais grupos fazem parte: escola, amigos, favoritos, clube, etc. Outra função do programa é permitir que seus usuários definam seu *status* do momento como disponíveis ou ocupados, podendo também se colocar invisíveis na rede. Podem ainda escrever mensagens curtas na frente de seu nome,

evidenciando alguma situação pessoal que estejam vivendo ou sentindo, como é possível vislumbrar no quadro abaixo:



Tendo definido seus grupos de relacionamentos, os adolescentes, ao acessarem a internet para trabalho, estudo ou entretenimento, ativam o *link* do MSN e começam a conversar com os demais usuários *online*. Ao iniciarem suas conversas instantâneas, utilizam “janelas”, que permitem várias conversas ao mesmo tempo, com a opção, ainda, de compartilhar uma mesma conversa entre mais de duas pessoas. Existem, basicamente, dois tipos de quadros presentes nas conversas *online*: um que permite a visualização de toda a conversa e outro onde as mensagens são escritas para serem enviadas. Na interface do MSN, também há ícones que oferecem várias possibilidades de personalizar as conversas. Durante o tempo em que se comunicam *online*, os usuários podem, pela barra de ferramentas (figura abaixo), convidar pessoas para participar de determinado grupo de conversa, anexar e trocar arquivos, estudar e discutir algum trabalho, além de utilizar *emoticons* como expressão de gestos ou sentimentos.

---

<sup>1</sup> Figura retirada do site [www.msnmessenger.com.br](http://www.msnmessenger.com.br), na apresentação da versão eletrônica do Messenger 2009. Interfaces antigas apresentam algumas alterações, mas elas não alteram suas principais funções.



Procurando compreender esse novo arranjo nos relacionamentos e nas conversas que vem sendo construído pelo MSN, utilizamos, para a pesquisa, dois procedimentos metodológicos: uma entrevista individual com seis adolescentes e uma conversa *online* entre a entrevistadora e os entrevistados.

O primeiro capítulo do trabalho traz uma discussão sobre a articulação dos aspectos técnicos e humanos na formação da subjetividade contemporânea, especialmente em relação aos adolescentes e o MSN. No segundo capítulo, apresentamos os resultados da entrevista individual com os adolescentes, com realce para a produção de subjetividade protagonizada pelo arranjo adolescente-MSN. Finalmente, no terceiro capítulo, apresentamos os dados obtidos na conversa *online* entre os adolescentes e a entrevistadora, com destaque para as novas composições subjetivas que a interface do MSN em parceria com a subjetividade adolescente tem produzido. Uma reflexão final irá aportar o trabalho em um campo de conhecimento inovador e instigador, com inúmeras possibilidades de questionamentos, pesquisas e posteriores estudos.

## 2 – PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE: TÉCNICAS, CAMPOS E SABERES

Para iniciar a discussão sobre a subjetividade que vem sendo produzida a partir das novas tecnologias de informação da contemporaneidade, faz-se necessário, primeiramente, uma breve apreciação do conceito de técnica e da forma como iremos utilizá-la na análise do arranjo sujeito-máquina. Posteriormente, uma segunda tarefa é igualmente relevante para o desenvolvimento de nossas discussões: a definição do conceito de sujeito como algo processual e em constante transformação.

Segundo Peter (1983), na concepção filosófica, técnica deriva do grego *technê*, considerada por Platão como qualquer “habilidade no fazer”. Apesar de Platão, em outros momentos, também considerar a técnica como um tipo de arte, a idéia geral que permanece é a de técnica como modo pré-determinado do “fazer”. Marcondes Filho (2004), por sua vez, explica que o significado de técnica, segundo a origem grega, está relacionado ao “conhecimento do universal e aplicação prática, com predominância do primeiro sobre o segundo [...]” (MARCONDES FILHO, 2004, p. 364). Considerando o fato de que a técnica é, antes de tudo, forma ou maneira desenvolvida e constantemente aprimorada pelos indivíduos com o intuito de dominar a natureza e desenvolver a sociedade, temos, com o advento das tecnologias de informação, o desafio de pensar o arranjo sujeito-máquina na contemporaneidade.

Diante dos avanços do campo tecnológico representados, efusivamente, pelas TIC, devemos perguntar, em primeira instância, qual seria o papel ou a função da técnica para os indivíduos da contemporaneidade. Seria ela mero instrumento criado para se atingir determinados fins? Aliás, seria a técnica um meio ou um fim em si? Como pensá-la e concebê-la diante das sutis interferências que as recentes descobertas científicas, no campo das tecnologias de informação, por exemplo, têm ocasionado em corpos, sentimentos e pensamentos, sensações, relações e desejos?

Para avançarmos em nossas reflexões, precisamos definir a forma como entendemos esse conceito. Se Heidegger (2002) concebe técnica como uma maneira de o homem demonstrar a intenção de seu ato para só depois realizá-lo, podemos extrair desse raciocínio a principal argumentação para a contestação da neutralidade da técnica. Poderíamos elencar exemplos que ilustrariam não somente a parcialidade presente nas



diversas máquinas inventadas pela humanidade, como também as inúmeras composições e transformações que elas evocaram no transcorrer de sua história.

Haveremos sempre de ficar presos, sem liberdade, à técnica tanto na sua afirmação como na sua negação apaixonada. A maneira mais teimosa, porém, de nos entregarmos à técnica é considerá-la neutra, pois essa concepção, que hoje goza de um favor especial, nos torna inteiramente cegos para a essência da técnica. (HEIDEGGER, 2002, p.11).

Marcondes Filho (2004), ao comentar sobre a teoria de Heidegger (2002), evidencia sua proximidade quanto ao pensamento contemporâneo, apesar de criticar a opção do autor de discorrer sobre a técnica em um sentido mais abstrato.

A abordagem heideggeriana da técnica é, sem dúvida, a que atinge mais fundo a sociedade contemporânea, especialmente por se instalar numa dimensão além dos instrumentos, por não considerá-los neutros, por colocar, enfim, a técnica como a consecução de um processo que vem desde a origem do pensamento metafísico, na Antiguidade Clássica. (MARCONDES FILHO, 2004, p. 374).

Lévy (1993) afirma que, apesar de a técnica ser concebida, muitas vezes, não só no cotidiano como em correntes do pensamento científico, como elemento neutro, ela não poderia ser vista dessa forma.

Muitas vezes ouvimos dizer que a técnica em si mesma não é nem boa nem má, e que tudo o que conta é o uso que fazemos dela. Ora, ao repetir isto, não nos apercebemos que um circuito impresso já é um “uso”; o uso de uma matéria-prima (o silicone), de diversos princípios lógicos, dos processos industriais disponíveis, etc. (LÉVY, 1993, p.59).

Com essa afirmativa, Lévy (1993) anula a noção de neutralidade da técnica, evidenciando que, em sua constituição, ela absorve elementos que, posteriormente articulados, já definem por si só sua condição e disposição de uso. Assim, podemos compreender que a técnica se constitui tanto um meio como um fim.

É meio quando sua posição é a de mediar, promover e provocar qualquer ação, e fim quando define, no próprio processo de criação, sua condição de uso. Os trens, os automóveis e os aviões foram criados para amplificar a capacidade de locomoção dos indivíduos – esta é sua finalidade. Tornam-se meio de fuga, de deslocamento ou de entretenimento de acordo com a maneira como são utilizados. O mesmo raciocínio pode

ser aplicado para as novas TIC, criadas principalmente para armazenar, processar e compartilhar informações e conhecimentos em uma conexão global. Tanto a criação quanto o uso das novas TIC promovem alteração em aspectos sociais, técnicos, subjetivos, culturais, econômicos, sociais e criativos. A técnica, portanto, ao se articular aos elementos humanos, não só promove transformações, como também é constantemente transformada, aprimorada e adaptada. Tal fato é facilmente percebido através dos avanços que ela vem protagonizando ao longo da história.

Desde a época de Platão, a técnica era entendida como modo pré-determinado do fazer, que já encerra em si sua viabilidade. No ato de criação, já possuiria elementos que determinam sua disponibilidade de uso. Entretanto, é válido realçar que a existência prévia de uma demarcação no uso da técnica não significa que ela encerre todas as suas possibilidades. Isso quer dizer que a técnica determina sua finalidade, sua condição e viabilidade de uso, mas não define todas as formas e circunstâncias em que será utilizada. É nesse momento que a idéia de arranjo sujeito-máquina se faz presente, pois a articulação das máquinas humanas e técnicas compõem cenários diferenciados, que promovem processos e transformações variados em ambos os elementos.

Heidegger (2002), ao tratar da questão da técnica, evidencia o papel que ela exerce em seu próprio ato de criação, argumentando que de modo algum ela poderia ser concebida como neutra. As catapultas da Idade Média já possuíam, em seu processo de engenharia, suas condições de uso, servindo aos cidadãos da época como ferramentas preciosas de ataque declarado aos inimigos de suas nações. As máquinas a vapor da Idade Moderna, por sua vez, determinaram fundamentalmente a ampliação da capacidade humana de locomoção e movimento. As próprias máquinas de inteligência da contemporaneidade exerceram e continuarão exercendo, em velocidade cada vez maior, uma nova condição de se pensar, ver, ouvir e estar no mundo.

Levy (1993) não só realça os aspectos determinantes da técnica como evidencia o estatuto de usuário que as próprias máquinas técnicas atingem ao fazerem uso e se apropriarem de elementos como o silicone, exemplo dado pelo autor. Na contemporaneidade, em um processo de criação compartilhada, vários elementos dos coletivos pensantes, como as fibras óticas e o lítio, vêm sendo utilizados pelas máquinas humanas e técnicas com a determinação, cada vez mais intensa, de acelerar informações, diminuir distâncias e conectar a aldeia global que o mundo se tornou. Se, por um lado, compreendemos a técnica como maneira predeterminada e contextualizada

do fazer e do executar, sem definir, contudo, todas as suas possibilidades de uso, por outro lado, devemos perguntar quais seriam os outros elementos engendrados desse processo de transformação do qual ela faz parte.

Para continuarmos nossas reflexões, torna-se necessário o desenvolvimento de outro conceito fundamental para o trabalho: as máquinas. Para Deleuze e Guattari (1995), elas representam os coletivos pensantes e atuantes no mundo, que incluem da celulose aos homens que promulgam as leis em papéis de valor jurídico, das fibras óticas aos globos oculares que as utilizam ao penetrarem a realidade eletrônica. Os autores atentam ainda para o cuidado de não associar a palavra “máquina” ao fazer puramente tecnicista.

Com efeito, o sentido corrente da palavra resulta de uma abstração pela qual se isola a máquina técnica das condições de seu surgimento e de seu funcionamento (homens, eventualmente animais, tipo de sociedade ou de economia etc.). A máquina é, portanto, social antes de ser técnica, ignora a distinção entre sua produção e seu funcionamento, e não se confunde de forma alguma com um mecanismo fechado. (ZOURABICHVILI, 2004, p. 30).

Santaella (1997), partindo do campo de conhecimento da comunicação, refere-se à palavra “máquina”, obviamente, de forma menos filosófica. Contudo, seu conceito torna-se muito pertinente à presente discussão por abranger e, ao mesmo tempo, convergir os aspectos humanos e os não-humanos. Inicialmente, ela diferencia o termo “utensílios” de “ferramentas”: enquanto os primeiros são produzidos com a finalidade única de serem usados, “[...] as ferramentas são artefatos projetados como meio para se realizar um trabalho ou uma tarefa” (SANTAELLA, 1997, p.33).

Ferramentas podem ser compreendidas, portanto, como tipo engenhoso de prolongamento das habilidades humanas. Nesse sentido, máquinas são espécies de ferramenta, visto que são também projetadas como meio para se atingir certo propósito. Diferentemente das ferramentas, contudo, as máquinas apresentam certo nível de autonomia no seu funcionamento. (SANTAELLA, 1997, p.33).

Desenvolvendo ainda o conceito de máquina, Santaella (1997) afirma que, em sentido genérico, as máquinas podem ser compreendidas como um tipo de corpo material ou imaterial que se aplica a determinadas formas de construção ou organização. Essa organização é formada por várias partes interconectadas que, quando em movimento, produzem um tipo de trabalho que compõe uma unidade. É nesse momento

que a autora faz uma analogia entre o corpo ou o cérebro humano e as máquinas. Ao traçar uma história evolutiva sobre essas últimas e suas funções motoras, sensoriais e cerebrais, apresenta, de forma sutil, o imbricamento cada vez maior entre os aspectos humanos e não-humanos e a forma como vão se transformando em aspectos maquínicos.

Antes da Revolução Industrial, por exemplo, as máquinas estabeleciam relações estreitas com os componentes humanos, “limitando-se a truculentos artefatos, do tipo de uma catapulta, ou a instrumentos, tais como os de tortura, o relógio e alguns instrumentos de pesquisa como o telescópio [...]” (SANTAELLA, 1997, p. 34). A partir da Revolução Industrial, esse cenário começou a sofrer profundas e irrevogáveis alterações: “as máquinas, introduzidas pela Revolução Industrial, maravilharam os nossos antepassados porque eram capazes de substituir a força física do homem” (SANTAELLA, 1997, p. 35). A Revolução Industrial foi, portanto, um marco na história da humanidade, alterando profundamente as condições de vida da sociedade. A partir daí, a linha de evolução do conhecimento e do desenvolvimento humano atingiu trajetória infinitamente progressiva. Santaella (1997) apresenta as transformações subjetivas promovidas pelas máquinas sensoriais e, finalmente, pelas máquinas cerebrais, representadas pelo advento dos computadores. As máquinas sensoriais ampliaram os sentidos humanos. Dotadas de uma inteligência sensível, as máquinas fotográficas e cinematográficas trouxeram aos sentidos experiências sensoriais até então desconhecidas. Já as máquinas cerebrais introduziram uma forma diferenciada de trabalhar e desenvolver os impulsos elétricos: “com o computador digital deu-se por inventado um meio para a imitação e simulação de processos mentais” (SANTAELLA, 1997, p. 39).

Esse imbricamento entre aspectos técnicos e humanos foi produzindo variados modos de subjetivação na vida social. As pessoas passaram a experimentar e vivenciar situações diferenciadas, promovendo mudanças consideráveis em seus pólos territoriais de existência. No presente trabalho, a linha de pensamento atribui ao conceito de máquina um estatuto social: as máquinas possuem, antes de tudo, caráter sócio-humano. Homem e técnica não são, aqui, compreendidos de modo dualista, como sujeitos e objetos, mas como verdadeiras máquinas engendradoras de um processo contínuo de transformações, presente em todos os aspectos de nossa organização social.

Alguns autores do campo científico já adentraram esse instigante campo das tecnologias de informação, procurando compreender e identificar transformações subjetivas e sociais produzidas na atualidade. A pesquisadora norte-americana Sherry Turkle (1997), por exemplo, busca investigar os novos formatos da identidade na era da internet. Em uma análise criteriosa sobre o uso dos jogos de simulação da vida real, presentes na internet e compartilhados por usuários de todo o mundo, a autora amplifica a idéia da interferência dessas novas tecnologias no indivíduo, apontando para a complexidade de se tentar compreender a relação do sujeito com a máquina. Porém, sua visão teórica embasa-se em um discurso dualista, que compreende sujeito e máquina como elementos distintos.

À medida que os seres humanos se confundem cada vez mais com a tecnologia e uns com os outros através da tecnologia, as velhas distinções entre o que é especificamente humano e o que é especificamente tecnológico tornam-se mais complexas. (TURKLE, 1997, p. 30).

A tentativa de compreender o acoplamento entre os aspectos técnicos e humanos e sua interferência na vida em sociedade, principalmente no que se refere ao advento das novas TIC, encontra seu maior desafio na forma conceitual como alguns termos são compreendidos pelas variadas correntes de pensamento. Entre esses termos, podemos citar: sujeitos e máquinas, sistemas humanos e cibernéticos, dimensões orgânicas e inorgânicas. Neste trabalho, não buscaremos evidenciar prováveis distinções entre o especificamente humano e o tecnológico, como nos aponta Turkle (1997). Os aspectos humanos e tecnológicos de informação são, antes, constituições veiculares que produzem subjetividades em processo contínuo, que pretendemos mapear e analisar. Em nosso trabalho, o termo “tecnologia” representa a forma como as máquinas humanas e cibernéticas estão produzindo e reproduzindo conhecimento e subjetividades. Os variados campos do conhecimento presentes hoje em nosso corpo social são verdadeiras tecnologias do pensamento e desenvolvimento técnico-humano.

Lévy (1993), ao se referir às tecnologias de inteligência, diz que a sociedade apresenta uma maneira peculiar de progresso, produção e conhecimento. Para ele, tecnologia é uma forma de fazer, produzir e reproduzir conhecimento. Aqui, podemos evidenciar as diversas tecnologias que nossa história protagonizou desde as épocas mais remotas, como a invenção da roda - que é muito mais que um símbolo da evolução do

homem, aludindo a um novo formato de vida em sociedade e à apropriação técnica e humana da natureza - até exemplos recentes de avanço tecnológico e biotecnológico, que têm interferido em nossas subjetividades, em nossos corpos e organismos, mentes e sensações.

Castells (1999), quando se propõe a analisar o aspecto social das tecnologias de informação, também afirma que:

[...] a dimensão social da revolução da tecnologia da informação parece destinada a cumprir a lei sobre a relação entre a tecnologia e a sociedade proposta algum tempo atrás por Melvin Kranzberg: “A primeira lei de Kransberg diz: A tecnologia não é nem boa, nem ruim e também não é neutra.” (CASTELLS, 1999, p. 119).

Tendo demonstrado a não-neutralidade da técnica diante do desenvolvimento da vida em sociedade, podemos, a partir de agora, fazer referências às transformações que as tecnologias suscitaram em nosso aspecto individual e no corpo social. As tecnologias energéticas, por exemplo, proporcionaram mudanças no estilo de vida do século XVIII, em hábitos e costumes cotidianos e no mundo do trabalho, da economia e da cultura – recebendo este período o nome de Revolução Industrial. Castells (1999) faz uma analogia entre os efeitos provocados pelas tecnologias energéticas da Revolução Industrial e os evocados pelas tecnologias cibernéticas da contemporaneidade.

Podemos definir a cibernética (nome derivado de uma palavra grega que significa “dirigir”) como a ciência do controle por meio de máquinas de informação, sejam estas máquinas naturais, como as máquinas orgânicas ou artificiais. (RUYER, 1972, p.1).

As máquinas cibernéticas de informação possuem características peculiares em seu processo de engenharia e em seu uso e sofisticação. As tecnologias de informação são, portanto, as máquinas do século XX e XXI, começando a engendrar outro tipo de revolução, que ultrapassa os efeitos da Revolução Industrial. As tecnologias de informação, além de causarem uma revolução em modos de vida, hábitos e costumes de toda uma geração, alteram também o processamento, a absorção e a circulação de notícias, informações e conhecimento. Corpos humanos e cibernéticos passaram a fazer parte da nova rede tecnológica de informação e conhecimento do século XXI.

Castells (1999), em seu prólogo sobre “A Rede e o Ser”, aborda a interação entre sociedade, história e tecnologia. Ao falar sobre “o ser na sociedade informacional”, faz um passeio teórico sobre a interferência da tecnologia de informação no ser humano. Aponta a idéia de que, na “pré-história” das sociedades informacionais, reinava a noção de identidade, de que o ser humano construía grupos homogêneos que poderiam interagir entre si e com outros não necessariamente parecidos. Porém, quando se refere a Alain Tourraine, o autor passa a contemplar outra amplitude do conceito de identidade, verificando a fragmentação imposta ao mesmo. Não se atendo somente a essa visão, Castells (1999) aponta movimentos reacionários que buscam a recuperação de identidades nacionais, como o racismo e a xenofobia, altamente difundidos na Europa após o advento da era informacional e sua lógica de rede. Esses são alguns exemplos citados pelo autor com o intuito de realçar os efeitos que as novas tecnologias de informação, com suas peculiaridades de troca, velocidade e compartilhamento, estão evocando nos corpos de nossa vida social. Castells (1999) também cita Raymond Bargelow e sua visão psicanalítica social, que associa a busca pela conectividade a um desejo de identidade partilhada, após expressivo isolamento e sentimento de solidão gerados pelas tecnologias mecanicistas. Porém, é na abordagem da lógica de funcionamento da sociedade em rede que o autor evidencia a tendência de exclusão de uma identidade coletiva ou individual gerada pelo advento dessa tecnologia e sua conexão, em nível global.

Ainda no tema da revolução tecnológica, cumpre realçar que sua principal característica apontada por Castells (1999) não seria apenas a possibilidade de centralizar informações e conhecimentos, mas sua plasticidade de gerar conhecimentos e informações. A sociedade em rede traz consigo uma idéia de tecnologia até então não desenvolvida por nenhum outro instrumento – a de oferecer ao usuário a condição de criador e inventor.

Em seu trabalho mais recente, em pesquisa extensivamente realizada nos grandes continentes mundiais, Castells (2005) apresenta uma nova roupagem para a sociedade atual. Seis anos depois de nomeá-la “sociedade em rede”, o autor denomina-a “sociedade móvel”. A mobilidade adquiriu, recentemente, *status* tal que tem interferido bruscamente na condição de vida e relacionamento das pessoas, alterando conceitos básicos como o de tempo e espaço. Não precisamos nos esforçar para concluir que Castells não para de ressignificar a sociedade, como seus sucessores e os pesquisadores

que se propuserem a compreender o que a velocidade das transformações das novas tecnologias de informação está gerando na subjetividade.

O campo das tecnologias de informação é semelhante a uma lupa científica, que pode ser utilizada por diversos pensadores. Castells é um dos pensadores que a utilizam para estudar a sociedade, a economia e o sistema de produção da contemporaneidade. Seus estudos colaboram consideravelmente para a compreensão das novas configurações subjetivas. Porém, seu caráter generalista incita-nos a buscar outros pontos de vista.

No campo da comunicação, McLuhan (2000) é um dos que defende a idéia de que os meios tecnológicos representam muito mais que simples objetos ou instrumentos de uso de determinada sociedade. Para ele, seriam um tipo de ferramenta que, além de servir para o homem dominar seu meio, funcionaria como modelador do próprio ser humano, representando uma extensão do homem. Podemos confirmar a teoria de McLuhan (2000) ao observar os domínios que as máquinas energéticas exerceram em toda a modernidade. As pessoas tiveram sua capacidade de locomoção, movimento, trabalho físico e comunicação consideravelmente ampliadas com o surgimento do maquinário industrial. Santaella (1997), ao se referir às transformações que as máquinas sensoriais evocaram na vida social, afirma que elas são, realmente, conforme as

[...] caracterizou McLuhan (1972) como verdadeiros prolongamentos ou extensões dos órgãos dos sentidos, simulando seu funcionamento. Mas, ao simular esse funcionamento, os aparelhos extensores se tornaram capazes de produzir e reproduzir entidades inauditas que viriam provocar modificações profundas na própria paisagem do mundo. (SANTAELLA, 1997, p.37).

Essas modificações paisagísticas do mundo contemporâneo podem ser percebidas nas novas telas digitais que plasmam, diante dos olhos e dos corpos humanos, inusitados formatos e diferenciadas visões de mundo. Aventurando-nos por uma navegação científica pelo mundo *online*, buscamos mapear novas produções de subjetividade resultantes dessa nova arquitetura dos sentidos e dos signos humanos.

Por cada passo em frente no uso instrumental duma tecnologia (aquilo que a tecnologia pode fazer por nós), há efeitos subjectivos a considerar. A tecnologia muda a nossa natureza enquanto pessoas, muda as nossas relações e a percepção que temos de nós mesmos. [...] Embora não nos forneça respostas fáceis, a vida on-line fornece-nos, isso sim, novas lentes através das quais podemos examinar as complexidades actuais. (TURKLE, 1997, p. 346).



## 2.1– Máquinas humanas e cibernéticas: veículos de subjetivação

E quando digo “maquínico”, não me refiro a mecânico, nem necessariamente a máquinas técnicas. As máquinas técnicas existem, é claro, mas há também máquinas sociais, máquinas estéticas, máquinas teóricas e assim por diante. (GUATTARI e ROLNIK, 1986, p. 239).

Nas páginas anteriores, explicitamos o papel das máquinas diante da composição e produção da subjetividade, através dos tempos. Neste tópico, serão discutidos dois temas fundamentais para a análise de nossa pesquisa: as transformações peculiares produzidas pelas tecnologias de informação e a concepção das máquinas humanas e cibernéticas como veículos de subjetivação, engendrades da subjetividade contemporânea. As novas TIC têm atravessado os relacionamentos sociais da contemporaneidade, promovendo outros tipos de subjetividade. O MSN, por exemplo, protagoniza outros formatos de relacionamento e comunicação. Em arranjo com os adolescentes, promove novas composições no pensamento, na escrita, na fala e no relacionamento humano.

Entre o final do século XX e o início do século XXI, a vida experimentou uma profunda alteração sob o domínio tecnológico do espaço e do tempo. Entende-se por tecnologias de informação todas as máquinas que possuem caráter de comunicabilidade e interatividade. Advindas da era digital, como aponta Santaella (2003), elas revolucionaram inúmeros campos, saberes e mesmo o cotidiano da vida social. A revolução evocada pelas tecnologias de informação transformou, inicialmente, alguns conceitos convencionais. A noção de tempo e espaço, por exemplo, modificou-se após o advento da mobilidade. A autora ainda compara a cultura de massas à era digital, afirmando que esta última pode ser considerada “o esperanto das máquinas”. Enfatizando que essa seria a época que mais aproximou o sujeito da máquina, ela realça a interferência que as tecnologias evocam na cultura: “nenhuma tecnologia anterior havia penetrado em nós com tanta intimidade” (SANTAELLA, 2003, p.101).

Dando continuidade aos estudos sobre as transformações subjetivas que os diversos tipos de máquinas promoveram em determinados contextos sócio-históricos, iremos encontrar na teoria de Santaella (2003) a convergência de campos de conhecimento entre informação, comunicação e suas conseqüências nas relações

humanas. A autora executa um passeio pelas transformações culturais evocadas pelas novas tecnologias, dividindo-as em seis eras. A cultura de massas, produzida pela sociedade industrial, teria sua maior representatividade no jornal, no telégrafo e na fotografia. Seguindo essa linha de raciocínio, Santaella (2003) analisa ainda os efeitos das máquinas elétricas, eletroeletrônicas e digitais. As máquinas, sejam elétricas, eletrônicas, digitais, teóricas ou humanas, possuem poder de ação e transformação contínuo em nosso corpo social. Por máquinas humanas, entendemos a composição territorial subjetiva presente nos indivíduos, caracterizando-os de forma pluralizada como mulheres, homens, crianças, idosos, adolescentes, estudantes, trabalhadores, entre outras subjetividades produzidas e presentes nos coletivos pensantes. As máquinas humanas, por um lado criadoras de máquinas técnicas e, por outro, verdadeiros produtos de seu tecnicismo, foram sofrendo, em um tipo de processo simbiótico, alterações em seus aspectos subjetivos. Um novo estatuto para o corpo humano fez-se necessário. Santaella (2003a) utiliza o termo “biocibernético” como maneira de representar essa forma de apropriação técnico-humana do espaço pela extensão de um relacionamento eletromagnético com o mundo por intermédio das máquinas cibernéticas: “creio, aliás, que, no corpo biocibernético, o invisível, aquilo que ainda não podemos ver, é muito mais importante do que o visível” (SANTAELLA, 2003a, p. 67). Esses corpos extra-físicos e psíquicos reúnem em si a complexidade do espaço, do tempo e da informação, para além de suas constituições físicas, sensoriais e de inteligência.

Inspirados no conceito de corpo biocibernético de Santaella (2003a), constatamos que o imbricamento entre as máquinas humanas e cibernéticas estão articulando novas composições subjetivas aos territórios coletivos de existência. As máquinas humanas e cibernéticas da atualidade possuem, em seus respectivos territórios coletivos, composições veiculares que movimentam processos de subjetivação contínuos, tal como a humanidade vem protagonizando desde o início dos tempos. Em nosso trabalho, adolescência e MSN são verdadeiros veículos engendradores de processos de subjetivação.

Como será explicado mais adiante, devido às suas caracterizações, consideraremos a adolescência como um “veículo humano de metamorfoses”, e o MSN como “veículo cibernético de relações”. Essas composições veiculares, ao se acoplarem em um novo arranjo maquínico, serão aqui denominadas “veículos de subjetivação”. O termo tem suporte conceitual na confluência de alguns aportes teóricos. Apoiados no

conceito de máquina de Deleuze e Guattari (1995) e inspirados no conceito de corpo biocibernético de Santaella (2003a), consideramos o arranjo adolescente-MSN como veículo que tem promovido mudanças consideráveis nos aspectos da subjetividade contemporânea.

O pólo territorial da subjetividade adolescente em arranjo com o MSN compreende elementos biológicos, psicológicos, culturais, sociais, técnicos, cibernéticos, informacionais, entre outros. A articulação desses elementos, por inúmeras composições maquínicas, compõe nova arquitetura subjetiva em relacionamentos, pensamentos e na própria comunicação contemporânea, devido às contingências do mundo *online*. As máquinas humanas e cibernéticas, representadas aqui pelo arranjo adolescente-MSN, têm em seu processo de engenharia uma composição veicular, que gera movimentos, articulações e produções subjetivas das mais diversas. Esses novos territórios existenciais têm produzido mudanças ínfimas na contemporaneidade, que se fazem presentes num plano menos concreto que abstrato: “[...] o salto antropológico que estamos atravessando não tem a ver com pedras, mas sim com moléculas, com a morfogênese mesma do humano” (SANTAELLA, 2003a, p. 67).

Os corpos humanos estão procurando adequar-se à mudança paisagística em que o mundo contemporâneo os imergiu. A arquitetura física do mundo *online* vem sendo construída concomitantemente ao processo de transformação do sujeito da contemporaneidade. O denominado “mundo virtual” trouxe outro formato de apreensão, comunicação, interação e relação dos indivíduos com a realidade. O termo “virtual”, contudo, carrega em si definições diversas, aqui esclarecidas com o intuito de distinguir conceitualmente sua utilização. Primeiramente, concebemos por virtual a experiência proporcionada pelas telas de computador ou quaisquer dispositivos eletrônicos que nos inserem em uma realidade simulada. Esse novo espaço de relacionamento, interatividade, trabalho e entretenimento denominado ciberespaço, proporciona uma experiência de vida comumente conhecida como “virtual”. Por ciberespaço, devemos entender o espaço oferecido por computadores, *ipods* e outros aparelhos que nos permitem navegar no mundo *online* compreendido pela internet.

Quando lemos o nosso correio eletrônico, enviamos mensagens para um painel de notícias eletrônico ou reservamos bilhetes de avião através duma rede de computadores, estamos no ciberespaço. (TURKLE, 1997, p. 12).

Considerando a inserção do termo “virtual” no cotidiano, presente nos variados dispositivos eletrônicos que são acoplados aos corpos humanos, promovendo novos arranjos territoriais, cumpre realçar que, no campo científico, mais precisamente no filosófico, ele é concebido de outra maneira. No entanto, em nossa pesquisa, trabalharemos apenas com o conceito de “virtual” sob a perspectiva da realidade híbrida constituída pelos veículos de subjetivação aqui referidos. Assim sendo, discutiremos a idéia de que o uso dessas novas tecnologias insere na relação sujeito-máquina alguns tipos de subjetividade que ainda não se fazem totalmente presentes e concretizados fora do mundo *online*. Em nossa pesquisa, será possível perceber que as experiências dos adolescentes com o MSN apontam para formatos de relacionamentos e subjetividades que ainda não são possíveis de se contemplar no mundo *offline*.

Desta forma, as experiências do mundo *online* e do mundo *offline* configuram-se diante de nós como realidades não opostas, mas justapostas. As vivências dos adolescentes com o MSN no mundo *online* apresentam processos de subjetivação emergentes e por emergir em nossa contemporaneidade. Outros autores também apresentam, em suas pesquisas, novos traços subjetivos que já se encontram presentes na atual sociedade. Deleuze (1992) é um desses teóricos, que se apropria do campo científico da informação para desenvolver sua teoria sobre a sociedade de controle contínuo e comunicação imediata e a relação do sujeito com as máquinas. Aponta inúmeras e diversificadas contingências que, em conjunto, formam e reformam a constituição subjetiva, em processo contínuo. O autor afirma, portanto, que as máquinas podem expressar a subjetividade da sociedade à qual pertencem. Ao retratar a sociedade atual como de controle, ele explica:

A cada tipo de sociedade, evidentemente, pode-se fazer corresponder um tipo de máquina: as máquinas simples ou dinâmicas para as sociedades de soberania, as máquinas energéticas para as de disciplina, as cibernéticas e os computadores para a sociedade de controle. (DELEUZE, 1992, p.216).

Santaella (2007), em trabalho recente, não só dá continuidade ao que Deleuze (1992) já havia iniciado quando fez uma comparação das máquinas com as sociedades, como também inicia uma análise dos efeitos psicológicos que as novas tecnologias têm evocado em nossa sociedade de constantes mutabilidades. A autora propõe analisar cinco gerações da tão falada revolução digital, incluindo desde jornal, foto e cinema até a última revolução das tecnologias móveis: *modems*, cabos e *desktops*.

Inicialmente, Santaella (2007) retoma seu trabalho sobre as transformações que as técnicas de jornal, foto e cinema proporcionaram no aspecto perceptivo e cognitivo dos indivíduos. O denominado “leitor movente” passou a observar e perceber o mundo através de imagens rápidas, similares às câmeras de cinema, geradas pelo advento moderno de bondes, carros e trens em movimento. De forma sequencial, a autora vai evidenciar outras mudanças promovidas pelas tecnologias da difusão, representadas pelas mídias eletroeletrônicas (rádio e TV). Essas mídias teriam desenvolvido uma mudança da comunicação de massa para uma comunicação mais individualizada e interativa. Já a tecnologia eletrônica, que a autora denomina de “disponível” representaria uma continuidade das primeiras mídias eletroeletrônicas, que promoveriam, cada vez mais, o acesso interativo e individualizado: *walkmans*, vídeos e TV a cabo, entre outros.

Abordando as duas últimas gerações, Santaella (2007) desenvolve a idéia de que as “tecnologias do acesso” representadas pelos computadores alteraram completamente as formas tradicionais de armazenamentos, manipulação e diálogo com as informações, caracterizando-se como verdadeiras tecnologias de inteligência para a sociedade. A última geração, considerada como “tecnologia móvel”, promoveu profunda alteração no que se refere ao movimento e ao domínio do espaço e do tempo pelos indivíduos. Para a autora, nossa sociedade atual “[...] é constituída por uma rede móvel de pessoas e tecnologias nômades que operam em espaços físicos não contíguos” (SANTAELLA, 2007, p. 200).

Wolton (2004), ao pensar sobre a comunicação, lança uma crítica relativa ao destaque que ela vem recebendo nos últimos tempos. Para ele, é importante e prudente fazer uma avaliação do papel profético que as teorias de comunicação têm adquirido. Crítico ferrenho das correntes demasiadamente positivas ou negativas, o autor convida pensadores e pesquisadores de outros campos do saber a partilhar do bombardeio de informações e colaborar com a construção de uma sociedade que não pode ser vista como somente de informação.

Wolton (2004) adentra sutilmente o campo da filosofia, em seu conceito de tempo, quando se refere à questão existencial dos indivíduos e à forma como ela vem sendo alterada. Ele crê que as transformações que as tecnologias de informação têm gerado na sociedade podem alterar seus aspectos filosóficos e existenciais.

[...] uma vez que toda filosofia da existência traz consigo uma visão do tempo e do espaço, e as técnicas de comunicação transtornam essas definições do tempo e do espaço, conclui-se que as técnicas de comunicação estão na origem de uma nova filosofia... (WOLTON, 2004, p. 366).

Trabalhando com o conceito de “tempo suprimido”, Wolton (2004) evidencia que o tempo indefinido, sem passado nem presente, cria um mundo instantâneo, que promove instantâneas sensações, percepções e conexões. Tal fato leva o autor a fazer um alerta para a forma como a sociedade tem interpretado e vivenciado essas transformações. Não é que se esteja resistente às mudanças ou se diluindo nelas: a sociedade, em seu aspecto humano, simplesmente não acompanha o ritmo evolutivo das novas tecnologias até o momento.

Aqui, é relevante estabelecer um diálogo entre Wolton (2004) e Santaella (2007). A autora, com seu conhecimento semiótico e linguístico, aproxima-se do campo da psicologia ao desenvolver suas análises da relação sujeito-máquina. Compartilhando de uma ideologia parecida com a de Wolton (2004), ela faz uma inferência sobre as consequências que o advento do ciberespaço trouxe para o mundo físico.

Isso deixa cristalinamente claro que o espaço virtual não veio para substituir o espaço físico, como profetizaram os apocalípticos, mas para adicionar funcionalidades a ele, em processos de co-dependência. (SANTAELLA, 2007, p.218).

Em suma, Santaella (2007) apresenta, em uma interpretação generalizada, as características presentes na relação dos indivíduos com as tecnologias modernas e contemporâneas, bem como na forma como estas alteram as capacidades humanas. Teríamos nas máquinas industriais a amplificação da força física do homem, e, de forma semelhante, nas máquinas sensoriais a amplificação da sua sensibilidade e percepção, culminando com as máquinas inteligentes, que trariam a amplificação dos signos e das informações. Porém, como Wolton (2004) já alertara,

A informação e a comunicação não podem ser o valor dominante da sociedade individualista de massa, da democracia de massa e, ao mesmo tempo, constituir o sistema de representação da sociedade mundial do futuro... É preciso que outras referências filosóficas, ideológicas, religiosas, apareçam externas à informação e à comunicação para que esses dois valores essenciais possam cumprir seu papel. (WOLTON, 2004, p.365).

Seguindo o convite de Wolton (2004), pesquisadores do campo da educação também têm buscado compreender a interferência das novas tecnologias na geração jovem e infantil, no que se refere a habilidades, cognição e relações subjetivas. Garbin (2003), por exemplo, afirma que as identidades da contemporaneidade não apresentam marcação interna e externa. Há uma constante concentração de fatos que perpassam, atravessam e expressam a identificação dos sujeitos, que se constroem e são construídos em suas conexões e, agora, em suas interconexões com o mundo.

Neste trabalho, faremos uma breve discussão de referências teóricas que abordam o tema das transformações subjetivas que têm sido evocadas pelas TIC. Muitas pesquisas recentes no campo da educação e da psicologia – apesar de estarem embasadas em teorias peculiares e distintas da nossa, fruto de suas respectivas áreas de trabalho – apontam para o papel transformador da tecnologia na cultura contemporânea. Algumas serão aqui evidenciadas, não somente por contemplarem o mesmo objeto de estudo, como também, e principalmente, por colaborarem com dados de pesquisa relevantes para nosso trabalho. Obviamente, tais apontamentos merecem discernimento e cautela em sua apreensão. Infelizmente, leituras e escritas tendenciosas e apressadas no campo científico são usuais, sendo, portanto, imprescindível o uso da crítica e das contingências subjetivas como principais norteadores desse processo. Segundo Garbin (2003), o surgimento de uma nova cultura juvenil inaugurou um lugar onde relacionamentos, encontros, reencontros e conversas são desenvolvidos. A internet configura-se como o novo *point* do jovem. As constantes transformações anunciadas pelas tecnologias fazem emergir uma subjetividade descontínua, processual e cercada de incertezas, que merece maior análise e estudo. Entretanto, antes de avançarmos na pesquisa sobre os novos arranjos subjetivos da contemporaneidade, discutiremos o conceito de produção maquínica da subjetividade.

## **2.2 - O campo da subjetividade e do agenciamento**

Em outras palavras, há máquinas territorializadas (em metal, em eletricidade, etc.), assim como há também máquinas desterritorializadas que funcionam num nível de semiotização completamente outro. (GUATTARI e ROLNIK, 1986, p. 239).

Ao adentrarmos o campo da subjetividade e do agenciamento, deparamo-nos com a segunda tarefa fundamental de nosso trabalho: definir o conceito de sujeito. Para isso, utilizaremos o conceito de artes da existência e práticas de si, de Michel Foucault (1984; 2004), o conceito de agenciamento, da teoria de Deleuze e Guattari (1995) e os processos de subjetivação, que se desmembram em individualidades e singularidades, trabalhados por Guattari e Rolnik (1986). Esses teóricos contribuirão com nosso processo de análise da subjetividade presente no arranjo adolescente-MSN.

Sobre a articulação tecnológica e humana, encontramos em boa parte da obra de Michel Foucault (1984; 2004) os conceitos de tecnologia e sujeito. Porém, o autor não traz uma diferenciação entre técnica e tecnologia, como apresentamos anteriormente. Ele trabalha a noção de técnicas de si a partir das artes de existência desenvolvidas na Grécia Antiga, de constituição e construção de sujeitos éticos e modos de subjetivação. Não se aborda diretamente, em sua obra, a noção de tecnologia. A distinção entre técnica e tecnologia tem como função evidenciar a evolução da apropriação da técnica na história da humanidade. Tecnologia representa, no contexto geral de nosso trabalho, a maneira inteligente e cultural como as máquinas técnicas, humanas, estéticas, sociais, entre outras, vão se construindo através dos tempos.

Utilizaremos postulações foucaultianas para tratarmos das técnicas ou práticas de si e do quanto elas colaboram com os processos de subjetivação dos indivíduos. Pensar em um sujeito estruturado e unificado, em si mesmo, é ignorar o efeito de uma subjetividade maior. Toda relação dos indivíduos entre si e para si passa não somente pela ordem do discurso, mas também por certas instituições, regras e demarcações de determinado contexto histórico. Foucault (2004) já afirmava que, em relação ao conceito de sujeito, seu pensamento era diferente.

Penso, pelo contrário, que o sujeito se constitui através das práticas de sujeição ou, de maneira mais autônoma, através de práticas de liberação, de liberdade, como na Antiguidade – a partir, obviamente, de um certo número de regras, de estilos, de convenções que podemos encontrar no meio cultural. (FOUCAULT, 2004, p. 290).

Com essa conceituação de sujeito, Foucault (2004) não se prende à análise fechada da relação sujeito-objeto, propondo-se a observar a maneira como a mesma acontece. Os dispositivos que envolvem essa relação não nos permitem compreender sujeito e objeto como estruturas distintas, fornecendo-lhes uma característica não fixa, mas processual. Assim, já não nos referimos à dualidade sujeito-objeto, mas às práticas



e aos dispositivos que envolvem e constroem processos de subjetivação. Qualquer domínio, seja ele científico, político, moral ou ético, se constitui de diversos elementos.

Questionando os mesmos pontos acerca dessas novas práticas da subjetividade, inspiramo-nos nos estudos de Foucault sobre a loucura, a delinquência e a sexualidade, que apontam as variadas formas em que os domínios e as práticas do conhecimento foram formando, reformando e transformando as subjetividades. Para ele, a constituição do sujeito dá-se de forma contingencial: seja pelo discurso, sejam pelas técnicas culturais e pelas próprias artes da existência ou o que denominou de “práticas de si”.

É a experiência, que é a racionalização de um processo ele mesmo provisório, que redundando em um sujeito, ou melhor, em sujeitos. Eu chamaria de subjetivação o processo pelo qual se obtém a constituição de um sujeito, mais precisamente de uma subjetividade, que evidentemente não passa de uma das possibilidades dadas de organização de uma consciência de si. (FOUCAULT, p.262, 2004).

Ao abordar os dispositivos, as tecnologias, o sujeito e o poder, Foucault (2004) constrói um arsenal teórico de extrema complexidade, utilizado em inúmeras áreas do conhecimento. Na década de 1980, o autor já apontava o manejo técnico dos indivíduos como forma de manifestação de uma subjetividade recortada, contextualizada. Em nossa pesquisa, as teorias foucaultianas serão verdadeiras ferramentas metodológicas, que permitem compreender o sujeito como mecanismo processual de formação e transformação. Pela teoria das práticas e técnicas de si, apresentaremos a forma como os sujeitos contemporâneos estão se constituindo. Com a abordagem de Foucault (2004), procuraremos mirar a estética dos sujeitos contemporâneos, nas novas práticas e técnicas de si que os adolescentes estão protagonizando em arranjo com o MSN.

Discorrendo sobre o tema “cuidados de si”, Foucault evidencia o papel da escrita, na época de Platão, como maneira de o indivíduo dizer de si mesmo, estabelecendo uma comparação entre esse ponto e o advento do computador na sociedade atual.

Esta nova tecnologia era uma espécie de ruptura tanto quanto a introdução do computador na vida privada hoje em dia. Parece-me que a questão da escrita e do si deve ser colocada em termos de estrutura técnica e material. [...] (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 271).

Por falar em “escritas de si”, esse é outro conceito de Foucault (2004) que será considerado em nossa análise, como forma de registrar e expressar as diversas possibilidades de construções subjetivas realizadas pelos indivíduos através dos tempos. Para Foucault (2004), as escritas de si que se fazem presentes através dos inúmeros textos e manifestos escritos nos diversos tipos de sociedade são um dos elementos que expressam, de forma contundente, as características e os tipos de sujeito que nelas existiam. O conceito de escritas de si é pertinente à nossa pesquisa devido ao fato de parte de nosso material de estudo possuir a escrita digital como principal meio de promoção dos novos formatos de relacionamentos afetivos via internet.

Se consideramos o relacionamento pela interface como novas modalidades subjetivas na contemporaneidade, não podemos ignorar que os relacionamentos estabelecidos pelo MSN são semelhantes a uma troca de correspondências de tipo virtual, que promove nos indivíduos uma maneira de dizer sobre si.

Escrever é, portanto, “se mostrar”, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro. E isso significa que a carta é ao mesmo tempo um olhar que lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dito sobre si mesmo. A carta prepara de certa forma um face a face. (FOUCAULT, 2004, p. 156).

Apoiados nessa assertiva foucaultiana, podemos afirmar que as mensagens instantâneas trocadas na interface do MSN promovem também um tipo de experiência subjetiva para relações posteriormente vivenciadas no face a face. As técnicas de si vividas na atualidade promovem verdadeiras tecnologias de subjetividade, que permitem aos sujeitos contemporâneos constantes produções e construções de si.

A evolução dos conhecimentos técnico-humanos levou os indivíduos a um mundo sem fronteiras. Essa ruptura proporcionada pela internet e pelo efeito da própria globalização quebrou também a última barreira que insistia em separar o sujeito da máquina – fato que, como muito bem nos comprova a teoria de Deleuze e Guattari (1995), nunca existiu. No lugar de sujeito e objeto, são subjetividades, agenciamentos e territorializações que entram em cena para demarcar e construir outro campo de conhecimento.

Para falarmos em subjetividade necessitamos compreender o conceito de agenciamento desenvolvido por Deleuze e Guattari (1995). Esses autores desenvolveram uma teoria que rompe com a idéia de identidade e unicidade do eu ou do indivíduo, dentro de determinada sociedade. Para eles, indivíduos e sociedades não existem separadamente, nunca existiram. O que de fato existe são as máquinas – modos coletivos de existência, máquinas produtoras de subjetividades, que são agenciamentos, na verdade. Máquinas híbridas, com componentes humanos e não-humanos, corpóreos e incorpóreos. As máquinas humanas e cibernéticas, por exemplo, no arranjo veicular adolescente-MSN, representam uma das formas de expressão das subjetividades contemporâneas.

Para compreendermos o conceito de agenciamento temos que, a priori, nos desvestir conceitualmente de dois termos básicos que sempre estiveram presentes nos campos das ciências sociais e humanas, principalmente. Durante um bom tempo, compreendemos indivíduo e sociedade como objetos estruturalmente distintos. O indivíduo era constituído de forma particular, por componentes de seu psiquismo, e, na sua relação com o social, encontrava os limites e as possibilidades de se fazer sujeito.

Aqui, deparamo-nos com o primeiro revestimento conceitual, pois as noções de indivíduo e coletividade misturam-se em um novo arranjo – o da subjetividade. O conceito de agenciamento provoca uma ruptura com a ideologia dualista de indivíduo e coletivo. “Os dois pólos do conceito de agenciamento não são, portanto, o coletivo e o individual: são antes dois sentidos, dois modos do coletivo” (ZOURABICHVILI, 2004, p.9). Para se compreender o que a relação sujeito-máquina produz de subjetividade em nossa sociedade, é necessário observar os efeitos que essa combinação evoca. Marcondes Filho (2004) propõe o uso de outra palavra no lugar de agenciamento. Segundo o autor, na língua portuguesa, “agenciar” remete a uma compreensão distorcida da forma como Deleuze e Guattari (1995) a concebem.

Em português, o termo “agenciamento” não é utilizado e não nos parece indicado mantê-lo, visto que não explica nada, mantém uma nuvem de incompreensão cada vez que é utilizado e soa muito pedante. Preferimos, para facilitar a compreensão do leitor, traduzi-lo nas expressões em que vem isolado por “arranjo” [...]. (MARCONDES FILHO, 2004, p. 148).

Na língua francesa, agenciamento integra a idéia de arranjo, organização, ordenação e disposição. Próxima à idéia foucaultiana de “dispositivo”, “agenciamento” envolveria, então, a forma como os inúmeros elementos corpóreos e incorpóreos, tangíveis e intangíveis, atravessados pela mistura dos aspectos humanos e técnicos, compõem um cenário subjetivo, em determinado corpo social.

Para darmos continuidade ao tema aqui tratado, daremos ênfase não à técnica por ela mesma ou ao sujeito que a constrói e a utiliza, mas ao “arranjo” subjetivo que esses dois elementos promovem quando se misturam. Considerando a própria complexidade das línguas e suas diversas maneiras de representação e significado em suas culturas, a utilização da palavra “arranjo” torna-se mais fiel ao contexto ora investigado.

Regimes de signos organizam as misturas dos corpos numa dada sociedade: eles regulam atrações e repulsões, simpatias e antipatias, alterações, alianças, penetrações e expansões que afetam todos os corpos. Por exemplo, a tecnologia quando trata das ferramentas. Estas não existem em si mesmas, mas nas “misturas”, nas simbioses ou amálgamas em que participam [...]. (MARCONDES FILHO, 2004, p. 143).

Portanto, da mesma forma que “[...] o estribo engendra uma nova simbiose homem-cavalo” (MARCONDES FILHO, 2004, p. 143), as novas tecnologias de informação – aqui, o MSN – evocam uma nova simbiose na relação entre os adolescentes, que serão estudados e entrevistados em nosso trabalho. Oliveira (2005), ao fazer uma crítica sobre a compreensão do conceito de agência, explicita que:

Não existe natureza de um lado e sociedade de outro, as duas não constituem pólos distintos. Os artefatos participam nos coletivos pensantes: da caneta ao aeroporto, dos alfabetos à televisão, dos computadores aos sinais de trânsito. É preciso perceber as grandes máquinas híbridas constituídas de pedras e humanos, tinta e papel, palavras e estradas de ferro, redes telefônicas e computadores [...]. (OLIVEIRA, 2005, p.57).

O conceito de agenciamento do sujeito-máquina rompe com a velha dualidade, imposta pela modernidade, entre sujeito e objeto. Segundo Guattari (1992), as TIC operam intensamente no campo da subjetividade humana, usando muito mais que sua razão ou inteligência, pois, ao penetrar no campo dos afetos, das relações e dos sentimentos, essas máquinas passam a compor e reger um pouco da ordem subjetiva de

toda individualidade do mundo contemporâneo. Não falamos mais em sujeito, mas em sujeitos, em processos de subjetivação, em subjetividades. A subjetivação é, antes de qualquer coisa, um modo de se construir sujeitos. Tendo compreendido a idéia de agenciamento como arranjo, combinação ou ordenação, avançaremos na forma como Deleuze e Guattari (1995) desenvolveram esse conceito. Para eles, o agenciamento possui uma forma muito peculiar de funcionamento. Para que um agenciamento aconteça, ele tem que, obrigatoriamente, passar por dois eixos, o horizontal e o vertical. Cada um é composto por dispositivos que constroem um determinado cenário, onde máquinas humanas, teóricas, eletrônicas, culturais, cibernéticas, etc. se articulam e produzem subjetividades.

Num primeiro eixo – o horizontal –, temos dois segmentos, onde se localizam aquilo que os autores denominaram “agenciamento maquínico”, de conteúdo, e “agenciamento coletivo de enunciação”, de expressão.

Dir-se-á, portanto, numa primeira aproximação, que se está em presença de um agenciamento todas as vezes em que pudermos identificar e descrever o acoplamento de um conjunto de relações materiais e de um regime de signos correspondente. (ZOURABICHVILI, 2004, p.08).

Por agenciamento maquínico, podemos entender a mistura de corpos, ações e paixões que reagem uns sobre os outros. Esse movimento intenso de corpos e ações foi compreendido por Deleuze e Guattari (1995) como um agenciamento de conteúdo. Por sua vez, entendemos agenciamento coletivo de enunciação como a execução de atos e enunciados que promovem as transformações incorpóreas nos corpos, por isso compreendido como agenciamento de expressão. A maneira como esses dois agenciamentos vão se articular ou se arranjar vai localizá-los em um dos dois pólos existentes nesse processo.

No segundo eixo – o vertical –, teremos o pólo denominado “estrato dos agenciamentos, que são considerados ‘molares’” (ZOURABICHVILI, 2004, p.08). Esse pólo possui como uma de suas principais características uma forma relativamente estável, com funcionamento reprodutor. A título de ilustração, poderíamos entender por agenciamentos molares determinadas categorias estabelecidas que possuem um conjunto de hábitos, costumes e funcionamentos pré-definidos, como adolescente e adulto, homem e mulher, jovem e idoso. Já o pólo denominado “máquina abstrata” vai

caracterizar-se pela forma como o indivíduo e as próprias instituições e/ou instâncias organizacionais e políticas vão definir sua participação na reprodução desses agenciamentos molares. Nesse pólo, a produtibilidade é inevitável, sendo definido, portanto, como molecular. A maneira como as individualidades ou as instituições coletivas investem e participam da reprodução dos agenciamentos do estrato, denominados por Zourabichvili (2004) de sociais, depende de agenciamentos locais, ou seja, moleculares. Assim, podemos entender que o indivíduo,

[...] limitando-se a efetuar as formas socialmente disponíveis, a modelar sua existência segundo os códigos em vigor, ele aí introduz a sua pequena irregularidade, seja porque procede à elaboração involuntária e tateante de agenciamentos próprios que “decodificam” ou “fazem fugir” o agenciamento estratificado. (ZOURABICHVILI, 2004, p. 08).

Guattari e Rolnik (1986) constroem outro termo para a compreensão do agenciamento molecular, procurando acrescentar uma diferenciação no que se refere à produção de subjetividades, sem alterar, contudo, seu sentido. Ao denominarem esse tipo de agenciamento de “revolução molecular”, eles explicam os processos de subjetivação como formas de “[...] produzir as condições não só de uma vida coletiva, mas também de encarnação da vida para si próprio, tanto no campo material, como no campo subjetivo” (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 46). Estamos nos referindo, portanto, aos processos de subjetivação, individualizantes e/ou singularizantes, desenvolvidos continuamente. As terminologias “individualidade” e “singularidade” nortearão nossas reflexões, análises e construções teóricas sobre a subjetividade adolescente, diante do agenciamento com o MSN. Para isso, faz-se necessário uma maior explicação sobre a distinção conceitual entre esses termos.

Guattari e Rolnik (1986), quando se propõem a definir o que seria individualidade, afirmam que

[...] os indivíduos são o resultado de uma produção de massa. O indivíduo é serializado, registrado, modelado. Freud foi o primeiro a mostrar até que ponto é precária essa noção da totalidade de um ego. Subjetividade não é passível de totalização ou de centralização no indivíduo. (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p.31).

Individualidade, portanto, representaria uma construção de subjetividade com caráter massificador e modelador. Trata-se de uma subjetividade de abrangência mais generalista e comum a um maior número de sujeitos, como: sujeitos brasileiros, sujeitos jovens e infantis da atualidade, sujeitos idosos, estudantes universitários, etc. Concomitante a esse processo de construções individualizantes de sujeitos, corre outro tipo de produção subjetiva, de caráter singular, voltado para determinado estilo ou estética da existência.

O termo “singularização” é usado por Guattari para designar os processos disruptores no campo da produção do desejo: trata-se dos movimentos de protesto do inconsciente contra a subjetividade capitalística, através da afirmação de outras maneiras de ser, outras sensibilidades, outra percepção, etc. [...] Outros termos designam os mesmos processos: autonomização, minorização, revolução molecular, etc. (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 45).

Subjetivação, contudo, é um processo contínuo de construção de sujeitos, submetidos a um conjunto de códigos ou buscando uma forma original e singular de não serem totalmente modelados por eles. Diferenciando enfaticamente os conceitos de singularidade e individualidade, Guattari e Rolnik (1986) são categóricos ao afirmarem que os processos de singularização esbarram nos de individualização. O indivíduo modelado, serializado, promove, em alguns momentos, o processo de singularização, que permite uma fuga do que se encontra estabelecido. Assim, por mais que estejam submetidos a algum conjunto cultural de hábitos e regras, os indivíduos podem se diferenciar desse contexto por suas produções singulares, seja no campo da arte ou do próprio processo de subjetivação.

Creio que é dessa forma que fica melhor colocada a alternativa singularidade/individualidade, e não numa disjunção absoluta, que implica o mito de um retorno a singularidade pura, a uma pura conversão ao processo primário. (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 37).

Tendo diferenciado o movimento de singularidade e individualidade que permeia o processo de subjetivação dos indivíduos, em contínua alternância, avançaremos para a compreensão do agenciamento sujeito-máquina. Se pensarmos os sujeitos e as novas tecnologias como um tipo de veículo que produz e reproduz subjetividades, podemos inferir que o arranjo sujeito-máquina se configura como um dos principais condutores da nova trajetória da subjetividade contemporânea. Assim

sendo, não trataremos aqui de sujeito, pois tal conceito irá sempre nos remeter à idéia, por muito tempo cristalizada, de centro ou unificação geradora de ação.

Nesse sentido, falar em subjetividade é uma forma de tentar escapar à idéia tradicional de sujeito da consciência. Descentrar a questão do sujeito para a subjetividade. (OLIVEIRA, 2005, p.58).

Ao pensarmos no indivíduo como resultado de uma produção de massa, questionamos o que as novas tecnologias têm produzido de subjetividade na contemporaneidade. Além disso, torna-se necessário uma apresentação mais detalhada da maneira como pretendemos investigar aquilo que o arranjo adolescente-MSN tem agenciado no território da subjetividade contemporânea. Aqui, adentramos em outro conceito de Deleuze e Guattari (1995), que deve ser, particularmente, explicado na trajetória instigante da definição de agenciamento – o de território.

No que se refere aos dois tipos de agenciamento, cumpre realçar que tanto o agenciamento maquínico como o coletivo de enunciação, presentes no eixo horizontal, vão operar nos dois pólos do eixo vertical, seja estratificando algumas de suas ações, seja evocando novas composições em seu processo de subjetivação. O eixo vertical, composto pelos pólos estrato e máquina abstrata, possui, ao mesmo tempo, os “lados territoriais ou reterritorializados”, responsáveis pela estabilização, e as denominadas “pontas de desterritorialização”, que impulsionam outros processos. Explicamos, em seguida, o que entendemos por território.

Segundo Zourabichvili (2004), o conceito de território, sob a égide etológica dos estudos dos hábitos dos animais, está associado a espaço e não a delimitação de lugar geográfico. “O valor do território é existencial: ele circunscreve, para cada um, o campo do familiar e do vinculante, marca as distâncias em relação a outrem e protege do caos” (ZOURABICHVILI, 2004, p. 20). Embasados nessa proposta, podemos compreender que os lados territoriais de qualquer agenciamento correspondem à circunscrição de códigos, valores, hábitos, atitudes e crenças que estabilizam a existência. No entanto, as pontas de desterritorialização que se fazem presentes no eixo vertical, através da máquina abstrata, vão impelir os agenciamentos existenciais (de conteúdo e de expressão) presentes no eixo horizontal de construir novos processos de subjetivação, compreendidos por Deleuze e Guattari (1995) como “devir”.



Os devires significam, em suma, transformações – aqui entendidas como construções originais, até então desconhecidas e inexistentes, algo muito próximo ao que Foucault (1984) denominou como artes da existência. Elas seriam um tipo de

(...) práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de valores estéticos e responda a certos critérios de estilo. (FOUCAULT, 1984, p. 15).

Assim, os indivíduos mulher, homem, criança, adolescente e outras constituições subjetivas passam a devir-mulher, devir-homem, devir-criança, etc. quando começam a promover transformações moleculares em seus territórios subjetivos. A hipótese de nosso trabalho é que as novas TIC, aliadas ao uso contínuo que os indivíduos fazem delas, se constituiriam como uns dos instrumentos propiciadores de transformações subjetivas, verdadeiros veículos de subjetivação no cenário social.

No que se refere ainda ao conceito de subjetivação, é válido elucidar que, sob a ótica de Guattari e Rolnik (1986),

Tudo que é produzido pela subjetivação capitalística – tudo o que nos chega pela linguagem, pela família e pelos equipamentos que nos rodeiam – não é apenas uma questão de idéia, não é apenas uma transmissão de significações por meio de enunciados significantes. Tampouco se reduz a modelos de identidade, ou a identificações com pólos maternos, paternos, etc. Trata-se de sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social e as instancias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo. (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 27).

Em nossa pesquisa, é visível a forma como o arranjo entre as novas tecnologias e os indivíduos-adolescentes reproduz e produz subjetividades. Trataremos mais adiante das subjetividades produzidas pelos adolescentes entrevistados no arranjo que estabelecem com o MSN. Compreendendo as individualidades e as novas tecnologias como essas grandes máquinas de produtividade, temos um cenário de conexões constantes. As TIC configuram-se como um dos elementos que fazem parte desse grande maquinário capitalista, evidenciado por Guattari e Rolnik (1986).

Ao fazer uso da internet, por exemplo, o sujeito agencia sensações, percepções e expressões técnico-humanas. Suas variadas opções de entretenimento, como *Orkut*, *blogs* e *flogs*, comunidades virtuais, salas de bate-papo, *e-mails* e mensagens

instantâneas constituem um universo infinito de práticas de si, associadas a uma escrita digitalizada de si. Tais práticas não só representam uma oportunidade de o sujeito dizer de si como também de constituir, juntamente com as novas tecnologias, um dos veículos produtores de uma subjetividade descontínua, veloz e sem fronteiras.

No campo da comunicação, Arlindo Machado (2002), ao descrever o sujeito no ciberespaço, retoma o conceito de automatização de Simondon (1969), afirmando que ele foi “o primeiro a pensar o acasalamento homem-máquina e a transferência de parte dos procedimentos produtivos à tecnologia” (MACHADO, 2002, p. 87). Ao trabalhar com a idéia de que as tecnologias produzem processos criativos de forma análoga aos indivíduos, Machado (2002) apresenta exemplos do campo tecnológico que ilustram as peculiaridades presentes na relação sujeito-máquina. Citando jogos simuladores como “*The Sims*”, nos vídeo-games, e os *Multi-User Domain* (MUDs)<sup>2</sup>, o autor evidencia o papel passivo do indivíduo, além de afirmar que essa vivência simulada dos personagens seria a comprovação mais realista da existência de um sujeito literalmente maquinaico, construído basicamente pela máquina.

Apesar de Machado (2002) não trabalhar diretamente com o conceito de máquinas e agenciamento de Deleuze e Guattari (1995), algumas de suas idéias serão aqui aproveitadas. Ao realçar, por exemplo, o automatismo produtivo e construtivo que se faz presente nas máquinas – por ele compreendidas apenas como artefatos tecnológicos –, o autor fornece material relevante de análise para os dados de nossa pesquisa. Como será visto mais à frente, os indivíduos-adolescentes que fizeram parte da mesma relatam a presença de semelhantes processos automáticos em seus territórios subjetivos, diante do agenciamento que promovem junto ao dispositivo do MSN.

Aqui, a contribuição de Machado (2002) também marca presença, pois essas máquinas cibernéticas – por nós compreendidas como um dos veículos promovedores de processos de subjetivação – instituem no arranjo adolescente-MSN formas automatizadas de comunicação e relacionamento, peculiares à sua própria formatação. São as máquinas técnicas interferindo e promovendo transformações subjetivas diante do agenciamento com as demais máquinas vinculantes na produção de subjetividade. Nesse cenário contemporâneo de transformações, devemos questionar principalmente a

---

<sup>2</sup> Os MUDs são programas de computador que simulam a vida de pessoas e comunidades, que, de forma semelhante à vida real, dentro da máquina, tomam decisões e atitudes com autonomia, sem que seus usuários tenham total poder de decisão e controle.

nova subjetividade construída pela composição maquínica dos elementos humanos e não-humanos.

Outra autora que será utilizada como suporte teórico de comparação para os resultados de nossa pesquisa será Sherry Turkle (1997). Pesquisando também sobre o mundo virtual dos MUDs, Turkle (1997) vai afirmar que as histórias protagonizadas nas telas dos computadores e sua interação com os indivíduos são apenas fragmentos de um contexto global. Para ela, a simulação seria uma parte de toda a mudança que começa a acontecer nas diversas culturas, nas diversas sociedades e em variados campos, que incluem desde a ciência até o cotidiano. Turkle (1997) apresenta ainda as contingências presentes na relação do sujeito com a máquina, apontando para as transformações que a vida *online* evoca na vida *offline*, e vice-versa.

Na história da construção da identidade na cultura da simulação, as experiências na internet ocupam um lugar de destaque, mas essas experiências só podem ser entendidas como parte dum contexto cultural mais vasto. (TURKLE, 1997, p.12).

Em sua aventura científica pelo mundo *online*, Turkle (1997) apresenta o conflito de compreendermos os sujeitos como identidades únicas. Apoiando-se na ideologia de fragmentação imposta ao conceito de identidade com o advento da pós-modernidade, a autora defende a idéia da multiplicidade como experiência identitária na contemporaneidade. Para ela, os sujeitos contemporâneos são portadores de múltiplas identidades, promovidas, principalmente, pelas experiências vivenciadas na cultura da simulação.

Esse contexto é a história da erosão das fronteiras entre o real e o virtual, o animado e o inanimado, o eu unitário e o eu múltiplo, que está a ocorrer tanto nos domínios da investigação científica de ponta como nos padrões da vida cotidiana. (TURKLE, 1997, p.12).

Apesar de Turkle (1997) não conceber sujeito como uma composição maquínica que promove constantes transformações através dos processos de produção de subjetividade, ela não deixa de evidenciar a relevância do mundo virtual como elemento também produtor de novas vivências subjetivas. Em relação à aquisição do conhecimento sobre esse mundo virtual, ela afirma que “[...] é menos provável que o

conhecimento provenha da análise do que da navegação através do espaço virtual” (TURKLE, 1997, p.72).

Para Turkle (1997), será pela análise cuidadosa e morosa que poderemos começar uma compreensão desse novo mundo, presente nas telas de nossos computadores, mas, em hipótese alguma, restrito a elas. O alerta feito por Turkle (1997) é aqui adotado com o intuito de não ignorarmos, seja com uma leitura precipitada ou passional – como nos apontava Heidegger (2002) –, seja por uma interpretação apressada, o fato de que as novas TIC fornecem, sim, materiais de estudo e pesquisa para compreender toda a diversidade em que estamos envolvidos.

Caso não tiremos partido dessas novas lentes para analisar cuidadosamente a nossa situação, estaremos a delegar o futuro naqueles que se convenceram que soluções simples podem resolver problemas complicados. (TURKLE, 1997, p. 346).

No Brasil, iremos encontrar, navegando pelos mesmos mares, a pesquisadora Ana Maria Nicolaci-da-Costa, que tem buscado, igualmente, investigar a nova constituição subjetiva formada a partir da revolução das tecnologias de informação. Nicolaci-da-Costa (2002) já manifestava sua inquietação com os profissionais de psicologia que não se importavam muito com os novos efeitos subjetivos. Para ela, isso seria um fator preocupante.

Preocupante porque, embora seja visível para praticamente todos que tudo está mudando muito, e numa velocidade assustadora, não parece ser tão visível, para muitos profissionais que se dedicam a diversos tipos de atendimento psicológico, que nós - os homens e mulheres desta virada de século e de milênio - também estamos passando por transformações internas radicais em função de nossa exposição a essas novas tecnologias. (NICOLACI-DA-COSTA, 2002, p.193).

As pesquisas da autora servem como ponto de encontro de nossas análises de dados, pois também buscamos compreender as novas constituições subjetivas diante do uso das novas TIC. Contudo, apesar de seu trabalho não repetir o discurso dualista de Turkle (1997) e Machado (2002) e referir-se à tecnologia como um instrumento que altera as organizações subjetivas dos indivíduos, ela não utiliza o conceito de agenciamento de Deleuze e Guattari (1995). Trabalhando com a revolução tecnológica e

os impactos que elas provocaram nas relações sociais e nas organizações subjetivas, muitas de suas pesquisas apresentam resultados próximos dos nossos. Embasada por Castells (1999), ela também defende a idéia de que as mudanças provocadas pela Revolução Industrial na vida em sociedade podem e devem ser comparadas às transformações atuais, evocadas pelas tecnologias digitais.

Em nossa pesquisa, o arranjo adolescente-MSN, ou aquilo que denominamos veículos de subjetivação, está compondo processos de transformações na subjetividade contemporânea. O maquinário social da atualidade tem testemunhado uma nova composição subjetiva, protagonizada pelas máquinas humanas e cibernéticas. Ainda não sabemos ao certo o que essas máquinas estão construindo, mas é possível vislumbrar as primeiras linhas da nova arquitetura presente na estética dos sujeitos contemporâneos. Esses “veículos de subjetivação”, semelhantes à própria engenharia automobilística, têm produzido novos compostos moleculares no corpo das relações humanas. O motor veicular da subjetividade contemporânea, construído no arranjo adolescente-MSN, tem amortecido e, ao mesmo tempo, expandido alguns de seus principais componentes, como capacidade de expressão linguística, comunicação, afetividade, intimidade. Continuando nosso percurso científico, caminharemos para o campo complexo e mais específico de nosso trabalho.

### **2.3- O campo de pesquisa: adolescência e MSN**

Em uma primeira aproximação do nosso campo de pesquisa, faremos uma breve apresentação do conceito de adolescência e do surgimento do MSN, com o intuito de discriminarmos as máquinas produtoras de subjetividade que pretendemos estudar. Na sequência, discutiremos a aproximação entre os conceitos de juventude e novas tecnologias para, posteriormente, refletirmos sobre alguns resultados de pesquisas próximas ao nosso tema de interesse. Ao estudar o conceito de adolescência e a forma como é compreendido pela teoria psicológica, Bock (2004) afirma ser necessário revê-lo

porque, em suas concepções, a psicologia naturalizou a adolescência. Considerou-a uma fase natural do desenvolvimento, universalizou-a e ocultou, com esse processo, todo o processo social constitutivo da adolescência. (BOCK, 2004, p.33).

A conceituação e a postulação teórica da adolescência surgem, de forma enfática, na modernidade. Segundo Santos (1996), Rousseau pode ser visto, de certa maneira, como o teórico pioneiro no desenvolvimento conceitual da adolescência, apesar de alguns autores rechaçarem essa afirmação, como por exemplo:

Arlene Skolnick (1975) diz que Rousseau não inventou nada, mas apenas refletiu as mudanças que estavam ocorrendo na experiência humana naquela época; entretanto, confirma que credita-se a Rousseau a introdução do conceito de adolescência na cultura ocidental, quando ele caracteriza o estado emocional do adolescente (p.62). (SANTOS, 1996, p. 128).

Podemos, no entanto, considerar que as demarcações molares da subjetividade adolescente foram sendo realçadas a partir da modernidade. “Na verdade, Rousseau faz aqui uma distinção básica que será considerada a matriz das concepções modernas: a diferença entre infância e adolescência” (SANTOS, 1996, p. 129).

Se retrocedermos no tempo, será possível constatar que, em épocas remotas de nossa vida social, até meados do século XVIII, a adolescência não era um grupo ou uma classe socialmente reconhecida ou valorizada. Havia indícios de uma fase de diferenciação no próprio desenvolvimento humano, transição que varia de acordo com as subjetividades instaladas em diversas culturas, com determinados hábitos sociais e contextos históricos, como mostra a antropóloga Margaret Mead (1961) em estudos relativos à adolescência em Samoa. A adolescência não se apresentava como uma classe de muitos conflitos e questionamentos.

Para explicarmos a ausência de conflitos, devemos entender principalmente a diferença entre uma civilização primitiva, simples e homogênea, que caminha tão lentamente que para cada geração aparece como estática, e uma civilização moderna, heterogênea, variada e diversa. (MEAD, 1961, tradução nossa).<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Pero para explicarmos la ausencia de conflictos, debemos atender principalmente a la diferencia entre una civilización primitiva, simple y homogénea, que cambia tan lentamente que para cada generación aparece como estática, y una civilización moderna, heterogénea, variada, diversa. (MEAD, 1961, p.210).

Assim, podemos entender que a subjetividade adolescente vai ser evidenciada de acordo com a cultura, os valores, as possibilidades e potencialidades subjetivas presentes em um dado corpo social. A vida social moderna e industrial, com suas variadas opções de trabalho, de relações sociais e econômicas, de racionalização e cientificidade, vai conceituar sua adolescência de forma bem mais complexa que outros tipos de civilização mais primitivos e simplistas.

As sociedades modernas começam, então, a evidenciar e valorizar as peculiaridades presentes no mundo da infância e da adolescência. Assim, a educação passa a ser sua principal protagonista. Fica evidente a importância dada ao preparo no mundo infantil para a entrada no mundo adulto. Ariés (1978) também realça a associação entre adolescência e educação, ao discorrer sobre a diferença entre as escolas medievais e modernas.

A escola medieval não era destinada às crianças, era uma espécie de escola técnica destinada à instrução dos clérigos, “jovens ou velhos”, como dizia o *Doctrinal de Michault* [...] Até o século XVIII, ao menos, muito dessa mentalidade sobreviveu na vida e nos hábitos escolares. Vimos como a divisão em classes separadas e regulares foi tardia, como as idades continuavam misturadas dentro de cada classe, freqüentada ao mesmo tempo por crianças de 10 a 13 anos e adolescentes de 15 a 20. (ARIÉS, 1978, p. 187).

Após essa separação de idades e classes, as escolas começaram a evidenciar a necessidade de adequar ensino e aprendizagem a cada fase vivenciada dentro do processo de passagem da infância para a vida adulta. Nesse momento, a adolescência passa a ser processada e abordada, conforme apontam Deleuze e Guattari (1995), dentro de uma categoria própria e estável, determinada de forma molar.

A associação entre educação e adolescência foi feita, inicialmente, como demonstra Ariés (1978), com o intuito de preparar o sujeito infantil, adolescente e jovem para a vida adulta. Ao pensarmos em educação, podemos perceber o quanto a cultura atravessa e permeia todo o seu processo. Utilizando dos estudos de Margareth Mead (1961), podemos fazer da sua pesquisa sobre a adolescência em Samoa instrumento de interpretação do processo conceitual da adolescência, pois ela demarca o quanto a cultura das civilizações interfere na compreensão e na própria formação da adolescência enquanto classe cultural, independente ou diferenciada, constituindo, inclusive, um tipo de subjetividade.

Dando prosseguimento ao breve estudo sobre a adolescência, encontraremos em Morin (1986) uma das primeiras demarcações conceituais do território da cultura juvenil. Ele usou o termo “classe de idade” como categoria para a fase da adolescência e juventude. Para ele, o aparecimento dessa cultura dá-se em meados do século XX, com a formação de clãs e grupos de adolescentes e jovens que se movimentaram histórica, cultural, política e socialmente. Assim, começamos a adentrar historicamente nossa atual sociedade.

Associando também a adolescência à educação, Morin (1986) evidencia que a cultura juvenil tem sua construção histórica durante o período estudantil. Essa fase de suspensão social, à qual os adolescentes e jovens se encontram submetidos para executarem a transição entre o mundo infantil e o mundo adulto, passa a ser compreendida de maneira expressiva. Morin (1986) aponta para os movimentos de contracultura desenvolvidos pelos grupos de adolescentes e jovens que começam a ser formados, principalmente, nos Estados Unidos. Cumpre realçar que a adolescência nasce como herdeira de uma sociedade moderna e maquinista. Ela surge como campo conceitual, como demarcação territorial, em uma sociedade avançada em suas descobertas científicas e técnicas e, assim, já adquire característica diferente das gerações precursoras.

A subjetividade juvenil é caracterizada por Morin (1986) como cultura bipolar, que se revolta contra o sistema apesar de participar dele e, muitas vezes, reproduzi-lo. A adolescência e a juventude vão desenvolver em nossa sociedade um papel de contestação, agente revolucionário de uma ordem estabelecida e, ao mesmo tempo, de reprodução de valores e normas como condição de reconhecimento no mundo adulto.

Assim, o perfil estudante contestatário cessa de conduzir pura e simplesmente a um desvio passageiro e periférico: conduz-nos ao problema central de uma sociedade cuja crise ele revela (ao nível gerativo, isto é, de sua auto-reprodução) [...]. (MORIN, 1986, p.155).

Estudando o conflito e as crises de identidade, Erik Erikson (1987) vai demarcar a fase da adolescência, de forma pontual, como momento de suspensão social do qual os adolescentes necessitam para se constituírem sujeitos de si mesmo. “Eles precisam, sobretudo, de uma moratória para a integração dos elementos de identidade [...]” (Erikson, 1987, p.129). Aqui, fazemos uma leve alteração na idéia de Erikson (1987),



devido ao fato de não trabalharmos com o conceito de indivíduo como algo identitário e centralizador. Afirmaríamos que essa moratória fornece aos adolescentes um espaço para que vivenciem os processos de subjetivação que se fazem necessários ao novo formato subjetivo que o mundo adulto exige. Poderíamos também dizer que o maquinário social da modernidade percebeu a importância de se produzir outros tipos de sujeitos para o mundo adulto, e que a adolescência inaugura uma nova fase subjetiva para o funcionamento inovador que o mundo moderno exigia. Considerando essas caracterizações em torno da subjetividade adolescente, diretamente atrelada a processos de transformação, definimos a adolescência como “veículo humano de metamorfoses”, que provoca transformações e produções subjetivas no corpo social, tanto pelo agenciamento molar como molecular.

Paralelo a isso, a modernidade também via a necessidade de se produzir máquinas técnicas, que tinham como principal incumbência a expansão e a aceleração do raciocínio lógico e da memorização humana, diante dos constantes avanços científicos. As máquinas cibernéticas surgem, concomitantemente às máquinas humanas adolescentes, como produtos de uma operação social. Santaella (2003a) refere-se às máquinas cibernéticas como cerebrais. Para ela, a partir da metade do século XX, com o advento da revolução eletrônica, os computadores passaram a ser as máquinas fundamentais para o processo de desenvolvimento e avanço na história da humanidade. A co-incidência das máquinas humanas adolescentes e das máquinas cibernéticas em interseção na história da humanidade não pode ser relegada a segundo plano. Em nosso trabalho, juventude e tecnologias de informação compõem muito mais que um cenário híbrido e contemporâneo, formatando verdadeiros veículos que circulam com componentes corpóreos e incorpóreos na nova paisagem do mundo *online*. O maquinário social da modernidade produziu novas composições maquínicas de proporções complexas, que se encontram em constantes mutações, expressando de forma contundente as transformações intensas pelas quais estamos passando atualmente.

Levy (1999) também se refere aos computadores como engendrados de uma corrente cultural.

Como no caso da invenção do computador pessoal, uma corrente cultural espontânea e imprevisível impôs um novo curso ao desenvolvimento tecnoeconômico. As tecnologias digitais surgiram, então, como a infra-estrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e

de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento. (LEVY, 1999, p.34).

Computadores e adolescentes, elementos presentes nos coletivos pensantes, têm construído no mundo contemporâneo um tipo de subjetividade acelerada e mutante, dotada de raciocínios cada vez mais ágeis, múltiplos e fugazes.

O MSN *Messenger* é um programa de computador que tem proporcionado a seus usuários uma espécie de laboratório para diversos tipos de relações. Conhecido como *Instant Messenger* (IM) ou como mensagens instantâneas, possui em sua interface configurações que automatizam e circunscrevem um modo peculiar de funcionamento, fato que o diferencia dos demais tipos de programas de comunicação, como *e-mail*, *chats*, *Orkuts* e, em uma linha mais recente, o *Twitter*.

Huang, Hung e Yen (2007), em pesquisa com times esportivos, procuraram identificar as peculiaridades presentes na tecnologia dos IMs. Como resultado, constataram que, para a expressão de idéias coletivas, o *e-mail* configura-se mais eficaz que o IM. Chen e outros (2008), em estudo exploratório com 94 estudantes universitários, procuraram as diferenças entre os e-mails e os IMs. Constataram que, para os estudantes, o e-mail também é visto como meio de comunicação mais eficaz para expressar idéias. Um dado relevante que acrescentaram é que a tecnologia do IM não se mostra um meio falho, possuindo apenas uma conotação mais descontraída, fato que altera o resultado de uma comunicação mais direcionada e específica.

Turkle (1997), em sua pesquisa sobre os MUDs, apresenta a teoria de que os computadores seriam “objetos-propiciadores-do-pensamento”. Em suas análises sobre a performance dos sujeitos em relação a suas experiências virtuais nos MUDs, percebe que os computadores propiciam novas maneiras de pensar e até mesmo de se posicionar na realidade. Segundo a autora, as experiências virtuais das pessoas com os computadores permitem que elas explorem seus aspectos mais íntimos, inclusive os sexuais. Dessa forma, ela defende a idéia de que o eu, ou a identidade, na era da internet possui muito mais caráter de multiplicidade do que de unicidade.

Em nossa análise, tomamos como ponto de partida a acepção do *self* como subjetividade processual. Diferentemente de Turkle (1997), não trataremos das múltiplas identidades, mas apontaremos o movimento que a subjetividade dos adolescentes entrevistados estabelece, em seus agenciamentos, nos territórios coletivos

de existência. Podemos compreender, no âmbito do agenciamento adolescente-MSN, que o MSN proporciona aos adolescentes outras formas de pensar a comunicação. Aqui, concordamos com Turkle (1997), mas fazemos uma alteração no conceito do computador como objeto. Se a subjetividade inclui aspectos humanos e não-humanos, já não lidamos com sujeitos e objetos, mas com elementos moventes que engendram, constantemente, novas configurações na subjetividade contemporânea.

Em nosso trabalho, os computadores são pensados como dispositivos utilizados pelos adolescentes para se relacionar pelo MSN. Enquanto Turkle (1997), ao estudar os MUDs, refere-se ao computador como principal objeto de estudo, aqui o fragmento da tecnologia de rede estudado é o MSN, que se faz presente em computadores pessoais utilizados pelos adolescentes. Assim, podemos compreender tanto o MSN como os adolescentes como “veículos-propiciadores-de-novas-formas-pensamento” da subjetividade contemporânea.

Devido ao fato de o MSN proporcionar aos seus usuários, em sua interface, a possibilidade de se conectarem com pessoas conhecidas, ele constitui-se como um veículo engendrador e reforçador de laços pessoais, com características de descontração e dinamismo. Proporcionando um modo acelerado de troca de mensagens, onde os usuários discorrem sobre diversos tipos de assunto, ele tece na rede *online* de relacionamentos novas composições subjetivas. Alterando a maneira de os indivíduos se expressarem, exigindo um comportamento veloz e múltiplo, configura-se nos territórios subjetivos uma nova forma de se relacionar. Poderíamos, aqui, compreender o MSN como um tipo de “veículo cibernético de relações”, que tem engendrado novos formatos de relacionamento entre os sujeitos contemporâneos.

Retomando a discussão sobre adolescência, Calligaris (2000), ao reforçar a idéia de Erikson (1987), apresenta elementos que a define: a maturação fisiológica do corpo e a assimilação de valores culturais – “por exemplo, no nosso caso: destaque pelo sucesso financeiro-social e amoroso-sexual” (CALLIGARIS, 2000, p. 15) –, que podem ser comparados às linhas molares que demarcam de forma mais estável essa subjetividade. Para ele, o principal elemento definidor da adolescência seria a moratória. “Esse fenômeno é novo, quase especificamente contemporâneo. É com a modernidade tardia (com o século que mal acabou) que essa moratória se instaura, se prolonga e se torna enfim mais uma idade da vida” (CALLIGARIS, 2000, p. 16). A moratória fornece aos

adolescentes a oportunidade de reproduzirem e produzirem novas composições para o cenário social adulto no qual vão se inserir.

Na ambiguidade presente na subjetividade adolescente-juvenil, que ora incita a busca por novos comportamentos, até mesmo reacionais e rebeldes, ora exige uma reprodução de indivíduos adultos que trabalham em prol de determinado sistema, temos a ilustração cristalina do processo de produção de sujeitos citado por Guattari e Rolnik (1986), que se constituem tanto de forma singularizada como também individualizada. É relevante realçar que algumas conquistas adquiridas por movimentos juvenis protagonizaram alterações consideráveis no corpo social do mundo adulto entre as décadas de 1950 e 1960, por exemplo. Quando Calligaris (2000) comenta sobre a ambiguidade da fase adolescente, ele evidencia o quanto seus comportamentos trazem em si a expressão da produção e reprodução do mundo adulto.

Talvez por isso os adolescentes dos anos 60 acabaram sendo uma geração de indivíduos politicamente engajados, para mitigar e esconder uma vontade de folia atrás da seriedade da consciência social. O ideal deles era a vida adulta. O desejo era não de se conformar com os adultos, mas de não se diferenciar deles por serem infantis, adolescentes. (CALLIGARIS, 2000, p. 71).

Essa fase peculiar e característica da subjetividade adolescente, vista como fragmento coletivo social, é de grande interesse em nosso trabalho, pois expressa uma complexidade próxima da que estamos experimentando no âmbito totalizante da subjetividade contemporânea.

Antes de passarmos para o capítulo seguinte, cumpre retomar, sucintamente, a idéia predominante de nosso estudo. Neste capítulo, tivemos como principal intenção situar o leitor acerca da tecnologia e da subjetividade – temas preponderantes em nossa pesquisa, incidindo especialmente sobre a individualidade adolescente e o MSN. A técnica, entendida como modo peculiar de se realizar alguma coisa, e a tecnologia, compreendida como variadas maneiras de se produzir o conhecimento e constantes subjetividades para a vida social, introduzem no corpo de nosso trabalho uma maneira de se pensar o fazer da subjetividade contemporânea. O conceito de máquina como funcionamento coletivo existencial é condição fundamental para a compreensão dos processos maquínicos de subjetivação que aqui iremos narrar. Para o próximo capítulo, onde serão apresentados resultados de nossa pesquisa, os conceitos de agenciamento, território, composições molares-moleculares, individualizadas e singularizadas serão os

principais norteadores da análise dos dados. Concluindo nosso trajeto inicial sobre as técnicas, os campos e os saberes da produção de subjetividade no mundo contemporâneo, estaremos apoiados no conceito de moratória como terreno propício para as discussões sobre as transformações da atualidade.

A aproximação que buscamos realçar entre a juventude e as novas tecnologias encontra em Sherry Turkle (1997) apoio crucial. Quando se propõe a descrever a identidade na era da internet, a autora faz analogia entre a moratória vivenciada na fase adolescente e as experiências que os MUDs têm proporcionado aos indivíduos que deles fazem uso. Assim, ela defende a idéia de que

[...] a moratória do adolescente é um período de interação febril com pessoas e idéias. É um período de amizades apaixonadas e intensa experimentação. A moratória não diz respeito às experiências significativas, mas sim às respectivas conseqüências. (TURKLE, 1997, p. 301).

Logo, ela conclui que as experiências virtuais têm proporcionado aos seus usuários semelhantes oportunidades. Vejamos como a autora analisa o depoimento de um dos usuários dos MUDs que ela entrevistou:

[...] Robert praticava a arte de falar de si em doses moderadas: << o computador dá-nos uma espécie de treino para estabelecermos relações mais íntimas com pessoas na vida real... Se algo me está a incomodar, não sou obrigado a deixar que a outra pessoa saiba, mas posso deixar que isso aconteça: a escolha é minha.>>. Os MUDs proporcionaram a Robert aquilo que o psicanalista Erik Erikson chamou uma moratória psicossocial. (TURKLE, 1997, p. 301).

Poderíamos inferir nas entrelinhas da teoria de Turkle (1997) que as experiências dos indivíduos através das telas de seus computadores têm propiciado um sentimento coletivo de moratória. A subjetividade contemporânea talvez possa também ser compreendida como portadora de características molares vinculadas ao modo de ser adolescente-juvenil. Trabalhando com a idéia de juventude como sintoma do mundo contemporâneo, Kehl (2004) afirma que, em nossa sociedade, os indivíduos estão sendo convocados a um modo de ser jovem.

O efeito paradoxal do campo de identificações imaginárias aberto pela cultura jovem é que ele convoca pessoas de todas as idades. Quanto mais tempo pudermos nos considerar jovens hoje em dia, melhor. Melhor para a indústria de quinquilharias descartáveis, melhor para a publicidade – melhor

para nós? O fato é que nas últimas décadas viramos jovens perenes. (KEHL, 2004, p.05).

Ao evidenciar esse modo cultural de ser jovem na atualidade, presente não apenas na subjetividade adolescente como também nas demais, Kehl (2004) não só associa a característica da juventude a um tipo de subjetividade contemporânea, como também questiona os efeitos desse processo. Fazendo alusão ao tema, Birman (2006) estuda especialmente a juventude contemporânea da sociedade brasileira e afirma que

[...] os jovens dos anos 1950 e 1960 representam um modelo antigo de juventude, por um lado, como também, por outro, passaram a evidenciar e a ser os protagonistas de transformações fulgurantes, em decorrência da efetiva modernização da sociedade brasileira de então. (BIRMAN, 2000, p. 31).

Aqui, não podemos ignorar o papel transformador da subjetividade adolescente-juvenil e sua interferência nos hábitos, costumes, regras, valores e cultura de toda uma geração. Entretanto, para fazer quaisquer considerações referentes à adolescência, não podemos ignorar seus aspectos culturais, tecnicistas, sociais e econômicos. Nosso estudo contemplará, entre essas e outras reflexões, uma discussão sobre a subjetividade do mundo contemporâneo. Com nossos sujeitos de pesquisa, foi possível contemplar o quanto eles compreendem o mundo *online*, aqui representado pelo MSN, como forma de experimentar a si e conhecer os outros. Como convite para o início de nossas reflexões, vejamos o que um dos adolescentes entrevistados falou sobre a criação da tecnologia do MSN.

Mariana: Eu acho que foi a coisa mais perfeita que eles já inventaram porque foi muito bom. É mais fácil de você falar (...) é mais fácil, você se sente uma pessoa bem mais corajosa, atrás da tela lá do computador, do MSN, do que cara a cara com as pessoas. Descobrir também, nossa! É muito fácil você descobrir, parece que as pessoas são mais soltas, assim.

Passemos agora para a apresentação mais detalhada da metodologia de nossa pesquisa e dos dados levantados, analisados e discutidos em nosso estudo. Quando Turkle (1997) afirma que as novas tecnologias proporcionam aos indivíduos uma espécie de moratória, tal como a fase da adolescência, temos o mais concreto

imbricamento entre subjetividade e novas tecnologias: adolescentes e MSN como arranjos maquínicos da subjetividade contemporânea. Continuemos, portanto, nossa navegação pelo instigante mundo *online*.

### 03 – MSN E ADOLESCÊNCIA: A INTIMIDADE EM EVIDÊNCIA

#### Uma navegação pelo mundo *online*

Prosseguindo nossas reflexões e discussões em torno das novas TIC, faremos uma descrição e contextualização mais detalhada sobre o veículo cibernético de relações MSN *Messenger*. No campo da psicologia, encontramos pesquisas recentes sobre celulares e os diversos atrativos presentes nos computadores e a internet, como os *blogs*, *Orkut*, salas de bate-papo e comunicadores instantâneos, com análises diferenciadas sobre seus aspectos técnicos e subjetivos. Essa diferença gera interpretações e significações distintas no que tange à compreensão da produção de subjetividade que as novas tecnologias evocam na contemporaneidade.

Fruto da criação de uma empresa israelita, a *Mirabilis*, o MSN *Messenger* possuía outro signo, conhecido como ICQ – abreviação da pronúncia inglesa da frase “*I seek you*”. Quando a América *Online* (AOL), empresa prestadora de serviços na internet, comprou a *Mirabilis*, passou a utilizar de todos os seus produtos, divulgando-os em nível mundial. Em seguida, a *Microsoft*, fortíssimo grupo empresarial da internet, lançou o MSN *Messenger*, com vantagens comerciais maiores. Antigos usuários do ICQ foram migrando para o MSN, constituindo-o como um dos principais comunicadores instantâneos em todo o mundo. No Brasil, existem outros, mas não tão popularizados como o MSN: *Yahoo-Messenger*, *Google Talk* e *Skype* são alguns.

Nicolaci-da-Costa (1998) refere-se aos *chats* como um dos precursores e engendradores do conceito de “tempo real”. São canais de comunicação instantânea que permitem diálogo e interação entre os participantes, que, em sua maioria, não se conhecem e se apresentam como personagem virtual, sendo difícil darem continuidade às conversas devido ao alto índice de alternância dos usuários.

Os *Internet Relay Chat* (IRCs) podem ser considerados canais temáticos de bate-papo virtual, normalmente ofertados pelos provedores. Neles, os participantes escolhem os temas sobre os quais querem discorrer, de acordo com os *chats* que acessam. Esses



canais também permitem a criação de personagens virtuais, e os participantes, normalmente, não expõem dados pessoais. Os ICQs representaram uma revolução na tecnologia dos *chats*, uma oportunidade de relacionamento, via internet, com caráter mais pessoal e íntimo. Ele oferece acesso particularizado com senha, e os usuários cadastram-se e podem escolher quais pessoas vão adicionar em sua rede de relacionamentos. Aqui, os dados pessoais e a vida dos sujeitos não são criados, pois todos se conhecem, muito ou pouco. A novidade maior é que o usuário, enquanto acessa a internet para qualquer tarefa de trabalho, escola ou entretenimento, pode acionar seu *link* e comunicar-se, instantaneamente, com qualquer conhecido que esteja usando a internet no mesmo momento.

Em relação aos chats, Dias e Taille (2006) apresentam como resultado de sua pesquisa que, apesar de as salas de bate-papo serem vistas como meio de as pessoas conhecerem mais sobre si, elas continuam expressando a velha idéia de local de encontro e diversão. Já em outra pesquisa sobre os *blogs*, Silva (2006) afirma que eles são verdadeiros diários virtuais, onde a exposição da intimidade torna-se peça-chave na constituição de outro tipo de subjetividade hoje.

Nicolaci-da-Costa (2004), referindo-se às construções de subjetividade na contemporaneidade, apresenta as novas configurações subjetivas tecidas pelos jovens diante do uso constante do celular. Mudanças fundamentais na concepção de autonomia, privacidade, segurança e intimidade começam a alterar a subjetividade dessa geração, além de mudar o conceito e o entendimento de solidão: “a solidão do sedentário em um mundo de nômades em constante movimento” (NICOLACI-DA-COSTA, 2004, p.172). Trabalhando esse aspecto, Mello (2007), em sua pesquisa com adolescentes de Florianópolis, afirma que a internet pode ser considerada uma tecnologia de solidão, possibilitando fortes interações sociais que interferem, inclusive, na vida *offline* dos sujeitos. O autor constata que, apesar de permanecerem fisicamente sozinhos enquanto acessam a internet, isso não significa que os usuários sejam solitários, pois estão em contato com um grande número de pessoas através de suas redes de relacionamento. O que devemos refletir é sobre a forma como esses adolescentes estão lidando com tais questões, o que têm sentido, produzido e experimentado em sua subjetividade, diante das inúmeras possibilidades de interação que a tela dos computadores está oferecendo.

Cumprе realçar que, no campo das tecnologias digitais, as aceleradas inovações dos programas alteram consideravelmente as formas de uso e entretenimento com o

computador. Outra ferramenta da internet muito em voga na atualidade é o *Orkut*, que trouxe a possibilidade de se estabelecer uma conversa não só em tempo real, mas também em tempos diferentes, muito próximo do que Wolton (2004) denominou de “tempo suprimido”. Os participantes são adicionados por cada usuário e acessam em tempos variados o site, deixando seus recados. Assim, a conversa vai sendo estabelecida parcialmente – passado e presente associam-se em conexão contínua, em um mundo que se mostra instantâneo. Embasados nesses resultados sobre o acoplamento entre indivíduos e artefatos tecnológicos, buscamos identificar e discriminar os processos de subjetivação peculiares ao agenciamento veicular do adolescente com o MSN. Algumas pesquisas, aqui, serão apresentadas como instrumentos de comparação com os resultados por nós analisados. Elas apontam fundamentalmente para a forma peculiar de funcionamento e a transformação subjetiva que o programa de mensagens instantâneas evoca junto a seus usuários. Migliora e Leite (2006), por exemplo, em pesquisa sobre o comportamento de crianças e adolescentes usuários do MSN, mostram o alto caráter de sociabilidade do programa. As pesquisadoras constataram entre a maioria dos entrevistados uma relação de prazer diante da conversa que estabelecem pelo MSN. Porém, parcela de 11% dos usuários entrevistados afirma que faz uso do programa não porque sente vontade, mas por necessidade social. Vejamos a frase de um desses usuários: “sinceramente, eu odeio o MSN, ele atrasa a minha vida e não acrescenta nada na minha vida também, só que as pessoas não gostam mais de falar no telefone, só por aqui” (MIGLIORA e LEITE, 2006, p.15). O MSN configura-se, então, como tecnologia de comunicação e relação bastante utilizada pelos adolescentes.

Considerando ainda os aspectos culturais e sociais presentes na vida dos adolescentes, as pesquisadoras elucidam:

Podemos afirmar que existem usuários do MSN em todas as classes sociais e também que não há fronteiras rígidas quanto ao acesso a essas novas tecnologias. Mas, no Brasil, quem tem amplo acesso à internet são os integrantes das classes médias e classe alta. Podemos sugerir que as diferenças econômicas entre as classes sociais, no Brasil, estão afetando a escolha das formas de socialização dos jovens. (MIGLIORA e LEITE, 2006, p.15).

Concluindo os resultados de sua pesquisa, Migliora e Leite (2006) afirmam que o MSN promove, além da intimidade, novas formatações nos aspectos subjetivos e

coletivos dos relacionamentos e das amizades na contemporaneidade. Ponderando sobre as consequências dessas experiências, encerram a discussão da seguinte maneira:

Assim, para melhor entendermos a complexidade de interações que se dão através do Messenger e seus reflexos, precisamos aprofundar as reflexões teóricas e empíricas sobre se e como o Messenger está engendrando novas identidades (MIGLIORA e LEITE, 2006, p.15).

Procurando aprofundar essas reflexões, apresentaremos o mundo dos adolescentes e aquilo que eles constroem em suas subjetividades nas relações que estabelecem via MSN. Dois foram os procedimentos metodológicos de nosso estudo: entrevistas individuais semi-estruturadas e um encontro virtual em grupo, previamente marcado entre entrevistadora e adolescentes entrevistados. Cumpre realçar neste momento, que alguns adolescentes já se conheciam. Os dados coletados nesses dois procedimentos metodológicos estão relacionados aos objetivos específicos de nossa pesquisa, que contemplam, basicamente, os processos de subjetivação construídos no agenciamento adolescente-MSN, comparados inclusive com a forma como esses jovens se relacionam e se posicionam fora desse contexto.

Neste capítulo, apresentaremos, inicialmente, a metodologia da nossa pesquisa e seus aportes teóricos, seguida da análise dos dados coletados durante a primeira etapa de nosso procedimento metodológico, a entrevista individual com seis adolescentes. Ao analisarmos esses dados, três temáticas fizeram-se mais evidentes na cartografia dos processos de subjetivação produzidos pela tecnologia do MSN em arranjo com a subjetividade adolescente. O primeiro explora as experiências tecnológicas de si que estão sendo protagonizadas pelo arranjo adolescente-MSN, através de dois sub-temas: relacionamento e entretenimento. O segundo apresenta o MSN como local e espaço de encontros com a subjetividade, cujos sub-temas são: intimidade e privacidade. O terceiro e último tema de análise deste capítulo evidencia alguns processos de subjetivação singulares, cartografados nas subjetividades adolescentes ora investigadas, com exploração de dois modos de subjetivação, divididos nos seguintes sub-temas: amortecedor de emoções e catalisador de subjetividades.

O universo contemplado nesta pesquisa envolve seis adolescentes de classe média, estudantes de escola particular, na faixa etária de 14 a 17 anos, residentes na cidade de Belo Horizonte. Faremos uma breve apresentação dos adolescentes, com o

intuito de promover considerações fundamentais para o processo de análise. A escolha deu-se por indicação da diretora pedagógica da escola, baseada no conhecimento que possui sobre seus alunos, sendo a única condição previamente estabelecida a de que os escolhidos fizessem uso contínuo do MSN por pelo menos um ano. Dos seis adolescentes investigados, três são do sexo feminino e três do sexo masculino. Apresentaremos, abaixo, um perfil sintético de cada um, no intuito de situar o leitor em nosso contexto de pesquisa. Dos dados apresentados, apenas os nomes são fictícios.

Mariana: 15 anos, aluna da 2ª série do Ensino Médio, cerca de 400 contatos pelo MSN.

Hudson: 17 anos, aluno da 3ª série do Ensino Médio, cerca de 350 contatos pelo MSN.

Marcos: 15 anos, aluno da 2ª série do Ensino Médio, cerca de 300 contatos pelo MSN.

Mario: 16 anos, aluno da 3ª série do Ensino Médio, cerca de 200 contatos pelo MSN.

Adriana, 15 anos, aluna da 1ª série do Ensino Médio, cerca de 100 contatos pelo MSN.

Karina, 14 anos, aluna da 1ª série do Ensino Médio, cerca de 150 contatos pelo MSN.

O roteiro da entrevista semi-estruturada foi embasado nos objetivos específicos de nossa pesquisa, com o intuito de perceber se existe produção subjetiva peculiar ao agenciamento adolescente-MSN. Os adolescentes foram questionados sobre a forma como se vêem pelo MSN, como conversam e se relacionam, além de serem levados a refletir sobre a existência de diferenças em seu jeito de ser ou no jeito de ser dos colegas quando não se encontram pelo MSN.

As entrevistas foram analisadas à luz da perspectiva de Turato (2003), que discute as melhores formas de construir um trabalho científico. Os dados foram coletados sob a lógica da análise temática, com as seguintes etapas: impregnação do discurso, categorização dos dados pelo critério de relevância e repetição, discussão dos dados coletados com o orientador. Sob a perspectiva cartográfica de Deleuze e Guattari (1995), analisamos os processos de subjetivação produzidos no arranjo adolescente-MSN e, embasados em Kastrup (2008), lembramos que, se pretendemos tomar

[...] a cartografia como uma proposta metodológica, cabe ressaltar, de saída, que a noção de subjetividade é indissociável da idéia de produção, remetendo a uma rede processual. [...] O termo subjetividade tem servido para falar do processo e também do produto, como é o caso de falarmos, por exemplo, em “novas subjetividades”. (KASTRUP, 2008, p. 469).

Assim sendo, a perspectiva cartográfica permitirá não somente identificar os tipos de subjetividade instaladas no agenciamento adolescente-MSN, como também nos possibilitará mapear a produção de subjetividade que os indivíduos-adolescentes estão construindo em si enquanto veículos de subjetivação. É a isso que Kastrup (2008) se refere quando explica que o termo “subjetividade” pode ser trabalhado, concomitantemente, como processo e produto. Em nossa análise, representará tanto as experiências molares e estáveis do território existencial adolescente-MSN como as transformações subjetivas moleculares (individualizadas ou singularizadas) que os adolescentes estão produzindo.

### **Para cada trabalho, um tipo de método**

Apresentaremos, neste momento, o que foi possível mapear durante nossa navegação científica pelo mundo *online* do MSN, combinado com o território subjetivo dos adolescentes. Como já havíamos esclarecido, a idéia de método aqui adotada coaduna-se à concepção foucaultiana de construção do pesquisador diante de seu problema de investigação.

Não tenho método que aplicaria, do mesmo modo a domínios diferentes. Ao contrário, diria que é um mesmo campo de objetos que procuro isolar, utilizando instrumentos encontrados ou forjados por mim, no exato momento em que faço minha pesquisa [...]. (FOUCAULT, 2003, p.229).

Tivemos como estratégia principal de estudo do material coletado nas entrevistas a análise temática dos dados e os critérios de relevância e repetição. Evidenciamos alguns dados iniciais e, posteriormente, analisamos o que eles significariam para o campo investigado. Como explicamos no capítulo anterior, os conceitos de agenciamento, subjetivação (individualizante e singularizante) e das práticas e técnicas de si foram os principais instrumentos teóricos de nossa análise.

A nova arquitetura do mundo *online* promove, em todos os elementos presentes no maquinário social contemporâneo, constantes conexões, em rede descontínua e processual de relacionamentos. Em uma explicação generalizada, poderíamos compreender toda rede como um entrelaçamento de fios, cordas, linhas ou quaisquer

materiais. No caso específico da internet, teríamos uma rede formada por “[...] um conjunto de terminais ou quaisquer aparelhos informatizados, interconectados por linhas de comunicação” (FERREIRA, 2001 p. 356). Em nossa pesquisa, procuramos acompanhar o que a trajetória dessas linhas de comunicação, que também se fazem presentes no arranjo adolescente-MSN, tem construído na atualidade.

Antes disso, é fundamental o esclarecimento sobre a forma como utilizaremos o conceito de rede. No capítulo anterior, afirmamos que, antes da máquina ser técnica, ela é social. Essa afirmação pode ser transposta para a compreensão da terminologia de rede, presente no modo de vida da humanidade desde os inícios dos tempos. Musso (2004) afirma que:

Na Antiguidade, a idéia de rede já está presente como mito do vínculo, levado por uma visão biometáfrica colocando em ressonância as circulações internas do corpo físico com o da Cidade e do grande corpo do Cosmo. No século XVII, a rede apresentada como tecelagem e forma da natureza torna-se um modelo de racionalidade observado e construído, no século XVIII, a rede identificada com o corpo determina uma visão bio-política e econômica. Aí ocorre a mudança que faz da rede um conceito, uma representação do território e um artefato técnico para o enlaçamento do globo. (MUSSO, 2004, p. 22).

Para Musso (2004), a rede torna-se um conceito fundamental para a representação do território em que nos encontramos. França (2000), porém, faz um alerta sobre os cuidados que devemos ter ao abordar a rede como conceito.

Os modelos topológicos inspirados por essa realidade podem ser frutíferos – desde que exploremos bem seus desdobramentos. E, sem dúvida, estamos avançando neste terreno; as contribuições vêm numerosas. Mas é preciso saber tirar suas consequências. (FRANÇA, 2000, p.07).

Iremos encontrar nos estudos de França (2000) e Musso (2004) duas formas de compreensão do conceito de rede. Ambos evidenciam dois sentidos, o primeiro envolvendo um aspecto prático e o segundo definindo um sentido metafórico. Musso (2004) refere-se à rede compreendida, por um lado, como modelo de pensamento, criando um novo paradigma no raciocínio e, por outro lado, como expressão concreta presente nas próprias redes técnicas de comunicação, liderando um modo peculiar de organização do espaço-tempo. “Assim a rede tornou-se o fim e o meio para pensar e

realizar a transformação social, ou até mesmo as revoluções de nosso tempo” (MUSSO, 2004, p. 37).

Ao analisar o conceito de rede presente nos tempos mais clássicos, França (2000) considera que, desde a época do telégrafo e da noção que se fazia presente na metáfora das redes rodoviárias, o tipo reinante de compreensão sobre os movimentos dos fluxos eram centralizadores. Citando a teoria de Michel Serres, a autora evidencia que:

Enquanto o modelo dialético tradicional supõe que existe apenas um caminho para ir de um elemento a outro em uma dada situação (estabelecendo, portanto, uma relação unilinear), o diagrama em rede indica que as vias mediadoras são plurais e complexas – e um caminho (ou caminhos) é escolhido entre outros possíveis, num movimento tanto marcado pelo aleatório quanto pela decisão e seleção (a mediação única é substituída pela seleção de uma mediação entre outras). (FRANÇA, 2000, p.13).

A rede, em nosso trabalho, apesar de se configurar como veículo promovedor de transformações – também presente na tecnologia do MSN –, será explorada em seu sentido metafórico, conceito que produz fluxos contínuos, complexos e diversificados, ferramenta teórica de compreensão e análise dos processos de subjetivação que pretendemos mapear. Trata-se uma metáfora representante dos processos de conexão social que a contemporaneidade tem protagonizado. As novas-formas-pensamento que aqui buscamos investigar apresentam características semelhantes às da tecnologia de rede, entre elas: a multiplicidade de conexões e a capacidade de dispersão e descentralização.

O trabalho de apreensão, de interpretação, assim, tem início com uma escolha, com o recorte de nosso objeto – para então percebê-lo não como um “em si”, mas como um elo, um nó, um vértice, atravessado por vários caminhos, na grande rede do social. (FRANÇA, 2000, p. 15).

No que se refere à compreensão metafórica da rede, França (2000) tece uma crítica à forma demasiadamente enrijecida como alguns autores se referem à idéia de rede. Criticando Castells (1999) e Lévy (1993), ela pondera que existe uma

ênfase excessiva nas vias mediadoras (vias de acesso) em detrimento do estudo dos processos relacionais estabelecidos (que tipo de relação está sendo

vivenciada; que tipo de uso, de apropriação dos materiais e das posições; quem está de um lado, quem está de outro etc.). (FRANÇA, 2000, p. 10).

Não seria novidade dizer que, em nossa pesquisa, buscamos analisar esses processos relacionais, com o intuito de cartografar tanto os nós quanto os fluxos que a atual rede social está promovendo como novas formas de subjetividade.

Devido ao fato de considerarmos, aqui, o arranjo adolescente-MSN como máquinas produtoras de subjetividade na atual rede social, devemos também relativizar as variadas formas de compreensão dessa realidade múltipla, composta por sólidos e fluidos, aspectos corpóreos e incorpóreos. Assim, a conclusão de França (2000) torna-se preciosa ferramenta de reflexão diante do processo de navegação no mundo *online*, demonstrando que a análise de uma

[...] entrada na rede supõe “cortes”- a ênfase em um ponto, a escolha de um ou mais fluxos com temporalidade e mediações variadas. A rede é uma abstração, que se realiza em situações particulares. Então nosso trabalho de análise, se quer escapar ou ir além das grandes generalizações, deve fazer cortes, ir em busca dos fenômenos na sua dimensão empírica – o que significa recortar situações específicas, objetos específicos, produtos, relações. (FRANÇA, 2000, p. 15).

Essa perspectiva de compreensão desses novos fluxos dos relacionamentos em rede segue a idéia de França (2000). Evidenciamos em nosso campo empírico situações que pareceram relevantes para aquilo que pretendíamos cartografar. Percebemos, com isso, que esses mesmos dados podem gerar outros pontos de reflexões e discussões de igual importância. Em nossa navegação *online*, procuramos seguir os fluxos do relacionamento do universo digital, com o intuito de mapear o que eles têm traçado de subjetividade. Assim, as linhas molares e moleculares que cartografamos em nosso trabalho referem-se a temporalidades e mediações específicas dos relacionamentos e das afetividades, não se configurando, contudo, como as únicas possíveis. Continuando a discussão sobre subjetividade contemporânea, é válido realçar um dos aspectos da obra foucaultiana que inspira todo o propósito de nosso trabalho. Como nos lembra Ferreira Neto (2004):

Com Foucault, entre outros, aprendemos que não existe uma forma padrão “natural” da subjetividade, mas ela é variável e emerge em conexão com processos históricos, sociais, políticos, econômicos, urbanos num contínuo



vir a ser marcado pela contingência e nunca por um determinismo derradeiro. Mais do que isso, que nossa presente individualidade identitária seja, talvez, um modo de subjetivação que não mais responda às configurações do contemporâneo presente nos novos arranjos urbanos e esteja em via de ser sucedida por novos modos de subjetivação. (FERREIRA NETO, 2004, p. 116).

Será na cartografia de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) que encontraremos a presença de conceitos teóricos que nortearão a análise do material de pesquisa. Se entendermos, contudo, que a cartografia permite acompanhar o processo e o próprio movimento que as linhas reticulares realizam, temos que compreender que essas

[...] linhas estão sempre imbricadas umas nas outras: as de segmentação dura que cortam por dicotomização, as flexíveis que traçam pequenas modificações, que se desviam dos códigos totalizadores das primeiras e as de fuga que nos conectam com o imprevisível, com uma espécie de destino desconhecido, tortuoso e veloz. Fazer uma cartografia, uma esquizoanálise, seria traçar as linhas que estão compondo um determinado território, as que estão dele escapando produzindo desterritorializações, as que estão se recompondo produzindo reterritorializações. (BENEVIDES DE BARROS, 2002, p. 150).

Aqui reside o ponto principal de nosso trabalho, pois procuraremos evidenciar o que as linhas de conexão adolescente-MSN vêm produzindo de subjetividade. Mais do que isso, buscaremos compreender os territórios já estabelecidos no mundo *online*, os territórios existenciais que os adolescentes reproduzem por suas linhas molares, bem como aquilo que, em proporção individualizada ou singularizada, produzem ou reterritorializam neles mesmos, com suas linhas moleculares. Finalmente, teremos como maior objetivo refletir sobre as novas configurações subjetivas que o mundo *online* tem tecido na contemporaneidade. Em busca desses novos modos de subjetivação, iniciamos nossas reflexões sobre os resultados desta pesquisa discutindo o que as composições humanas e técnicas têm construído hoje.

Esta parte termina com uma metodologia adequada para prevenir os dualismos maciços que tantas vezes nos dispensam de pensar e, mais particularmente, de pensar o pensamento: espírito e matéria, sujeito e objeto, homem e técnica, indivíduo e sociedade, etc. Propomos que estas oposições grosseiras entre essências pretensamente universais sejam substituídas por análises moleculares e a cada vez singulares em termos de rede de interfaces. (LÉVY, 1993, p. 134).

Levy (1993) destacava que a criação das tecnologias já encerra um conjunto de características que demarcam e determinam suas funções. O MSN foi criado como recurso de comunicação privado e atrelado à intimidade dos indivíduos - cada um possui uma senha de acesso que permite escolher e definir quem faz parte de seu ciclo de relacionamentos. Essa característica é um dos principais condutores das novas composições relacionais e comunicacionais tecidas na subjetividade contemporânea.

A partir de agora, apresentaremos a análise dos três temas selecionados, com seus respectivos sub-temas.

### 3.1 – Primeiro tema: experiências tecnológicas de si

Iniciemos nossa navegação pelo mundo dos adolescentes e aquilo que eles estão experimentando nas relações que estabelecem pelo MSN, ponto de encontro para conversar e desenvolver amizades.

Adriana: Os meus melhores amigos que eu tenho hoje, foi assim, eu conversei, dei "Oi! Bom dia! Bom dia! Cê tem MSN? Tenho. Me passa aí. Cê vai entrar hoje? Vou." Aí, cê vai entra e conversa, aí, no outro dia cê já sabe todos os tipos de música que a pessoa gosta, cê já sabe os filmes que ela gosta de assistir, já sabe tudo sobre ela.

Ao adentrarmos o cotidiano dos adolescentes, podemos perceber características básicas do uso do MSN e suas configurações no mundo *online*. Trata-se de um comunicador instantâneo que permite conversas verbalizadas e digitadas. É possível conversar nos recursos digitais e de áudio, mas a prática mais comum, no caso dos adolescentes entrevistados, é a digital, que inclui apenas a digitação nos teclados, com *webcam* desligada. Os adolescentes "teclam" intensamente boa parte de seus dias. Chegam em casa, cumprem seus deveres e se encontram no MSN pra interagir.

Poderíamos dizer que a principal característica do MSN é sua configuração eletrônica personalizada. Todo adolescente possui um nome ou endereço eletrônico com senha pessoal, através do qual é encontrado no mundo *online*. A rede social que constrói

pelo MSN é com permissão exclusiva. Ele autoriza pessoas a entrar em suas redes de relacionamentos, e também é autorizado pelos colegas e amigos a fazer parte de suas redes. Há outro mecanismo que permite bloquear contatos já autorizados no MSN.

Mariana: Porque geralmente quando você não tá muito afim de continuar aquela situação pelo MSN, você bloqueia a pessoa, e pronto, acabou. Não tem como a pessoa conversar, não tem como a pessoa te acessar. E você não precisa responder.

Esse mecanismo de controle nos relacionamentos parece ser um dos atrativos que esse segmento do mundo *online* oferece e do qual faremos um estudo mais aprofundado a partir de agora.

Referindo-nos aos variados campos de pesquisa que abordam esse mesmo tema, apresentaremos, de forma sucinta, estudos realizados nos campos da educação, comunicação e psicologia, com o intuito de acrescentarmos dados e contribuições relevantes ao corpo de estudo. Teremos, no campo da educação e da comunicação, pesquisas com diferentes objetivos: desde as que buscam investigar a interferência da internet na aquisição, na apropriação da linguagem e na cognição de crianças e adolescentes até as que desenvolvem um questionamento em torno das identidades, representações e relações subjetivas.

É muito amplo o espectro que essas tecnologias oferecem aos olhares científicos. Alguns pesquisadores norte-americanos, por exemplo, embasados na teoria comportamental, colaboram na investigação da forma como as pessoas se utilizam das mesmas. Eles avaliam os fatores motivacionais que levam os indivíduos a utilizarem determinados tipos de tecnologia. Leung (2002), ao realizar pesquisa sobre o uso do ICQ, estabelece comparação entre a forma como os sujeitos solitários se comunicam no face a face e no ambiente virtual, ou, melhor dizendo, na interface. Assim, ele descobre que, apesar de os sujeitos mais solitários sustentarem o hábito de não se revelarem para os outros no ambiente virtual, eles conseguem experimentar melhor esse tipo de vivência através das inúmeras possibilidades de revelação do eu que o ICQ proporciona, sucumbindo o enfrentamento face a face. Já Valkenbrug e outros (2005) apresentam os maiores motivadores para os adolescentes usarem a internet como base de

experimentação das suas identidades: a exploração do eu, a compensação e a facilitação social.

Freitas (2005) realizou pesquisa sobre os adolescentes e o que têm produzido na internet. A educadora investiga os sites construídos por eles e executa uma análise criteriosa sobre a linguagem hipertextual, os diálogos, a interação e a forma como a questão de gênero atravessa essa experiência. Apesar de não se embasar no conceito de agenciamento, como Turkle (1997), ela compreende

[...] a internet como criadora de uma nova sensibilidade cultural e social, propiciadora de outras formas de interação e intersubjetividades. Turkle (1997) vê os computadores como instrumentos que não só fazem coisas para nós, mas que fazem coisas conosco, influenciando em nossos modos de pensar sobre nós mesmos e sobre outras pessoas. (FREITAS, 2005, p.93).

Apontamos essas pesquisas com o intuito de evidenciar idéias da psicologia, da comunicação e da educação sobre as transformações subjetivas que as novas tecnologias têm protagonizado na atualidade. No entanto, muitas outras não foram aqui referidas, primeiramente devido à objetividade que devemos ter em nossas produções e, segundo, porque o intuito não era realizar minucioso levantamento do que já existe pesquisado sobre o tema, mas mapear o caminho que a subjetividade contemporânea tem percorrido nesse mundo sem fronteiras que a internet inaugurou.

De forma geral, podemos perceber que, nesse universo das novas tecnologias, muitas mudanças estão ocorrendo e outras tantas já aconteceram. É de extrema relevância que a psicologia comece a se apropriar desses conhecimentos. Podemos constatar, pelo menos inicialmente, que essa área tem muito a contribuir com sua visão e investigação da subjetividade. Algumas afirmações já estão sendo feitas, e pelo menos algumas inferências já são possíveis de serem vislumbradas. Os sujeitos estão, notadamente, diferenciados em suas capacidades cognitivas, perceptivas e relacionais. É nesse instante que a noção de sujeito faz-se novamente presente e com relevância.

No capítulo anterior, discorremos sobre a proximidade da juventude com a tecnologia, apontando os aspectos que corroboram para sua interconexão. O MSN, local de encontro para conversas, muito utilizado por empresas como forma econômica, prática e imediata de comunicação, configura-se, para os jovens, especialmente os adolescentes, como espaço onde se experimentam aspectos subjetivos variados. Turkle

(1997) defende a idéia, anteriormente apresentada, de que as comunidades virtuais são espaços de experiência de moratória para seus usuários. Seguindo a mesma linha de pensamento, poderíamos defender a idéia de que o MSN funciona como laboratório para experiências afetivas. Os adolescentes, em seus depoimentos, expressam a forma como constroem e experimentam suas percepções e sensações nesse local de relacionamento.

O agenciamento adolescente-MSN institui um tipo de “experiência tecnológica de si” que pode ser, analogicamente, comparado ao que Foucault (2004) denominou como práticas de si. Segundo Foucault (2004), as práticas de si são ações executadas pelos sujeitos de modo que produzam ou reproduzam determinado aspecto de sua subjetividade. Em relação ao aspecto peculiar da tecnologia do MSN como veículo cibernético de relações e promotor da comunicação, vejamos como esse tipo de prática de si promove nos adolescentes Mario e Karina experiências peculiares:

Mario: [...]fica mais fácil de falar com qualquer pessoa, entendeu? Mais fácil é porque você pode pensar antes de você falar, entendeu?

Karina: É mais fácil porque assim cê não tá lá cara a cara com a pessoa, cê parece que você se solta mais.[...] A gente analisa a conversa pra ver se não falou alguma coisa... Acho que facilita.

É interessante realçar que a expansão da capacidade de comunicação que o arranjo adolescente-MSN agencia está presente até em sujeitos menos comunicativos. Na entrevista realizada com Mario e Karina, foi possível constatar a presença de um comportamento mais tímido quando comparado ao dos demais entrevistados. Tal constatação fez-se possível pela observação de seus comportamentos, por considerações feitas por eles e pelo fato de possuírem um total de 150 a 200 contatos pelo MSN. Eles explicam que não possuem grande ciclo de amigos *offline*, fato que se repete no mundo *online*, onde possuem número mais restrito de amigos pelo MSN quando comparados aos contatos de Mariana, Hudson e Marcos, por exemplo (entre 300 e 400 contatos). Os adolescentes explicam que é comum um número maior de contatos pelo MSN. Isso, porém, não exclui a possibilidade de veicularem uma tecnologia mais comunicativa de si mesmos.

Poderíamos pensar que o fato de os sujeitos gostarem de estar no MSN poderia ser fator que favorecesse esse tipo de prática, porém, o caso de Adriana contrapõe-se a essa afirmativa. Como será possível perceber mais adiante, na temática dos processos de subjetivação, Adriana não é uma admiradora da tecnologia do MSN, mas afirma que, por ele, consegue experimentar um modo de se comunicar que a torna mais corajosa.

Adriana: A facilidade é que... que é... assim. O que você não tem coragem de falar pessoalmente, você tem coragem de falar pelo MSN.

Esse aspecto comunicativo, típico da tecnologia de mensagens instantâneas, promove outras características no campo das relações e dos afetos que os sujeitos estabelecem entre si e que serão, a partir de agora, abordadas.

### **Sub-tema: o relacionamento**

Nos primeiros depoimentos aqui realçados, é possível observar o quanto os adolescentes se sentem mais tranquilos ao estabelecer conversas pelo MSN. Logo, o relacionamento proporcionado pelo arranjo adolescente-MSN parece também adquirir caráter de facilidade. Procurando compreender essas transformações, tomaremos como coeficientes de medida, em nossa análise, pontos que Deleuze e Guattari (1995) evidenciam em sua teoria.

Os coeficientes que “quantificam” os agenciamentos dizem respeito aos componentes variáveis de agenciamento (território, desterritorialização, reterritorialização, terra, Cosmo); as linhas diversas entrelaçadas que constituem o “mapa” de um agenciamento (linhas molares, linhas moleculares, linhas de fuga) [...]. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 229).

O uso desses coeficientes presentes no agenciamento será, aqui, restrito aos conceitos de territorialização, reterritorialização, linhas molares e moleculares. Buscaremos evidenciar os coeficientes que demarcam, com maior ênfase, tanto o produto como a produção de subjetividade presentes nesses veículos de subjetivação. A cartografia aqui realizada tem como principal intuito seguir a trajetória que as linhas molares e moleculares da subjetividade adolescente, em arranjo com o MSN, têm traçado na contemporaneidade. Atemo-nos à forma como as experiências afetivas, perceptivas e de relacionamentos entre adolescentes estão sendo agenciadas pelo movimento que esses veículos de subjetivação estão realizando. O fato de termos

preterido a investigação do movimento de desterritorialização e das linhas de fuga não se deve ao entendimento destas como coeficientes menos importantes, mas por compreendermos que, após todo movimento de fuga, os territórios são refeitos. “Pois se nossas formas são construídas sobre desterritorializações primeiras, e se sofremos com sua dureza, nem por isso precisamos menos delas para reproduzir nossa existência” (ZOURABICHVILI, p.28, 2004).

Trabalhando, portanto, com o coeficiente da reterritorialização desenvolvido por Deleuze e Guattari (1995), é possível perceber que, no território dos relacionamentos entre os adolescentes, alguns hábitos, costumes, códigos e valores que possuíam uma característica de estabilidade no mundo *offline* sofreram um processo de desterritorialização quando inseridos na rede. Se no mundo *offline* a comunicação entre os sujeitos é demarcada pela impossibilidade de se comunicar com duas, três ou mais pessoas ao mesmo tempo, no mundo *online* isso é perfeitamente possível. Observemos a comparação que Mariana faz entre a tecnologia do telefone, que possibilita a comunicação entre duas pessoas, e a do MSN, que permite a comunicação com um maior número de contatos:

Mariana: No telefone não! A pessoa tá te perguntando cê vai falando. No MSN não, mesmo cê tando respondendo lá aquele tanto de gente na mesma hora, ce lê antes, é uma coisa que cê para, pensa na resposta que'ocê vai colocar.

Dentre as experiências tecnológicas de si que o arranjo adolescente-MSN tem produzido, a primeira seria, portanto, a de um relacionamento múltiplo e dinâmico.

Empírica e epistemologicamente, é recorrente a associação da subjetividade adolescente com a formação de grupos, clãs ou tribos. No capítulo anterior, evidenciamos o quanto a articulação da juventude em torno de algumas ideologias é capaz de construir grupos de ação – como é o caso do movimento estudantil, trabalhado por Morin (1986). Erikson (1987), atrelado ao conceito de identidade na adolescência, evidencia a função do grupo como forma de demarcar e compor características subjetivas. Ao desenvolver essa idéia, explicita o papel que o grupo exerce diante da subjetividade adolescente:

Os adolescentes não só ajudam uns aos outros, temporariamente, no decorrer desse conturbado período, formando turmas e estereotipando-se a si próprios, aos seus ideais e aos seus inimigos, mas também testam, insistentemente, as capacidades mútuas para lealdades constantes, no meio de inevitáveis conflitos de valores. (ERIKSON, 1987, p. 133).

Discutindo ainda a questão dos grupos e clãs, tão peculiares à subjetividade adolescente, sob a luz da teoria de Deleuze e Guattari (1995) de linha molar que atravessa, estabiliza e demarca esse território subjetivo, buscaremos evidenciar os aspectos reterritorializados diante do mundo *online*. Iremos encontrar em Calligaris (2000) uma análise que esclarece a razão da formação de grupos como demarcação territorial dos adolescentes diante do maquinário social.

Recusado como par pela comunidade dos adultos, indignado pela moratória que lhe é imposta e acuado pela indefinição dos requisitos para terminá-la (a famosa e enigmática maturidade), o adolescente se afasta dos adultos e cria, inventa e integra microssociedades que vão desde o grupo de amigos até o grupo de estilo, até a gangue. (CALLIGARIS, 2000, p. 36).

Tal análise reforça a compreensão de que a adolescência, vista como modo cultural de subjetividade, apresenta organizações e constituições particulares, que promovem, inclusive, transformações no grande maquinário social.

Trabalhando ainda o aspecto da formação de grupos na subjetividade adolescente, percebemos que essa interface de janelas do MSN descerra as variadas linhas que arquitetam seus territórios subjetivos do mundo *offline*, reproduzindo-os da mesma forma no mundo *online*. Com um funcionamento de tipo “arquivo”, a interface do MSN permite que a rede social de relacionamento (criada por todos os usuários) siga a fragmentação territorializada do mundo *offline*. Assim, os famosos grupos da subjetividade adolescente encontram, também *online*, a possibilidade de se demarcarem. Os adolescentes separam seus contatos pelo MSN em pastas, nomeadas de acordo com a característica territorial que os envolve no mundo *offline*. Mariana, por exemplo, possui quatro tipos de pastas em sua rede social: família, escola, baladas e viagens. Elas reproduzem as vivências de Mariana no mundo *offline*, reforçando a relação com determinados grupos.

Procurando mapear as produções de subjetividade que os veículos de subjetivação estão promovendo, analisamos a forma como o aspecto do relacionamento se faz presente nessa interface do mundo *online*, pela formação de grupos. Inicialmente,



é possível perceber a aceleração agenciada entre os adolescentes através do MSN, no que tange essa temática. Ali, as características de relacionamento em grupo, tão presentes na subjetividade adolescente, permanecem mais fortes do que nunca. Um dado que merece evidência, no entanto, é que a linha molar de relação sofre uma reterritorialização no mundo *online*, tornando-se mais imediata. Esse imediatismo ainda exercita nos adolescentes um raciocínio não-linear, pois a multiplicidade característica das relações *online* promove, constantemente, uma descontinuidade nas conversas. O MSN parece acelerar a relação entre os adolescentes, demarcando uma forma de relacionamento com característica descontínua e veloz. Aqui, deparamo-nos com o que seria a segunda experiência tecnológica de si agenciada pelo arranjo adolescente-MSN.

O MSN, através de interface múltipla e instantânea, oferece uma espécie de laboratório para desenvolver habilidades comunicacionais mais rápidas e múltiplas. As constantes janelas presentes em sua interface conectam os adolescentes a seus contatos que também estão *online* naquele momento, sendo possível a seleção daqueles com quem queiram conversar e se encontrar. Tal fato evoca a possibilidade de relacionamento múltiplo e instantâneo, exigindo maior velocidade na capacidade de expressão, pois se comunicam com mais de uma pessoa, na maioria das vezes.

Trabalhando com esse mesmo conceito de agilidade, Turkle (1997) afirma que “os MUDs, tal como outros locais de encontros eletrônicos, podem gerar uma espécie de intimidade fácil” (TURKLE, 1997, p. 305). Percebemos em nossa navegação pelo MSN que ele também seria um meio acelerador das relações e das intimidades vivenciadas pelos adolescentes,

Mariana: tipo que... cê convive no dia a dia, mas que no dia a dia, no face a face também é distante, essa pessoa... mas no MSN não! No MSN, essa pessoa é amiga de infância.

Contudo, cumpre adiantar que, na pesquisa, foi possível constatar que essa aceleração das relações e da intimidade tem agilizado também alguns processos de subjetivação na individualidade adolescente, dado que será trabalhado na terceira e última subdivisão deste capítulo.

No caso específico do MSN, é possível constatar que a modelagem agenciada na subjetividade adolescente possui um funcionamento peculiar. Nele, há um tipo de catalisador de subjetividades, que provoca um movimento coletivo de expansão do processo comunicativo. Segundo Ferreira (2001), catálise, em seu processo físico e químico, significa “modificação (em geral aumento) de velocidade de uma reação química pela presença e atuação de uma substância que não se altera no processo” (FERREIRA, 2004, p.189). Adaptando esse conceito a nosso trabalho, poderemos compreender que a reação química acelerada se faz presente na dimensão subjetivante dos indivíduos-adolescentes, e que a substância responsável por esse processo que não sofre alteração é a característica de comunicação – marca registrada do MSN. É dessa maneira que podemos compreender o MSN como acelerador das relações afetivas. Os depoimentos de Marcos e Karina corroboram nossa constatação:

Marcos: É tanto que tem que ser uma coisa instantânea assim. Ele fala, cê sente na obrigação de responder, já.

Karina: Agora no MSN, não. Já vai direto. É uma relação mais... direta assim. Cê já vai falando.É. Acho que é tudo mais... sei lá. Tudo mais corrido assim...

Já nos depoimentos de Hudson e Adriana, o que se faz mais evidente é o fato de que as experiências tecnológicas imediatas de comunicação parecem promover, em suas subjetividades, o treinamento da objetividade. Enquanto Hudson realça a dificuldade de desenvolver um assunto mais delongado pelo MSN, Adriana esclarece, sucintamente, a forma como o relacionamento funciona por essa ferramenta.

Hudson: Quando ocê tá falando uma coisa muito extensa, quando você vai contar um caso que aconteceu, ou uma coisa... cê tem que digitar muito, então não funciona.

Adriana: O MSN é bom pra uma coisa mais direta.

A subjetividade adolescente contemporânea parece estar desenvolvendo, de forma intensa, experiências de relacionamentos pautadas também em objetividade e compartilhamento. Essa seria, portanto, a terceira experiência tecnológica de si

produzida no agenciamento adolescente-MSN. Tal fato produz novas-formas-pensamento diante da capacidade de expressão dos sujeitos. Como foi possível inferir dos seus depoimentos, os adolescentes relatam a maneira como têm que se comunicar pelo MSN. Com as experiências tecnológicas de si, foi possível constatar alterações nas linhas que atravessam o relacionamento em rede: multiplicidade, descontinuidade, velocidade, objetividade, maior dinamismo e compartilhamento.

### **Sub-tema: o entretenimento**

O segundo sub-tema trabalhado como outro aspecto da subjetividade adolescente reterritorializado no mundo *online* com o MSN é o de entretenimento. Os adolescentes, de forma hegemônica, reconhecem essa ferramenta como espaço de relação e entretenimento.

Marcos: [...] quando a pessoa tá conversando no MSN ela não tá focada só nisso, ela tá entretida com um tanto de coisa.

Se antes os adolescentes se encontravam em praças, ruas e locais de lazer para conversar, ouvir músicas e se distrair, hoje, apesar de ainda fazerem isso, possuem outro lugar que propicia sensações e vivências múltiplas e diversificadas – a internet. Nicolaci-da-Costa (2005a) apresenta o sujeito da contemporaneidade como aquele que executa diversas atividades ao mesmo tempo, estando em vários lugares, apesar de estar fisicamente fixado a um lugar apenas. Em nossa pesquisa, também constatamos que o agenciamento adolescente-MSN promove experiências tecnológicas de entretenimento diferenciadas. Ele produz capacidade múltipla e virtual de diversão e movimentação, com fixação apenas do corpo físico, o que é possível devido ao arranjo veicular promovido junto ao MSN. Em seus territórios existenciais, os adolescentes apresentam aspectos singulares de composição subjetiva no que se refere à maneira como vêm o entretenimento pelo MSN.

Nesse sub-tema, as experiências tecnológicas de si foram agenciadas de modo heterogêneo. Vejamos alguns exemplos: Mariana afirma que o caráter de multiplicidade gerado pelo entretenimento da rede expande sua capacidade de se comunicar:

Mariana: {...}sempre quando tá online no MSN, eu não sei da onde vem, Carla, tanto assunto!

Hudson e Karina, por sua vez, evidenciam que essa multiplicidade de tarefas proporcionada pela internet dá um caráter de banalidade às conversas:

Hudson: Eu prefiro ficar lá no MSN mesmo, que já tá lá, na internet e tal. Acho que no MSN você não leva muito a sério, não.

Karina: É! Até porque o que a gente conversa pelo MSN são coisas banais, nada que possa interferir assim.

Mario fala da forma como se sente diante da oportunidade de fazer várias coisas ao mesmo tempo:

Mario: Ah! Mais tranquilo assim, porque fica ali no computador, jogando, conversando com um monte de gente, ouvindo música, fico mais tranquilo.

É interessante analisarmos a transformação subjetiva que alguns adolescentes estabeleceram diante da reterritorialização, agenciada ao aspecto de entretenimento proporcionado pelo arranjo adolescente-MSN. No caso de Mario e Mariana, percebemos que, ao reterritorializarem em si o aspecto de entretenimento múltiplo do MSN, traços de suas subjetividades foram produzidos. Mariana, que se diz bastante comunicativa, expande essa característica buscando inúmeras formas de conversar: “é, e realmente começa a surgir assunto: ‘Olha isso aqui agora na internet’”. Já Mario, que se considera mais tímido diante de contatos sociais, demonstra o quanto se sente a vontade e “tranquilo” com a possibilidade de se relacionar pelo computador.

Nesse primeiro tema sobre as experiências tecnológicas de si promovidas pelo agenciamento adolescente-MSN, foi possível constatar que, de forma geral, os adolescentes da contemporaneidade têm experimentado, tecnologicamente, alguns aspectos de sua subjetividade. Foi possível perceber também que características marcantes da subjetividade adolescente, como a capacidade de relação e entretenimento, foram reterritorializadas com sua inserção nos relacionamentos em rede.

No capítulo anterior, mostramos como o surgimento da subjetividade adolescente junto à tecnologia não foi simples coincidência. A sociedade moderna produziu a adolescência, que, por sua vez, já se apropriou do mundo de forma técnica e

diferenciada. Os adolescentes sempre executaram várias tarefas ao mesmo tempo: ouvir músicas enquanto estudam, ler enquanto conversam ao telefone, por exemplo. Logo, a subjetividade adolescente já possui, desde seu surgimento, configurações subjetivas peculiares e totalmente circunstanciais. O aspecto de relacionamento agenciado pelo MSN e os adolescentes tornou-se múltiplo, descontínuo, veloz, objetivo, com a característica de compartilhamento e dinamismo expandida de modo homogêneo. Já o aspecto de entretenimento teve sua característica de multiplicidade e compartilhamento ampliada, com experiências tecnológicas heterogêneas. Essas reterritorializações evocadas pelo agenciamento adolescente-MSN têm proporcionado, inclusive, novas formas de pensar, agir e sentir. Aqui, podemos observar as “novas-formas-pensamento” que esses veículos de subjetivação estão produzindo hoje. Os adolescentes, com o MSN, exercitam em si: 1) novas tecnologias de relacionamento em grupo, podendo conversar com mais de uma pessoa ao mesmo tempo; 2) novas formas de comunicação entre si, sendo obrigados a desenvolver conversas rápidas e imediatas; 3) novas formas de pensamento, desenvolvendo a objetividade na fala, que deve ser clara, dinâmica, instantânea e coerente; 4) novas formas de entretenimento, podendo realizar mais tarefas ao mesmo tempo.

A subjetividade do mundo contemporâneo parece estar desenvolvendo habilidades de multiplicidade, agilidade e imediatismo, como mostram as teorias de Turkle (1997) e Nicolaci-da-Costa (2002; 2005a; 2005b). Um aspecto, porém, que parece peculiar à tecnologia do MSN é o desenvolvimento da objetividade no pensamento e na linguagem, com o estabelecimento de relações afetivas e instantâneas. Isso porque o MSN conjuga a imediaticidade das conversas, presentes nos canais de bate-papo, com o caráter de intimidade da rede social de relacionamentos – característica marcante de sua composição territorial.

Estudos sobre a linguagem desenvolvida na internet também apontam para os novos formatos de aprendizado e cognição e o quanto eles atravessam aspectos emocionais. Assmann (2005), por exemplo, afirma que “as tecnologias digitais favorecem novas interações entre agentes humanos e técnicos e fazem emergir novas formas de aprender; fundamentadas muito mais nos sentidos, sentimentos e emoções” (ASSMANN, 2005, p.57). O autor, contudo, não aponta para a característica de objetividade do pensamento. Segundo ele, aspectos imediatistas, instantâneos e múltiplos geram como principais características a agilidade na percepção, na

comunicação e na interação. A objetividade do pensamento diante dos relacionamentos pessoais parece emergir, pontualmente, no MSN, devido ao estabelecimento de conversas rápidas com pessoas afetivamente próximas dos sujeitos.

Nicolaci-da-Costa (2005a), ao marcar a escrita digital como peça fundamental do imediatismo no mundo *online*, já apontava para a objetividade presente nos relacionamentos contemporâneos, aspecto que se torna evidente em nossa proposta de cartografar os processos de subjetivação produzidos na rede social de relacionamentos do MSN. A tecnologia do MSN parece consolidar na subjetividade adolescente uma forma-pensamento de objetividade, exercitada na prática constante de comunicação imediata e instantânea com pessoas que fazem parte do seu círculo de relacionamentos.

Tendo analisado as questões referentes às experiências tecnológicas de si que o agenciamento adolescente-MSN promove, avançaremos na compreensão da forma como os adolescentes concebem o MSN. Nosso segundo tema de análise irá trabalhar com os sub-temas intimidade e privacidade, que, ao serem agenciados pelos adolescentes em arranjo com o MSN, se desmembraram no aspecto de proteção. Tal aspecto atravessou, consideravelmente, as linhas de subjetividade desses sujeitos, construindo, inclusive, processos de subjetivação. O MSN, criado com o intuito de proporcionar uma rede de relacionamentos que oferecesse maior privacidade a seus usuários, promove novos formatos subjetivos. Ao se engendrar à subjetividade adolescente e se constituir como veículo de subjetivação, demarca um território de encontros e produções subjetivas.

### **3.2 – Segundo tema: MSN: local de encontros com a subjetividade**

Como explicamos no item anterior, desde o momento de sua criação, o MSN possui a característica particular de privacidade. Tendo seu acesso condicionado ao uso de uma senha pessoal, essa tecnologia atrela-se diretamente à intimidade dos indivíduos, em seus aspectos mais subjetivos. Os adolescentes, para além de suas peculiaridades, consideram o MSN como verdadeira tecnologia de intimidade, diante dos relacionamentos que estabelecem por meio dele.

No que se refere às constantes transformações subjetivas vivenciadas com o advento das tecnologias de informação, a intimidade e a privacidade também sofrem profundas alterações. Silva (2006), ao pesquisar as transformações subjetivas que os *blogs* estão promovendo na contemporaneidade, afirma que:

A exposição de si em diários publicados na internet evidencia mudanças claras nas noções de intimidade e privacidade que, na modernidade, estavam bem distintas nas esferas pública e privada. O fenômeno da disputa por visibilidade e pelo consumo da privacidade alheia mostra transformações subjetivas que deixam indefinidas as fronteiras entre vida íntima e espaço público. (SILVA, 2006, p.47).

Essa nova formatação da intimidade e da privacidade parece estar relacionada ao próprio movimento diagramático que a tecnologia de rede evoca em seu tráfego. A quebra de fronteiras no mundo contemporâneo, evocando exposição e compartilhamento intenso de informações e conhecimentos, provocou uma espécie de ruptura nos contornos mais íntimos e privados do próprio território da subjetividade – que não deixa de ser um produto tecnológico do corpo social. Silva (2006), ao concluir seu trabalho, afirma que a exposição da intimidade com os *blogs* serviria como forma de suprir ou compensar o vazio do sentido e da solidão, características tão marcantes na contemporaneidade.

Em nosso trabalho, poderemos verificar que o agenciamento adolescente-MSN está promovendo um novo tipo de experiência com a intimidade e a privacidade. Se, por um lado, as constantes transformações tecnológicas do mundo promovem um vazio de certezas e afirmações, por outro, esses mesmos espaços tecnológicos permitem aos sujeitos da interface contemporânea novos experimentos em suas subjetividades. O MSN, diferentemente dos *blogs*, não parece compensar o vazio ou a solidão contemporânea, mas promover um espaço e um local para se encontrar com aspectos subjetivos que se mostram dispersos e diluídos pela tecnologia de rede.

### **Sub-tema: a intimidade**

Mario e Karina afirmam que o MSN favorece a intimidade em suas relações, principalmente diante de situações em que têm que conhecer alguém, aspecto considerado difícil e delicado.

Mario:[...] eu não conheço uma pessoa, por exemplo. Aí eu vou, e acho ela na internet e começo a falar com ela pelo... pelo MSN. A coragem de chegar pra conversar com a pessoa [...]Até conhecer pessoa diferente.

Karina: Às vezes a pessoa assim, isso é raro! Mas que a gente mal conversava assim, aí começou a conversar pelo MSN e a amizade hoje, tá assim. Só vai evoluindo cada vez mais.

Até mesmo para os sujeitos mais comunicativos, como Hudson, o MSN é visto como tecnologia que facilita o desenvolvimento da amizade.

Hudson: Porque se você começa a conversar com ela ali, depois que ocê... cê encontra com ela um dia na rua, você, já conversando com ela pelo MSN, consegue conversar com ela mais fácil.

Adriana, apesar de não usar muito o MSN, reafirma que essa tecnologia favorece o encontro dos adolescentes com seus aspectos subjetivos e de seus colegas, amigos e futuros amigos.

Adriana: Aí, cê vai, entra e conversa, aí, no outro dia cê já sabe todos os tipos de música que a pessoa gosta, cê já sabe os filmes que ela gosta de assistir, já sabe tudo sobre ela.

Nesse depoimento, Adriana também realça a aceleração que o arranjo adolescente-MSN tem agenciado nos relacionamentos afetivos. A frase “porque você já ganha a liberdade com a pessoa. E que antes cê não tinha... que ia... ia demorar muito mais...” demonstra claramente esse processo.

Marcos, ao comparar a situação de falar com a entrevistadora no face a face e pela interface do MSN, comenta:

Marcos: Até, se a gente fosse fazer entrevista, assim pelo MSN ia ser diferente. Tipo eu podia fazer uma gracinha assim, qualquer coisa assim. Você pode conhecer a pessoa melhor assim.



No capítulo seguinte, apontaremos as características subjetivas de comunicação de Marcos, comparando a forma como conversou no face a face e a maneira como se portou pela interface do comunicador instantâneo. Assim, será possível observar se há diferenças em sua forma de relacionamento pelo MSN. Antes disso, contudo, buscaremos avaliar os aspectos subjetivos encontrados no território do MSN. Segundo os adolescentes, o relacionamento por meio dele agencia um tipo de aceleração na intimidade, fazendo com que os adolescentes se conheçam mais rapidamente e melhor. Porém, o aspecto de privacidade é agenciado de forma diferenciada. O MSN como tecnologia de intimidade parece estar desenvolvendo em seus usuários modos de subjetivação íntimos compartilhados e homogêneos. Porém, como o agenciamento adolescente-MSN envolve elementos humanos, iremos perceber que seu aspecto privativo ocasiona arranjos diferenciados e heterogêneos.

#### **Sub-tema: a privacidade**

A partir de agora, daremos exemplos sobre a forma como a privacidade do MSN, em arranjo com os adolescentes, promove o encontro com alguns de seus aspectos subjetivos. Nicolaci-da-Costa (2005a) constata que as experiências com as variadas ferramentas que a internet proporciona têm gerado um tipo característico de sujeito do século XXI. Entre as características realçadas, encontra-se a de “um sujeito que ganha conhecimento sobre si mesmo e sua singularidade na medida em que escreve sobre si e tem retorno sobre essa escrita” (NICOLACI-DA-COSTA, 2005a, p. 83). Veremos que o modo como os adolescentes se relacionam com o aspecto privativo do MSN expressa, na verdade, a forma como lidam subjetivamente com suas questões mais íntimas.

Apesar de Mariana e Adriana evidenciarem que os assuntos que desenvolvem no MSN geralmente não são continuados fora dele, é possível perceber que a razão por detrás desse fato é de ordem subjetiva. Mariana desenvolve e busca amizades sinceras, trabalhando acima de tudo o aspecto da confiança pelo MSN, devido a sua característica comunicativa. Vejamos como ela agencia sua forma de se relacionar pelo MSN: “pensando aquilo já: Eu... nó! Falei aquilo daquela pessoa no MSN... Já pensando! Tipo... sabe...Aí cê já olha meio assim: cê não vai falar nada não, hein? Morreu no MSN.”

Já Adriana não gosta muito de conversar pelo MSN, afirmando que, fora dele, conversa mais: “mas eu vejo diferença, sim! Eu acho que... as pessoas têm mais assunto fora do MSN. No MSN não existe isso. Cê fala sempre da mesma coisa e aí quando acabou, acabou!”. Mariana e Adriana defendem a idéia de que o MSN tem como uma de suas principais características a promoção da privacidade nas conversas, com o desenvolvimento de assuntos específicos, embora, em suas composições veiculares de subjetivação, cada uma agencie esse aspecto de forma singularizada, territorial e subjetivamente demarcada.

Hudson, Marcos, Mário e Karina apontam que o aspecto de privacidade do MSN faz com que se expressem melhor. Hudson e Karina, por sua vez, atribuem a causa ao fato de estarem sós, sem ninguém por perto.

Hudson: É... A pessoa sente... é, né... justamente por tá essa... atrás de algo; [...]Ele é tímido de frente a frente, mas no MSN ele fala mais e tal, ele solta mais as palavras[...]

Karina: É. Cê não tá vendo a pessoa, não tem ninguém ali pra, pra... ficar te vigiando Aí, a gente se... a pessoa não tá ali vendo. Aí, cê já se solta mais.

Marcos concorda tanto com Karina e Hudson, no fato de ter liberdade para falar por estar sozinho, quanto com Mariana e Adriana, ao afirmar que o assunto tratado pelo MSN normalmente não é comentado fora dele.

Marcos: Aí eu falo o que me dá vontade com ela assim, mesmo depois se eu encontrar com a pessoa assim. É uma coisa tão normal que depois a gente nem comenta com a pessoa assim.

Quando contrastamos os depoimentos de Karina e Marcos, localizamos um dado relevante. Os aspectos subjetivos que explicam o fato de ambos se sentirem mais à vontade no MSN por estarem sozinhos são diferenciados. Durante a entrevista de Marcos, foi possível perceber sua ansiedade e o quanto que ela interfere em sua dicção, pois sua fala é muito acelerada. O MSN, para Marcos, parece funcionar como tecnologia que favorece a relação, principalmente no aspecto da comunicação. Apesar de digitar e se expressar de forma escrita, na frase “aí cê pode **falar** o que

você quiser, porque não tem ninguém **escutando** assim”, encontramos um conflito latente. Marcos evidencia que, apesar de falar, não é ouvido, fato que o deixa mais à vontade. Ele percebe, portanto, que, no MSN, a escuta das conversas se dá de outra forma, e utiliza disso de modo favorável. Claramente, podemos perceber que Marcos, diante da privacidade do MSN, encontra-se com um aspecto delicado de sua subjetividade, que é sua capacidade de expressão.

No que se refere à Karina, podemos entender que o aspecto privativo do MSN funciona como tecnologia que facilita sua relação e aproximação com as pessoas. Encontramos em outro depoimento a justificativa para o fato de se sentir mais descontraída pelo MSN: “e, pessoalmente, eu tenho assim meio vergonha de chegar, pra conversar, aí pelo MSN cê não tá vendo a pessoa, cê já se solta”. Ambos os sujeitos parecem se deparar com aspectos difíceis e delicados de suas subjetividades diante do agenciamento tecnológico da privacidade presente na composição veicular com o MSN.

Com Mario, iremos perceber que sua maior facilidade para falar pelo MSN está associada à situação de estar entre pessoas conhecidas. Contudo, tal fato não deixa de refletir sua dificuldade em lidar com pessoas que ele ainda não conhece, “porque pelo MSN da pr’oce comunicar mais com a pessoa, entendeu? Porque o MSN é só pra conhecido, entendeu? O MSN ajuda, entendeu?”. Esses exemplos ilustram, significativamente, o quanto os aspectos humanos e técnicos se misturam diante do agenciamento sujeito-máquina, promovendo processos de subjetivação. As máquinas humanas e cibernéticas da subjetividade contemporânea, em inéditas composições veiculares, estão promovendo novas práticas de si que, automaticamente, constroem novos modos de subjetividade, como apontava Foucault (2004), com características híbridas, desenhando novos formatos na própria morfogênese humana.

O MSN como espaço para encontros com a subjetividade expressa o mais puro hibridismo entre os aspectos técnicos e humanos. Na literatura, encontramos nas autoras Donna Haraway (1991) e Sherry Turkle (1997) postulações acerca desta temática. Haraway (1991), ao tratar do manifesto *cyborg*, defende a idéia de que ele traria um hibridismo para a sexualidade contemporânea e, dessa forma, as relações de sexo e gênero sofreriam profundos abalos. Trabalhando de maneira diferente, mas com constatações muito próximas a Haraway (1991), Turkle (1997) afirma que a experiência

da virtualidade vivenciada pelos computadores fornece oportunidades de simulação que atravessam consideravelmente a subjetividade do mundo *offline*. A autora afirma ainda que a possibilidade de mudar de sexo virtualmente, ou até mesmo de não defini-lo, oferece outras condições subjetivas de entendimento em torno dos conflitos que a questão de sexo e gênero carrega. O ponto diferencial de Turkle (1997) em relação a Haraway (1991) reside em sua percepção conceitual de identidade, pois, para ela, essas múltiplas vivências que o mundo *online* proporciona geram, igualmente, múltiplas experiências de identidades que não vão, necessariamente, substituir umas as outras.

Vieira (2002), ao fazer um estudo mais aprofundado sobre a interferência das TIC na questão de gênero, defende a idéia de que elas podem e devem ser usadas para promover novas visões de mundo entre gêneros, classes, raças, idades e etnias que sofrem discriminação. Apesar de o hibridismo fazer-se presente nas subjetividades contemporâneas, ainda não é possível contemplar as reais consequências desse processo. Fica visível que as relações engendradas via MSN promovem nos sujeitos da contemporaneidade acoplamentos, arranjos e associações até então nunca experimentados em outros meios. Se ainda retomarmos o conceito de moratória como verdadeiro espaço de experimentação, poderemos afirmar que, no corpo social, as vivências maquínicas dos indivíduos em suas composições veiculares com as novas tecnologias estão proporcionando também um tipo de moratória social. Como lembra Turkle (1997), “a sua mensagem é a de que somos tão parecidos com máquinas que, para prolongarmos a nossa pessoa, basta que estabeleçamos com elas emparelhamentos *cyborg*” (TURKLE, 1997, p.262).

Trabalhando com a questão do emparelhamento sujeito-máquina e das novas composições subjetivas engendradas na contemporaneidade, torna-se relevante retomar a teoria foucaultiana e o que ela diz da capacidade de inventividade do sujeito. Essas experiências tecnológicas de si que os adolescentes estão vivenciando pelo MSN estão promovendo uma nova estética de existência? Seria possível aproximar as teorias filosóficas e psicológicas das novas práticas de subjetividade que a contemporaneidade tem engendrado? Ferreira Neto (2007), ao discorrer sobre a teoria de Foucault e a prática da psicologia, afirma que suas pesquisas finais apontam claramente para a associação entre filosofia, estilo de vida e cuidado de si. Se estamos defendendo a idéia de que o MSN, em arranjo com a subjetividade adolescente, tem promovido “novas-

formas-pensamento” na contemporaneidade, temos de nos apoiar, sim, na filosofia, que é a ciência do pensar por excelência.

Afinal, é certamente por isso que a tarefa de uma história do pensamento – em oposição à história dos comportamentos ou das representações – é definir as condições nas quais o ser humano “problematiza” o que ele é, o que faz e o mundo em que vive. (FOUCAULT, 2004, p.198).

Ao afirmarmos que os veículos de subjetivação, ao se moverem em um território que proporciona encontros com os aspectos subjetivos de cada indivíduo, estão produzindo novas formatações subjetivas, devemos buscar compreender esse processo do ponto de vista teórico. Inicialmente, ao esclarecer sobre seu processo investigativo acerca da sexualidade, Foucault (2004) explica que não se propõe a analisar as práticas sexuais, mas a forma como essas experiências constituíram os sujeitos de uma sexualidade, “[...] se entendemos por experiência a correlação, em uma cultura, entre campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade” (FOUCAULT, 2004, p. 193). Inspirados em Foucault (2004), em nosso processo investigativo sobre a subjetividade e a tecnologia, buscamos compreender como as experiências das práticas tecnológicas entre os adolescentes e o MSN estão constituindo o sujeito contemporâneo.

Foucault (2004) concebe as práticas presentes no cotidiano como possibilidades de invenções de si mesmo. Nossa problematização, embora distinta, busca também, pela compreensão das práticas de si, desenvolver uma análise sobre a maneira como os sujeitos contemporâneos estão sendo construídos. Nossa problemática, portanto, leva à finalidade de Foucault (2004), pois sua investigação estava igualmente ligada a um conjunto de práticas que certamente possuem grande relevância na atual sociedade:

[...] é o que se poderia chamar de “artes da existência”. Estas devem ser entendidas como as práticas racionais e voluntárias pelas quais os homens não apenas determinam para si mesmos regras de conduta, como também buscam transformar-se, modificar-se em seu ser singular, e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e que corresponda a certos critérios de estilo. (FOUCAULT, 2004 p.198-199).

Neste tópico, podemos apontar, portanto, os valores estéticos construídos diante do encontro dos indivíduos-adolescentes com seus aspectos subjetivos. Nas análises dos sub-temas de intimidade e privacidade presentes neste item, foi possível perceber que a tecnologia do veículo cibernético de relações MSN, por trazer, em sua formatação e

composição técnica, tais características, promove um agenciamento com os aspectos mais subjetivos dos indivíduos. Como aponta Lévy:

O uso do “usuário final”, ou seja, do sujeito que consideramos em determinado instante, não faz nada além de continuar uma cadeia de usos que pré-restringe o dele, condiciona-o sem contudo determiná-lo completamente. (LÉVY, 1993, p. 59).

O arranjo dos sujeitos com a intimidade e privacidade, características peculiares à tecnologia do MSN, promoveu um encontro com aspectos de suas subjetividades, evocando a possibilidade de novos arranjos estéticos em si.

Como foi possível observar dentro dos sub-temas trabalhados, os adolescentes reterritorializaram pontos de suas subjetividades diante do agenciamento com o MSN. Cumpre realçar que o processo de subjetivação se dá sempre com a alternância entre singularidades e individualidades, como nos explicam Guattari e Rolnik (1986) – a estética da existência trabalha com o conceito de modos de subjetivação. Como falamos anteriormente, a subjetividade em nosso trabalho é compreendida como processo e produto. Portanto, elucidaremos tanto os aspectos processados pelos adolescentes, como os traços subjetivos já possíveis de se contemplar como produtos do agenciamento adolescente-MSN. Com fins didáticos, relembremos a maneira como nossos adolescentes agenciaram os sub-temas de intimidade e privacidade presentes no MSN.

Em relação à questão da intimidade foi possível observar: 1) o arranjo adolescente-MSN promove uma aceleração na intimidade dos relacionamentos; 2) o processo de subjetivação da intimidade é agenciado de forma individualizada, ou seja, os sujeitos entrevistados percebem, unanimemente, uma aceleração molecular na linha de intimidade que atravessa os seus relacionamentos. No que se refere à questão da privacidade, por sua vez, constatamos que: 1) o arranjo adolescente-MSN promove verdadeiro encontro dos adolescentes com aspectos muito particulares de suas subjetividades; 2) o processo de subjetivação da privacidade é agenciado, portanto, de modo molecular, transformando tanto os aspectos singulares dos territórios da subjetividade adolescente como os mais individualizantes e homogêneos.

Como já trabalhamos os aspectos singulares presentes nas subjetividades dos adolescentes, vale realçar os novos arranjos estéticos produzidos nesse processo maquínico de subjetivação. Apesar de os sujeitos singularizarem alguns aspectos de

suas subjetividades, é possível inferir a presença de uma nova estética do relacionamento contemporâneo. Os relacionamentos via MSN promovem verdadeiro exercício de confiança e espontaneidade afetiva, além de evocar um encontro inevitável com a própria subjetividade. Nicolaci-da-Costa (2005a) já apontava esse encontro do sujeito contemporâneo com a habilidade do autoconhecimento, constantemente evocada durante o uso das novas tecnologias: “um sujeito que, por efetuar, ele próprio, um recorte nas realidades às quais está exposto, torna-se cada vez mais singular e auto-referido” (NICOLACI-DA-COSTA, 2005a, p.83).

Esses novos arranjos sujeito-máquina remetem à idéia de uma nova configuração subjetiva em várias dimensões da vida humana. Os processos maquínicos de subjetivação apontados em nossa pesquisa permitem esboçar o hibridismo subjetivo da contemporaneidade. Com essa breve consideração, podemos compreender o MSN como espaço para encontros com a subjetividade, que, apesar de reproduzir na vida *online* aspectos estratificados que compõem e caracterizam a vida *offline*, proporciona revoluções moleculares em seus territórios coletivos de existência.

Como tentativa de fecharmos, parcialmente, a discussão sobre os efeitos das novas tecnologias diante da subjetividade contemporânea, não podemos deixar de realçar o aspecto paradoxal dessa questão. No próximo tema, sobre os processos maquínicos de subjetivação, iremos observar o efeito quase contraditório que o agenciamento adolescente-MSN provoca nas experiências tecnológicas de si. Relembrando, no entanto, nossa intenção de analisar as tecnologias como veículos de construção da subjetividade de forma imparcial, é válido realçar o que Guattari (1992) comenta sobre o assunto:

As transformações tecnológicas nos obrigam a considerar simultaneamente uma tendência à homogeneização universalizante e reducionista da subjetividade e uma tendência heterogenética, quer dizer, um reforço da heterogeneidade e da singularização de seus componentes. [...] A produção maquínica de subjetividade pode trabalhar tanto para o melhor como para o pior. (GUATTARI, 1992, p.15).

Como poderemos constatar no material que analisamos, essa experiência de modelagem da subjetividade gera efeitos tanto positivos como negativos. Como fala Guattari (1992), é possível verificar esses dois pólos paradoxais das vivências subjetivas atrelados à intimidade que o MSN engendra no agenciamento com os adolescentes,

enquanto veículos de subjetivação. Turkle (1997), em sua extensa pesquisa com os MUDs, também afirma:

“Por vezes, estas experiências facilitam a descoberta de si próprio e o desenvolvimento pessoal, mas noutros casos não. Os MUDs podem ser sítios onde as pessoas desabrocham ou sítios onde as pessoas ficam bloqueadas [...] (TURKLE, 1997, p. 274).” Dando prosseguimento às nossas reflexões, continuaremos a apresentação sobre os processos maquínicos de subjetivação construídos no agenciamento adolescente-MSN, apontando características peculiares do MSN e a forma como seu arranjo com a subjetividade adolescente promove processos de subjetivação.

### **3.3– Terceiro tema: alguns processos de subjetivação**

“Territórios, então, jamais dados como objeto, mas sempre como repetição intensiva, lancinante afirmação existencial.” (GUATTARI, 1992, p.41).

Essa frase de Félix Guattari (1992) representa de modo contumaz os processos de desterritorialização e reterritorialização que fazem parte de toda e qualquer subjetivação. Para falarmos em subjetivação, é indispensável retomar conceitos apontados no capítulo anterior. O intuito é estabelecer um diálogo entre campo empírico e teórico, sob a perspectiva dos processos de subjetivação e do agenciamento com as tecnologias das máquinas humanas e cibernéticas. Realizaremos, a partir de agora, uma aproximação entre as experiências tecnológicas de si – vivenciadas pelos adolescentes em suas relações com o MSN e através dele – e os processos de subjetivação cartografados nos territórios existenciais das máquinas ora investigadas. Apontaremos construções subjetivas singulares mapeadas, bem como o funcionamento do MSN como ferramenta desencadeadora desse processo.

Romão-Dias e Nicolaci-da-Costa (2005) fazem uma crítica sobre as teorias de Turkle e Jameson em suas descrições sobre o sujeito contemporâneo. As autoras evidenciam que Turkle ao partir da concepção de Jameson, que propõe a esquizofrenia como estruturação subjetiva e não patológica na contemporaneidade, cai no mesmo engodo, ao afirmar que a identidade na era da internet não se fragmenta, mas se multiplica. Embasada no conceito de transtorno de personalidade múltipla, ela afirma



que essa seria mais uma característica contemporânea do que patológica. Romão-Dias e Nicolaci-da-Costa (2005) ainda dizem:

Tanto Jameson quanto Turkle fizeram excelentes tentativas com as melhores intenções. Esbarraram, no entanto, com os mais persistentes obstáculos no caminho da apreensão daquilo que é novo: as velhas formas de olhar o mundo e seus habitantes, formas essas sempre cristalizadas na linguagem. Pode-se dizer que – dada a distância que já temos em relação à era moderna – ambos tiveram mais sucesso na descrição do sujeito da modernidade do que na apreensão do sujeito contemporâneo. (ROMÃO-DIAS; NICOLACI-DA-COSTA, 2005, p.87).

Seguindo os conceitos de Romão-Dias e Nicolaci-da-Costa (2005), procuramos desprender-nos dos conceitos mais tradicionais e não nos ater à concepção linguística e estruturalista. Por isso, articulamos as concepções de território e reterritorialização, seguindo as trajetórias molares e moleculares que as linhas de comunicação presentes no agenciamento adolescente-MSN estão construindo na subjetividade contemporânea.

Considerando o MSN como uma tecnologia de intimidade, perceberemos que a forma como cada sujeito lida com essa ferramenta transparece a maneira como se dá com o aspecto da intimidade em suas relações afetivas. Os conteúdos das entrevistas que permitiram avaliar os processos de subjetivação dos adolescentes em seus agenciamentos com o MSN falam da maneira como se vêem quando estão *online* e *offline* e da dificuldade que encontram ao fazer uso do MSN. Queremos destacar, neste momento, um componente presente no veículo de subjetivação MSN que está relacionado às experiências tecnológicas da afetividade que ele promove. Como toda tecnologia veicular, além de deter a capacidade de aceleração, ele detém também a função de amortecimento. Esse elemento amortecedor irá atuar, especialmente, nas experiências afetivas, pelas reações emocionais dos adolescentes.

#### **Sub-tema: o amortecimento das emoções**

Como já foi dito anteriormente, o aspecto privativo do MSN proporciona na subjetividade adolescente um território para encontros com suas questões mais subjetivas. Essa privacidade funciona melhor na teoria, pois, na prática, muitos pais, irmãos e amigos têm acesso à senha pessoal de adolescentes, podendo inclusive utilizar o MSN e conversar como se fossem eles. Além disso, pessoas com maior conhecimento de informática conseguem acessar conteúdos das mensagens trocadas com técnicas do tipo *hacker*. Portanto, a privacidade no MSN, por se encontrar imersa na tecnologia de rede, torna-se mais frágil. Apesar disso, o arranjo adolescente-MSN engendra outro

aspecto a essa privacidade – o de proteção, construído durante o processo maquínico de agenciamento adolescente-MSN. Vejamos a forma como percebem essa questão.

Todos os adolescentes ouvidos reconhecem que o aspecto de proteção permite às pessoas esconderem o que realmente são. A diferença reside no fato de que, enquanto uns se favorecem disso, como é o caso de Mariana (“tipo eu posso falar o que eu quiser, que ninguém vai me bater, porque o computador tá me protegendo ali naquela hora”), outros se mostram mais desconfiados e receosos de se relacionar verdadeiramente com seus amigos pelo MSN, como é o caso de Adriana (“eu posso escolher quem que eu sou, por MSN e pelo orkut. É por isso que eu não gosto. Porque com a pessoa... no MSN e pelo Orkut, ela pode escolher quem que ela é”). Ainda em relação a Adriana, cumpre explicar que, declaradamente, ela não gosta muito de se relacionar pelo MSN. Em determinado momento de sua entrevista, ela narra experiências das quais não gostou: “eu não agüento é aquela linguagenzinha de internet... eu odeio!!! Sou completamente “emeesseenizada”?????. Acho patético! Aí, eu larguei. Acho que eu tava virando outra pessoa”. Adriana é um exemplo da maneira como as experiências tecnológicas de si, vivenciadas através do MSN, podem não ser favoráveis a algumas subjetividades.

Confirmamos, aqui, o quão heterogêneas são as experiências agenciadas pelo sujeito-máquina. Como aponta Guattari (1992), essas experiências levam a complexos universalizantes, não deixando, porém, de apresentar tendências heterogêneas. Em nosso trabalho, isso se torna perfeitamente explicado pela composição dos veículos maquínicos de subjetivação. A estética do ser na contemporaneidade possui arquitetura híbrida, com componentes corpóreos e incorpóreos que, por si só, carregam universalidade e heterogeneidades da nova paisagem urbana, em que aspectos maquínicos dispostos em rede constroem tanto as conexões subjetivas como os “nós” dos entrelaçamentos. A palavra “nós”, hoje, talvez seja a melhor maneira de falar dos coletivos pensantes do maquinário social. A primeira pessoa do plural carrega, ao mesmo tempo, um conjunto de sujeitos e o significado de dispositivo técnico que entrelaça os diversos tipos de redes. Os “nós” contemporâneos expressam, mais do que nunca, os compostos universais e heterogêneos.

Como foi possível constatar no sub-tema do relacionamento, nossos adolescentes apontaram processos de subjetivação individualizados, serializados e molares, com estabilização de determinada subjetividade. Já no sub-tema da privacidade, foi possível perceber um movimento de ruptura micro-instalado, que moleculariza agenciamentos subjetivos dos mais variados. Com o depoimento de Adriana, ilustramos a descrição dos processos de singularização feita por Guattari e Rolnik (1986), como “[...] algo que pode conduzir à afirmação de valores num registro particular, independentemente de escalas de valor que nos cercam e espreitam de todos os lados” (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p.47). Apesar de Adriana fazer uso da tecnologia do MSN, ela não reproduz em seu território existencial características comuns à subjetividade adolescente da qual faz parte, pois, declaradamente, afirma não ser “emeesseenizada”.

#### **Sub-tema: o catalisador de subjetividades**

Caminhando para a conclusão deste capítulo, trabalharemos o aspecto da catálise que o MSN evoca na capacidade subjetiva de expressão e comunicação dos adolescentes, em contraposição ao mascaramento promovido em seu agenciamento. Todos reconhecem que alguns aspectos de suas subjetividades ficam mais expandidos. Mariana diz ser pelo MSN “uma pessoa mais fácil pra ouvir”; Hudson vê-se mais comunicativo; Marcos diz pensar mais pelo MSN; Mario afirma ter “mais tranquilidade pra falar”; Adriana vê-se mais corajosa; Karina sente-se “mais solta”. Esses veículos maquínicos humanos de metamorfose, ao se arranjam com o MSN, provocam uma expansão de suas subjetividades em variados aspectos. A catálise que o MSN promove na relação dos adolescentes com a intimidade gera sensações diversas e, em muitos momentos, paradoxais. Por exemplo, apesar de todos os entrevistados afirmarem que o MSN favorece o mascaramento da subjetividade, eles dizem não fazer isso. A entrevistadora, contudo, no decorrer da entrevista, observa transformações nessas subjetividades na experiência de catálise pelo MSN. Concluímos que o paradoxo que o MSN suscita de expor e, ao mesmo tempo, esconder a subjetividade é a mais pura expressão do conflito que os “nós contemporâneos” da intimidade em rede têm gerado nos adolescentes.

Ao serem questionados sobre as dificuldades que a relação com o MSN promove entre eles, os adolescentes apontaram um dado curioso. Quatro deles associaram as dificuldades a aspectos de suas subjetividades, como foi o caso de Adriana. Com

Hudson, durante sua entrevista, foi possível constatar um nível considerável de ansiedade para se comunicar, com apresentação de uma fala prolixa e rápida. Ele identifica que seu ponto de maior dificuldade no MSN é o desenvolvimento de qualquer tipo de assunto, justamente pelo fato de esse veículo cibernético de relações estimular e promover o caráter de objetividade na fala. Mario e Karina, por sua vez, associam a dificuldade ao fato de não conhecerem a reação da pessoa que está do outro lado do computador. A timidez e a retração social comuns às suas subjetividades parecem, nesse caso, ser o principal fator de insegurança em se relacionar com os outros.

Apenas Marcos negou a percepção de alguma dificuldade: "agora, dificuldade eu não vejo assim, não". E, apesar de Mariana apresentar um ponto dificultador presente no MSN, refere-se aos aspectos técnicos de seu uso: "o que que ela quer falar, tipo o 'E'. Tem muita gente que não acentua o 'E' e dependendo da frase, ce não consegue entender nada. Toda hora! É difícil demais". Um dado interessante de se realçar é que os adolescentes que não apresentaram dificuldade em relação ao uso do MSN foram os que abriram mais sua intimidade à entrevistadora, com exemplos de vivências e assuntos pessoais no campo afetivo. Em compensação, os demais entrevistados, ao apontarem as dificuldades e resistências quanto a características do MSN (intimidade e privacidade), demonstram claramente o quanto elas estão relacionadas às dificuldades que possuem em suas subjetividades.

As dificuldades realçadas pelos adolescentes atravessam, subjetivamente, a maneira como cada um agencia seus relacionamentos pessoais. Tal fato merece relevância em nossa análise, pois direciona a constatações interessantes da subjetividade engendrada pelo agenciamento adolescente-MSN. Esse veículo cibernético de relações tem proporcionado verdadeiro laboratório de relações e reações afetivas. Ao se depararem com a característica subjetiva de intimidade, os sujeitos vão agenciando, de formas diferenciadas, suas experiências. Além disso, constroem processos de subjetivação que provocam novas posições e novos funcionamentos subjetivos de si, nos "nós" que se fazem presentes nos entrelaçamentos. É desses novos funcionamentos de si que passaremos a falar agora.

Buscando finalizar nossas análises, frutos das entrevistas individuais realizadas, comentaremos, sucintamente, os dois modos de subjetivação presentes no agenciamento adolescente-MSN: amortecedor das emoções e catalisador da subjetividade. Os

adolescentes percebem, de forma homogênea, que suas experiências tecnológicas pelo MSN amortecem suas emoções, fato que permite a eles, em alguns momentos, mascarar ou modelar suas subjetividades.

Como o MSN engendra na subjetividade adolescente um tipo de laboratório para experiências afetivas, percebemos, em seus processos maquínicos de subjetivação, diferenciações que coincidem com os aspectos subjetivos realçados no sub-tema “intimidade”. Para Hudson, Mario, Adriana e Karina, o fato de se sentirem protegidos porque não são vistos por seus amigos quando estão no MSN gera, paradoxalmente, o sentimento de desconfiança do que está por trás da tela do computador e que eles, igualmente, não podem ver. Tal fato pode ser compreendido da seguinte maneira: a experiência tecnológica com a intimidade do veículo cibernético MSN aponta para um provável conflito que esses adolescentes podem ter diante de uma situação de exposição mais íntima. Para eles, o amortecimento das emoções, presente no arranjo que estabelecem pelo MSN, não favorece muito seus relacionamentos.

Em compensação, Mariana e Marcos, em seus agenciamentos subjetivos, conseguem fazer do amortecedor de emoções um uso bem favorável. Vejamos o argumento de Mariana: “[...] assim... então, às vezes, cê... mesmo cê estando morrendo de raiva do outro lado eu posso amenizar a situação pelo MSN, só pra ver até se a pessoa fala mais”, e o de Marcos: “porque eu não tô vendo a reação da pessoa assim. Eu não tô tendo um contato físico com ela assim. Aí eu falo o que me dá vontade com ela assim...”. O fato de esses dois adolescentes terem se mostrado mais abertos com a entrevistadora não é simples coincidência, pois eles parecem lidar de forma mais fácil com questões de sua intimidade. Assim, também não apresentam problemas em relação ao agenciamento que promovem com o MSN, essa tecnologia subjetiva da intimidade.

No próximo capítulo, trabalharemos os temas que se fizeram mais evidentes durante nosso processo de análise do segundo procedimento metodológico: o encontro virtual com os adolescentes. Um dado presente em nossa entrevista que não foi aqui trabalhado, propositalmente, foi o referente à comparação que os adolescentes fazem de como são quando estão no MSN e fora dele. Eles apontam, de forma unânime, para uma expansão dos aspectos subjetivos de relação e expressão.

Não sabemos ao certo para onde essas experiências de catálise da subjetividade podem nos levar, porém, o que podemos inferir é que as transformações subjetivas das gerações técnico-humanas (representadas aqui pelos adolescentes) parecem acompanhar o ritmo acelerado das transformações tecnológicas das gerações técnico-cibernéticas (aqui representadas pelo MSN). Podemos contrapor o receio de Wolton (2004), pensador da comunicação, quando afirmava que a sociedade, em seu aspecto humano, não conseguia acompanhar as transformações tecnológicas. Nossos adolescentes já demonstram condições de relacionamentos, percepções, vivências e sensações que alteraram, senão profundamente, intensamente os territórios de suas subjetividades.

Evidentemente que estamos falando de parcela inexpressiva, tendo em vista o contingente mais abrangente de nosso corpo social, e de uma operação subjetiva fugaz, que, como diria Nicolaci-da-Costa (2005a), é “complexa o suficiente para demandar anos de observação paciente e pesquisa insistente” (NICOLACI-DA-COSTA, 2005 a, p.75). Contudo, não podemos deixar de considerar os movimentos de fuga, realçados por Deleuze e Guattari (1995), rompendo com determinadas ordens instaladas e conduzindo para territórios nunca antes navegados. Esse é um dos aspectos mais fascinantes do processo cartográfico, que nos arrebatam em nossos conhecimentos molares, incitando-nos a molecularizar conceitos consolidados.

Concordamos com alguns teóricos que atribuem à atual sociedade os traços subjetivos característicos da juventude. Para sermos mais específicos, se tivéssemos que definir uma subjetividade contemporânea – como fizeram muitos teóricos –, afirmaríamos que a sociedade atual, diante de tantas mudanças e transformações, encontra-se em seu estado inicial de rupturas moleculares micro-instaladas e dispersas. Tem-se vivenciado um processo semelhante ao que caracteriza a entrada do sujeito na adolescência – onde mudanças ínfimas, mas peculiarmente intensas e avassaladoras, arrebatam o sujeito para outra composição física: o processo de puberdade, seguido de consequentes alterações psíquicas na fase da adolescência. Se a única certeza que conseguimos ter é a da mudança, estamos experimentando nos corpos sociais e individuais rupturas moleculares de todas as ordens.

Alem dessas análises, constatamos em nossa cartografia dados relevantes para a compreensão da subjetividade contemporânea que não foram devidamente explorados durante as entrevistas. Porém, como nossa metodologia de pesquisa ainda contemplava o encontro virtual pelo MSN com todos os entrevistados, optamos por abordar esses

dados pendentes em nossas conversas. Obtivemos resultados interessantes, abordados no próximo capítulo.

## 04 - OS SUJEITOS DA INTERFACE CONTEMPORÂNEA

A interface abre-se para uma descrição molecular, vibratória, múltipla e reticular das tecnologias intelectuais. (LÉVY, 1993, p. 180).

No primeiro e segundo capítulos de nosso trabalho, evidenciamos o estatuto social que os conceitos de máquina e rede possuem e a forma como eles colaboram no instigante desafio de pensar a produção de subjetividade na contemporaneidade. Como foi possível constatar nas observações anteriores, as máquinas humanas e cibernéticas estão produzindo novos arranjos na comunicação, no entretenimento, nos relacionamentos e nos pensamentos do mundo atual. Juntamente com os sujeitos da interface contemporânea, esses novos arranjos encontram-se dispersos nos fluxos dessa grande rede social. Da mesma forma, gostaríamos de enfatizar que, de acordo com nossas reflexões, a interface torna-se um modo de representar o próprio ambiente contemporâneo, compreendido como um tipo de interface social que intermedia uma mudança paradigmática no funcionamento das máquinas sociais, de modo geral.

Lévy (1993), ao se referir à interface, aponta para a complexidade de seu conceito e os múltiplos campos de conhecimento que ele atravessa. Por exemplo, aplicada exclusivamente ao campo da informação, a interface poderia ser compreendida como um tipo de

[...] dispositivo que garante a comunicação entre dois sistemas informáticos distintos ou um sistema informático e uma rede de comunicação. Nesta acepção do termo, a interface efetua essencialmente operações de transcodificação e de administração dos fluxos de informação. (LÉVY 1993, p. 176).

Entretanto, o que Lévy (1993) destaca é a amplitude desse conceito, realçando sua capacidade de estabelecer operações, traduções e contatos entre meios heterogêneos. Johnson (2001) também evidencia, em seu trabalho, essa complexidade. Ao associar a interface com o campo da informação, ele caracteriza-a como um tipo de tradutor.

A interface atua como uma espécie de tradutor, mediando entre as duas partes, tornando uma sensível para outra. Em outras palavras, a relação governada pela interface é um relação semântica, caracterizada por significado e expressão, não por força física. (JOHNSON, 2001, p. 17).



O autor ainda afirma, em relação à contemporaneidade, que “a interface é uma maneira de mapear esse território novo e estranho, um meio de nos orientarmos num ambiente desnorteante” (JOHNSON, 2001, p. 33).

Lévy (1993) e Johnson (2001) referem-se à interface como um tipo de dispositivo que fornece ambiente ou espaço para que algo se realize. Mais do que isso, eles parecem compreender a interface como um espaço propiciador de inéditas composições e operações. Em um mundo onde os territórios coletivos sofrem constantes abalos, a interface surge como um dispositivo técnico que não só promove um intercâmbio entre os variados sistemas maquínicos, como também se constitui como um modelo de agenciamento.

A interface possui sempre pontas livres prontas a se enlaçar, ganchos próprios para se prender em módulos sensoriais ou cognitivos, estratos de personalidade, cadeias operatórias, situações. A interface é um agenciamento indissolúvelmente material, funcional lógico que funciona como armadilha, dispositivo de captura. (LÉVY, 1993, p. 180).

É diante desse novo agenciamento que aportamos nosso segundo procedimento metodológico. Na desafiante tarefa de cartografar os movimentos processuais da subjetividade contemporânea, percebemos a necessidade de navegar pelo mundo *online* utilizando como meio de transporte o próprio veículo cibernético que estamos estudando – o MSN. A entrevistadora combinou previamente com os adolescentes participantes da pesquisa o dia e o horário para que todos se encontrassem virtualmente, buscando não interferir no cotidiano dos entrevistados, de modo que a conversa se realizasse da forma mais natural possível.

Neste capítulo, apresentaremos os dados produzidos na conversa virtual em grupo, seguidos de reflexões em torno das subjetividades que estão emergindo no agenciamento adolescente-MSN. Esse procedimento metodológico também se embasou na perspectiva de análise de dados de Turato (2003), utilizando como critérios básicos de observação e estudo a relevância e a repetição. Em nossa análise temática, dois aspectos principais fizeram-se evidentes: as escritas digitais de si, com relatos sobre a experiência tecnológica vivenciada pela interface do MSN, seguidos de constatações e reflexões teóricas, e as tecnologias subjetivas da interface do MSN, com relatos sobre os processos de subjetivação dos adolescentes no mundo *online*, acompanhados de reflexões e conclusões sobre as subjetividades contemporâneas. Antecipamos que os

componentes teóricos presentes neste capítulo se fazem representados, principalmente, pelos conceitos de “artes da existência” e “escritas de si” de Foucault (2004), atrelados à teoria de agenciamento de Deleuze e Guattari (1995), com o intuito de conhecer melhor os sujeitos que a interface contemporânea tem ajudado a construir. Outros autores não citados também comparecem em nossas discussões, visando acrescentar reflexões e colaborar com a interpretação dos resultados obtidos nesta pesquisa.

Começamos, portanto, o nosso encontro com os adolescentes que se apresentaram na interface do MSN. Karina foi a primeira entrevistada a comparecer.

pracarlapsi@yahoo.com.br diz:

Oi Karina!

Karina diz:

eiii Carlaa

Karina diz:

joiaa?

pracarlapsi@yahoo.com.br diz:

tudo bem!!!!

Na medida em que a conversa ia se desenvolvendo, os demais adolescentes, ao acessarem o MSN, eram apresentados pelo próprio programa da seguinte forma:

Hudson está na conversa.

[i][u][c=2]]Marcos[/c][[/u][i] está na conversa.

mario está na conversa.

MaaaH eiz está na conversa.<sup>4</sup>

No encontro virtual, compareceram os adolescentes: Mariana, Karina, Marcos, Mario e Hudson. Apenas Adriana não estava presente, fato que talvez possa ser

---

<sup>4</sup> O nome “MaaaH” corresponde a adolescente Mariana. Os demais adolescentes apresentam-se sem modificação dos nomes, que aqui, porém, foram alterados conforme o capítulo anterior.

explicado pelo desinteresse que ela manifesta quanto às relações agenciadas junto ao MSN. Com os adolescentes reunidos no MSN, teve início a conversa virtual, previamente estruturada pela entrevistadora.

pracarlapsi@yahoo.com.br diz:

Então, vamos começar tá?

'-

MaaaH eĩ3 diz:

vamos siim

**hudson diz:**

**boraaa...**

pracarlapsi@yahoo.com.br diz:

Eu vou colocar alguns dados que achei relevante e legal para a gente discutir um pouco em relação ao MSN.

hudson diz:

=)

'-

MaaaH eĩ3 diz:

pode falar então carla

Antes de continuarmos com a apresentação dos resultados de nosso encontro virtual, consideraremos algumas questões. O leitor irá perceber, nas transcrições das conversas, alterações na comunicação escrita entre os adolescentes, desde abreviações de palavras até a inserção de termos desconhecidos por parte de um navegador *online* que não esteja acostumado com o novo espaço de relacionamentos promovido pelo MSN. No exemplo acima, podemos ver a maneira como Hudson responde à observação da entrevistadora. A expressão “=)” representa dois olhos e uma boca sorrindo, visualizados em plano horizontal, bastante utilizada pelos adolescentes para demonstrar satisfação com o que está sendo dito.

Essa linguagem específica, também conhecida como internetês, tem sido alvo de diversos estudos. Deckert e Linck (2008), pesquisadoras da comunicação, por exemplo, desenvolveram pesquisa que buscava investigar as características dessa linguagem na

internet. Segundo as autoras, ela é totalmente circunstancial, atingindo um segmento quase específico da sociedade, caracterizado pelo público juvenil. Por mais que a velocidade da comunicação, realizada em *e-mails*, *chats*, *blogs*, *Orkut* e mensagens instantâneas, exija maior praticidade e imediatismo, é perceptível que o internetês se faz mais presente na comunicação entre os jovens. A citada pesquisa tem como um de seus objetos de estudo os comunicadores instantâneos, optando pelo MSN *Messenger* por uma justificativa muito próxima da nossa:

Segundo Grego (2005), O *Messenger-MSN* é o mais conhecido pelos brasileiros, como afirma MSN Brasil, os brasileiros são os campeões em tempo de uso do *Messenger-MSN* no mundo todo. A média é de 300 minutos por mês, contando apenas o tempo em que estão efetivamente trocando mensagens. (DECKERT; LINCK, 2008, p.07).

No decorrer de nosso trabalho, na medida em que se fizer necessário, iremos esclarecer expressões que passaram a compor a nova arquitetura de relacionamentos da interface contemporânea. A partir de agora, apresentaremos as experiências tecnológicas vivenciadas pelos sujeitos adolescentes com a entrevistadora pela interface do MSN, procurando cartografar esse novo território de relacionamentos. Algumas composições e conteúdos de nossas conversas, que demarcaram ou caracterizaram a interface do MSN como uma das formas de se construir sujeitos na contemporaneidade, serão analisadas. No entanto,

[...] para analisar o que era designado como “sujeito”; convinha pesquisar quais eram as formas e as modalidades da relação consigo mesmo, por meio das quais o indivíduo se constituía e se reconhecia como sujeito. (FOUCAULT, 2004, p.195).

Assim sendo, deparamo-nos inicialmente com o desafio de compreender a maneira como os adolescentes experimentam a tecnologia do MSN em si. Começamos com a discussão acerca do primeiro tema deste capítulo.

#### 4.1 - Escritas digitais de si: depoimentos, constatações e saberes

Tratamos, até aqui, das novas arquiteturas que começam a surgir no mundo *online*. A partir de agora, iremos apresentar os novos formatos da subjetividade contemporânea observáveis nas escritas digitais de si. Adentraremos, primeiramente na teoria das escritas de si. Mariana, como apresentado no capítulo anterior, comparou o MSN a um tipo tecnológico de carta modernizada: “aí demorava uma semana pra você receber a carta, hoje em dia eu escrevo: ‘oi’ ela responde dois segundos depois”. Foucault (2004) afirmava ser a carta “uma maneira de se apresentar a seu correspondente no desenrolar da vida cotidiana” (FOUCAULT, 2004, p. 159). Com essa afirmativa, podemos vislumbrar que, apesar dos meios de correspondência terem sofrido alteração considerável ao se inserirem na tecnologia de redes, eles ainda representam uma forma de apresentação dos sujeitos.

Os processos de subjetivação presentes na interface contemporânea, através da tecnologia do MSN, apresentam características de objetividade, acessibilidade e criatividade. Entretanto, em alguns momentos, demonstram dificuldades de compreenderem uns aos outros, provenientes das próprias características subjetivas tecidas na rede tecnológica de comunicação agenciada pelo MSN, que se define como uma verdadeira tecnologia de intimidade. Demonstraremos, com alguns depoimentos, os novos traços dos sujeitos contemporâneos que estão emergindo na rede.

Inspirados na maneira como Foucault (2004) interpretou e analisou as escritas de si na cultura greco-romana e nos resultados que obteve ao constatar os modos de subjetivação produzidos naquela época, buscamos identificar as transformações subjetivas que o agenciamento adolescente-MSN tem promovido pelas escritas digitais.

Assim, a função da escrita será de constituir um corpo. Mas de que corporeidade se trata? Não é um corpo de doutrina, mas, como diz Foucault, o próprio corpo daquele “que, transcrevendo suas leituras, delas se apropriou e fez sua a verdade delas”. Aí está a função transformadora da escrita. (MOTTA, 2004, p. LIX).

No entanto, como estamos nos referindo às transformações subjetivas que se fazem presentes no mundo contemporâneo, cumpre realçar que, no caso do MSN, a dimensão mais reflexiva da escrita sofreu considerável alteração. A velocidade

produzida na escrita digital não evoca o movimento de reflexão característico das escritas antigas; ela incita, na verdade, um processo e um movimento de transformação fugaz e instantânea – tal como a metáfora da tecnologia de rede preconiza. Araujo e Frade (2007), ao pesquisarem a escrita digital, afirmam que a abreviação das palavras é condição presente nas tecnologias de mensagens instantâneas da rede.

A escrita no MSN, nos chats e todas as formas de conversa on-line são executadas rapidamente pelos usuários, demandando que digitem abreviando as palavras para que se tenha uma interação mais real. (ARAUJO; FRADE, 2007).

No campo da psicologia, Nicolaci-da-Costa (2005a), ao fazer um levantamento de pesquisas que trabalhem o tema das escritas digitais, colabora com nossos resultados, evidenciando dois denominadores comuns: “além do prazer da escrita, os trabalhos de Costa, Romão-Dias e Prange têm outro importante resultado em comum: o de que a escrita *online* é uma importante fonte de autoconhecimento” (NICOLACI-DA-COSTA, 2005a, p.79). Aqui, temos a confirmação da revelação do *self* que as escritas digitais de si estão proporcionando aos sujeitos contemporâneos.

O próprio ato de escrever sobre si, agora acrescido da visão do outro ou de outros, forçosamente torna conscientes para o usuário os aspectos subjetivos sobre os quais ele e seus interlocutores discorrem. (NICOLACI-DA-COSTA, 2005a, p.79).

Em nossa pesquisa, esses aspectos subjetivos apareceram sob a forma de conflitos dos adolescentes, diante do agenciamento da intimidade que a tecnologia do MSN evoca em suas relações e das escritas digitais de si que produzem. Estas, hoje, estão promovendo nos sujeitos a necessidade de desenvolverem mais rapidamente o autoconhecimento. As constantes mensagens que trocam na rede tecnológica de intimidade têm trazido uma nova forma de comunicação e posicionamento de si diante do mundo. As características de agilidade, descontração e abreviação possíveis de visualizar nas escritas digitais de si – presentes no agenciamento adolescente-MSN – parecem ser um dos espaços em que a nova arquitetura da subjetividade está emergindo. O MSN, no exercício de uma escrita descontraída, ágil e abreviada de si em arranjo com os adolescentes, tem promovido, respectivamente, modos processuais de subjetivação mais acessíveis, objetivos e criativos.

A partir de agora, trabalharemos com três sub-temas que ilustrarão, de modo mais contundente, nossas análises sobre as escritas digitais de si presentes na interface do MSN – que se configuram como escrita descontraída, ágil e abreviada.

### **Sub-tema: escrita descontraída de si**

No capítulo anterior, apresentamos a maneira como o veículo cibernético de relações MSN se constitui como espaço de entretenimento, que gera descontração. Buscamos mapear a forma descontraída como os adolescentes se mostram na interface do MSN. Após a entrevistadora perguntar o que pensam a respeito da frase: “eu posso falar o que quiser, que ninguém vai me bater porque o computador tá me protegendo ali naquela hora”, vejamos como eles responderam:

*i][u][c=2]]Marcos[/c][u][i] diz:*

*sauhsahauhusahusa*

*Karina diz:*

*hauhsuahsuh*

**mario diz:**

**kk**

'-

MaaaH eĩ3 diz:

**kkkkkkkkkk**

*pracarlapsi@yahoo.com.br diz:*

tirando as risadas.... o que vcs pensam sobre?

Diante dessa primeira pergunta, todos os adolescentes manifestaram certo grau de descontração, fazendo com que o encontro virtual perdesse o aspecto de seriedade e formalismo que, normalmente, as entrevistas de pesquisa possuem. Em um dos depoimentos de Marcos (citado no capítulo anterior), era possível prever tal fato, pois ele anunciava a forma como poderia se comportar pelo MSN: “até, se a gente fosse fazer entrevista, assim pelo MSN ia ser diferente. Tipo eu podia fazer uma gracinha assim, qualquer coisa assim”. Marcos demonstrou que não somente o seu, como também os demais agenciamentos junto ao MSN possuem, de modo característico, o aspecto de descontração.

Durante nosso encontro virtual, a escrita descontraída de si aparece em vários momentos. Os adolescentes brincam, fazem críticas e constroem expressões que tornam a conversa virtual bem agradável. Além disso, foi possível constatar que os adolescentes mais descontraídos durante a conversa virtual foram os que se mostraram mais acessíveis não somente às intervenções da entrevistadora, mas às idéias de seus colegas. Hudson e Mario foram os que mais apresentaram escrita descontraída de si, demonstrando maior disponibilidade em dialogar e comentar os assuntos propostos pela entrevistadora e pelos demais entrevistados. Mariana, Marcos e Karina, por sua vez, apresentaram escrita menos descontraída, com participação mais restrita na conversa. Karina, por exemplo, em nenhum momento esboçou alguma brincadeira. Tal fato acabou colocando-a mais distante da discussão, apesar de a entrevistadora ter solicitado sua opinião por várias vezes. O que permitiu constatar que Karina, apesar de não emitir muito sua opinião, permanecia acompanhando a conversa *online* foi o momento em que a entrevistadora a chamou pelo nome, após considerável tempo de discussão entre os participantes, e obteve imediatamente a seguinte resposta:

pracarlapsi@yahoo.com.br diz:

Karina!!!! Cade vc?

**Karina diz:**

toh akii

Os dados que nos permitiram inferir o maior ou menor grau de descontração presente nas escritas digitais de si foram obtidos na comparação da maneira como os adolescentes esboçaram sua escrita. A título de ilustração, vejamos, no quadro abaixo, a maneira como cada um iniciou sua conversa *online*:

Início da conversa <i>online</i>	Início da conversa <i>online</i>	Início da conversa <i>online</i>	Início da conversa <i>online</i>	Início da conversa <i>online</i>
<b>hudson diz:</b> <b>Chegueii!</b> <b>uahahuahauh</b> <b>falta alguem</b> <b>aindaa?!?</b> =)	<b>Karina diz:</b> eiii Carlaa joiaa?	<b>Marcos [ ] diz:</b> uaai!! haussahuahu opaa!! Kkkkkk e o restoo??	<b>mario diz:</b> eeeu ^^ <b>Sim</b>	MaaaH eĩ3 diz: <b>olha só!</b> <b>hausahasuhsau</b> <b>as</b> <b>cheguei da</b> <b>academia</b> <b>agora</b>



Se observarmos as escritas de Hudson, Marcos e Mariana, vislumbraremos que todas apresentam uma palavra típica e característica do internetês. A expressão “**haussahuahus**” significa uma risada mais demorada. Como demonstramos no capítulo anterior, Mario e Karina são adolescentes que possuem certa dificuldade para iniciar uma conversa. Em um de seus depoimentos, afirmaram que o MSN favorecia esse aspecto. Como podemos observar no quadro acima, Mario utiliza um pouco da escrita descontraída, apresentando a expressão “^^”, que representa o movimento facial de levantar a sobrancelha. No decorrer do encontro virtual, ele agencia mais vezes uma escrita descontraída de si, participando efetivamente de toda a discussão. Karina, por sua vez, não se utiliza de nenhum tipo de expressão ou escrita mais descontraída no início da conversa, mantendo essa característica durante todo encontro virtual. Os adolescentes que permaneceram com uma escrita descontraída até o final da conversa foram Hudson e Mario, também os que mais colaboraram com opiniões durante a discussão. Tal fato permite levantar a hipótese de que o nível de descontração da escrita digital do MSN pode estar diretamente relacionado ao nível de interesse, acessibilidade e envolvimento na conversa. Mariana, Marcos e Karina, apesar de colaborarem com suas opiniões, não apresentaram alto índice de descontração em suas escritas, quando comparados a Hudson e Mario.

A descontração que o MSN agencia junto a seus usuários parece ser uma das características predominantes dos relacionamentos em rede. Trabalhando um aspecto semelhante, Nicolaci-da-Costa (2001), em sua análise sobre a relação das pessoas com o computador e com a internet, chega à conclusão de que o prazer *online* é um tipo de experiência comum entre seus usuários, mas demonstra que essa fruição não se deu desde o início: “foi somente com a chegada da Internet comercial - o que, no Brasil, só aconteceu em 1995 - que as grandes possibilidades de entretenimento chegaram ao computador” (NICOLACI-DA-COSTA, 2001, p.16). Porém, em relação ao trabalho de Nicolaci-da-Costa (2001), é interessante realçar o seguinte aspecto: os sujeitos que foram entrevistados pela pesquisadora possuíam, à época, em torno de 20 a 25 anos. Como fazem parte de uma geração que precedeu a chegada dos computadores domésticos, suas primeiras experiências com o computador foram, inicialmente, relacionadas a trabalho.

Com a pesquisa de Nicolaci-da-Costa (2001), podemos vislumbrar uma inversão na experiência de uso dos computadores e da internet entre as gerações. Os adolescentes por nós entrevistados tiveram suas primeiras experiências com o computador relacionadas ao entretenimento e ao prazer. Posteriormente, começaram a utilizá-lo para trabalhos escolares. É compreensível que essa geração apresente traços subjetivos bem diferenciados quando comparada às demais. Assim, dois dados foram fundamentais para a constatação de que a escrita descontraída de si promove processos de subjetivação voltados para acessibilidade: 1) os sujeitos que apresentaram maior grau de descontração em sua escrita digital foram os que mais participaram da conversa virtual, mostrando-se disponíveis e acessíveis a todas as sugestões e discussões propostas, com constatações e opiniões relevantes à discussão; 2) os sujeitos que não se envolveram tanto com as discussões do encontro virtual foram, igualmente, os que não apresentaram escrita com caráter maior de descontração.

Diante desses dados, podemos ainda considerar que algumas características subjetivas, como timidez e dificuldades de relacionamento, não interferem no fato de os sujeitos se mostrarem mais acessíveis nos encontros do mundo *online*. O caso de Mario ilustra claramente esse processo. Apesar de se dizer tímido e considerar que não possui facilidade em se relacionar com os outros, ele mostrou-se bem acessível e completamente descontraído durante todo o encontro virtual.

Neste sub-tema sobre as escritas descontraídas de si, restam alguns questionamentos para posteriores estudos. Será que o grau de acessibilidade dos sujeitos na rede social de relacionamentos do mundo *online* está relacionado ao tipo de descontração que eles demonstram em sua escrita? Estarão os sujeitos da interface contemporânea treinando um modo de relação mais descontraído, com o intuito de se tornarem também mais acessíveis? A escrita digital pode colaborar na produção de novas subjetividades em outros fluxos da rede? A tecnologia de rede necessita de sujeitos acessíveis? Essas e outras questões encerram nossa discussão, com a intenção de abrir novos fluxos de pesquisas e reflexões nessa rede social de subjetividades.

#### **Sub-tema: a escrita ágil de si**

Nicolaci-da-Costa (2005a), ao traçar os primeiros contornos de uma nova configuração psíquica, também aponta a agilidade como um dos traços característicos do sujeito contemporâneo. Ao conjugar os resultados de inúmeras pesquisas sobre *blogs*, *IRC's*, *chats*, *e-mails* e tecnologias afins, a autora evidencia o quanto o papel da

escrita digital é peça fundamental desse imediatismo do mundo *online*. No que se refere ao MSN, essa agilidade também se faz presente na forma como os sujeitos agenciam suas relações – através da escrita ágil de si –, principalmente quando comparadas a modelos mais tradicionais de comunicação.

É indiscutível a transformação que o MSN tem promovido no modo de escrita da atualidade e, automaticamente, nos próprios modos de subjetivação. As novas TIC, de modo geral, estão proporcionando uma confluência cada vez mais rápida de pessoas, fatos, acontecimentos, informações e situações, que acabam por configurar subjetividades expandidas e compartilhadas. Essa agilidade também pode ser percebida na escrita dos adolescentes no MSN. Vejamos a forma como Hudson orienta a entrevistadora diante de determinada dúvida: **“kando acaba toda a cv e apertar em salvar comoo!!! eh soh naum fecha a cv enquantoa gente ta cv.. e quandoo acaba .. a senhora salva laaa...”**

Para aqueles leitores não alfabetizados no denominado internetês, pode ser mais complicado uma compreensão imediata da mensagem. Porém, de posse das informações seguintes, torna-se mais fácil compreendê-la: a entrevistadora havia solicitado a Hudson uma explicação sobre a forma como poderia gravar a conversa que iriam ter pelo MSN; a palavra **“kando”** é escrita por Hudson com a letra “k” no lugar das letras “qu” de “quando”; a abreviação **“cv”** na mensagem significa, ao mesmo tempo, as palavras “conversa” e “conversando”; é comum que os adolescentes não escrevam as últimas letras de algumas palavras, como no caso de **“acaba”**, que significa “acabar”. Logo, sem o uso do internetês, a mensagem seria: **”quando acabar toda a conversa é apertar em “salvar como”!!! É só não fechar a conversa enquanto a gente está conversando.. e quando acabar a senhora salva lá..”**.

Outro ponto igualmente interessante nas relações *online* é a forma como se articulam os aspectos da fala oral através da fala escrita. Algumas palavras reproduzem, literalmente, na forma escrita, sua oralidade – como é o caso da palavra “naum”, que significa “não”. A agilidade da escrita digital ignora o uso de acentos, mas não a diferença que ele promove na oralidade, pois toda vez (ou na maioria das vezes) que os adolescentes precisam escrever palavras com acento agudo, por exemplo, acrescentam a letra “h”. Hudson escreve as palavras “é” e “só” como **“eh-soh.”** Também é possível observar que as pontuações não aparecem e, em outros momentos, até a forma original de algumas palavras é alterada. Neste sub-tema, realçamos a velocidade da tecnologia

de rede, atrelada ao fator de descontração (bem próprio do MSN) como um dos responsáveis pelas alterações na linguagem escrita dos sujeitos da interface contemporânea.

Essa alteração nos padrões de escrita da língua portuguesa gerou grande preocupação entre os educadores, que se inquietavam com a possibilidade de os jovens criarem uma linguagem escrita que ignorava os padrões convencionais da gramática. Santos e Gomes (2008), em sua pesquisa sobre os efeitos do internetês nas salas de aula, defendem a idéia de que ele

[...] não deve ser discriminado pela sociedade e, sobretudo, pela escola, mas aceito como uma variedade da língua, usada em situações específicas, com finalidades pré-definidas, o que justifica as suas peculiaridades. (SANTOS; GOMES, 2008, p.42).

As pesquisadoras ainda alertam para a importância de os educadores compreenderem essa nova forma de conversa e relacionamento do mundo contemporâneo, buscando trabalhar em sala de aula os aspectos contingenciais de toda escrita. Tanto a língua falada como a escrita sofrem alterações de acordo com o ambiente, o espaço e o contexto em que se inscrevem.

A língua escrita e quase falada dos internautas é mais uma das inúmeras variedades de nossa língua. Assim como é inútil tentar corrigir a língua falada, também é inútil tentar corrigir a língua escrita na web, porque ela é fugaz, efêmera e se dissipa no ar, porque sequer chega a ser impressa. (SANTOS; GOMES, 2008, p. 48).

Esse imediatismo da tecnologia de mensagens instantâneas promove uma alteração considerável na escrita dos adolescentes e, automaticamente, como alerta Foucault (2004), promove processos de subjetivação. A agilidade presente na rede tem produzido, de forma fluída, modos de subjetivação objetivos, porém, ao mesmo tempo, dispersos. Ela permite que os adolescentes desenvolvam de forma cada vez mais intensa a habilidade de executar várias tarefas ao mesmo tempo. Hudson, por exemplo, realizou toda a conversa do encontro virtual durante seu horário de trabalho. Em outros momentos, alguns adolescentes que já se conheciam – como Marcos e Mariana – conversavam paralelamente, em outras janelas. Essa constatação foi feita no momento em que Marcos, após determinado tempo de ausência no encontro virtual, pergunta o

que estava sendo discutido na conversa, ao retornar junto com Mariana para as discussões (a entrevistadora já sabia que eles eram amigos).

Retornando aos processos de subjetivação singulares de nossos adolescentes, é válido realçar a forma como Hudson, Mariana e Marcos lidam com a característica de dispersão, promovida pela escrita ágil que o veículo cibernético de relações MSN evoca. Hudson, em muitos momentos, sai da frente do computador para executar outras atividades de seu ambiente de trabalho, enquanto Mariana e Marcos permanecem no MSN realizando atividades na própria rede e conversando entre si. Apesar de Hudson sair e retornar para o encontro virtual, ele demonstra estar bem mais atento aos conteúdos da conversa do que Marcos, que muitas vezes questiona o que está sendo falado. Mariana, apesar de conversar com Marcos em outra janela, consegue participar e se envolver durante todo o encontro virtual. Aqui, tivemos três sujeitos e dois modos de agenciamento diante da característica de agilidade que o MSN promove.

O exercício da objetividade nos sujeitos contemporâneos pode ser considerado não só um modo de subjetivação, mas também um fator necessário de adaptação a esse novo mundo, diante do ritmo fugaz e fluido que a interface contemporânea tem proporcionado. Um alerta, contudo, é necessário. Apesar de termos evidenciado em nosso trabalho que não pretendemos patologizar características subjetivas presentes no uso das novas TIC, a dispersão requer maior cuidado na observação e análise de sua inserção na subjetividade atual. Nicolaci-da-Costa (2005c), ao citar a pesquisa realizada por Abreu, em 2003, que fez um levantamento junto a vinte professores de escolas particulares de Ensino Fundamental e Médio no Rio de Janeiro, aponta que algumas características da geração infanto-juvenil têm sido alvo de problematizações e preocupações entre educadores e pais. Além de pensamento ágil, dificuldade de concentração e desinteresse pelas aulas tradicionais, ela também realça a dispersão como um dos problemas na área educacional.

Em nossa pesquisa, é possível afirmar que a característica de dispersão promove modos de subjetivação descentralizados. Ao invés de direcionarem seus pensamentos para determinado centro, os sujeitos dispersos exercem em si um formato de pensamento descentralizador, dando autonomia e desvinculando-se de um poder central. A isso talvez esteja associada a grande dificuldade dos educadores e pais da atualidade de limitar essa nova geração. O maior desafio que as TIC têm evocado no modo de vida

social é frear a grande autonomia gerada pelo advento da tecnologia de rede autônoma, descentralizada e fluida.

Dos temas analisados, aqueles que nos permitiram constatar que a escrita ágil de si gera modos processuais de subjetivação objetivos e, paradoxalmente, dispersos foram os seguintes: 1) os assuntos abordados no encontro virtual, que durou por volta de uma hora e meia, foram bem variados e explorados. O roteiro preparado pela entrevistadora foi totalmente cumprido, apresentando riqueza de dados e objetividade nas discussões. 2) Durante o encontro virtual, foi possível constatar que os adolescentes faziam várias atividades ao mesmo tempo. Em arranjo com o MSN, eles tornam-se sujeitos dispersos, seja por conversarem com mais de uma pessoa ou por estarem fazendo diversas coisas no mundo *offline* ou na internet.

Os dados obtidos neste sub-tema permitem inúmeras reflexões. Apresentaremos algumas delas, no intuito de pensarmos mais profundamente nos traços subjetivos que estão emergindo com o advento da tecnologia de rede. Qual seria a melhor forma para educarmos e compreendermos esses modos de subjetivação acessíveis, objetivos e dispersos que estão sendo construídos? Essa produção subjetiva tem gerado inquietações emocionais nesses sujeitos? Como a psicologia pode colaborar com essas questões? Os sujeitos das gerações anteriores estariam com dificuldade em lidar com a geração juvenil ou com esses novos formatos da própria subjetividade contemporânea?

### **Sub-tema: a escrita abreviada de si**

A escrita como exercício pessoal feito por si e para si é uma arte da verdade díspar: ou, mais precisamente, uma maneira racional de combinar a autoridade tradicional da coisa já dita com a singularidade da verdade que nela se afirma e a particularidade das circunstâncias que determinam seu uso. (FOUCAULT, 2004, p. 151).

Essa combinação da autoridade tradicional, da verdade singular e da particularidade das circunstâncias, às quais Foucault (2004) se refere ao associar a escrita a um tipo de arte, pode ser facilmente percebida em nosso material de estudo. Neste sub-tema específico, no que se refere às circunstâncias que determinam o uso da escrita, temos no agenciamento adolescente-MSN as principais demarcações para o exercício de uma escrita abreviada de si.

A associação que Foucault (2004) faz entre escrita e arte permite um trabalho cartográfico acerca da nova composição estética dos sujeitos da contemporaneidade. Como havíamos colocado no capítulo anterior, o mundo *online*, em sua nova arquitetura dos signos, dos sentidos, das percepções e relações humanas, tem evocado um processo maquínico de subjetivação cuja corporeidade também adquire caráter inédito.

No primeiro capítulo, apoiamo-nos na descrição das artes da existência de Foucault (2004) como práticas de si que provocam não somente uma modificação subjetiva, mas uma composição estética da existência, pautada, inclusive, em “certos critérios de estilo”. No agenciamento adolescente-MSN, esses critérios se fazem presentes em contingências peculiares aos dois veículos de subjetivação aqui referidos. Neste sub-tema, evidenciaremos os processos de subjetivação protagonizados pelo MSN e pelos adolescentes que apontam prováveis vivências e transformações, seja no mundo *online*, seja no *offline*.

Em nossa pesquisa, é possível constatar que a escrita abreviada de si que o veículo MSN catalisa nas subjetividades adolescentes evoca o movimento daquilo que Deleuze e Guattari (1995) denominaram de máquina abstrata. Seu pólo é o da produtibilidade, por excelência. É o pólo coletivo, onde organizações individuais e institucionais constroem novas composições e criam novas operações. O MSN, em arranjo com a subjetividade adolescente, compõe um novo modo de escrita que expande a capacidade de criação e adaptação dos sujeitos da interface contemporânea. O processo de subjetivação maquínico da escrita abreviada de si evoca nos veículos adolescentes e MSN uma composição de máquina abstrata. Ambos extraem, nos fluxos da tecnologia de redes, novos modos de comunicação, escrita e subjetivação.

Apresentaremos, a título de ilustração, exemplos das inéditas construções de escrita que o arranjo adolescente-MSN está tecendo na rede.

Escritas abreviadas de si	Significados
^^	Resposta obtida após a entrevistadora ter chamado o adolescente. Pode significar: a pergunta “o que?” ou a simulação da expressão facial onde a sobrancelha é levantada em uma conversa face a face.
xD	Expressão colocada após comentário de

Pk	um dos participantes, significa uma gargalhada – quando visualizada de modo horizontal.
idéias frakss	Por que
vc	Idéias fracas
tbm	Você
Td	Também
repet a perguntaa porfaa..	Tudo
to chei de coisa pa fazz..	Repete a pergunta, por favor
xma atençaaum	Estou cheio de coisa pra fazer
blz	Chama atenção
	Beleza

As escritas abreviadas de si incitam nos adolescentes variados processos de criação. Deixamos propositalmente os tipos de letras e cores usados no encontro virtual para caracterizar a maneira como cada um se apropria dessa linguagem do MSN. As escritas de Hudson, Mario e Marcos foram as que mais se mostraram abreviadas. Em sua composição maquínica abstrata, foram eles os adolescentes que mais promoveram transformações e criações.

Retomando nossas reflexões sobre as funções veiculares do MSN e da subjetividade adolescente, apresentaremos o papel criador que ambos exerceram em sua composição de máquina abstrata. Embasados nisso, podemos afirmar que, no agenciamento adolescente-MSN, a escrita abreviada de si é um recurso técnico do veículo cibernético de relações MSN. A máquina cibernética, ao promover novas



relações, evoca também transformações na linguagem. Aqui, deparamo-nos com a teoria de Machado (2002), que evidencia o movimento de produção de aspectos subjetivos que as máquinas técnicas evocam, por si. Os adolescentes, em alguns momentos, observam que fazem ou falam coisas no MSN que são automatizadas, configurando-se como tecnologias de linguagem do próprio veículo cibernético. Vejamos alguns exemplos:

Mariana:tem vez que ocê ta tão acostumada a por aquela risadinha no MSN, que ocê põe até mesmo sem ter nada engraçado.

Marcos: [...] a gente pode nem ter achado engraçado assim, mas é mais uma coisa meio mecânica assim, que a gente faz. É... meio mecânico mesmo.

Com os exemplos citados acima, é possível perceber que o arranjo adolescente-MSN, diante do agenciamento da subjetividade, apresenta construções técnico-humanas entrelaçadas. O mundo *online*, com a tecnologia de rede, evoca fluxos contínuos de elementos humanos e não-humanos, que equacionam inúmeras variáveis subjetivas.

As coletividades cognitivas se auto-organizam, se mantêm e se transformam através do envolvimento permanente dos indivíduos que as compõem. Mas estas coletividades não são constituídas apenas por seres humanos. Nós vimos que as técnicas de comunicação e de processamento das representações também desempenhavam, nelas, um papel igualmente essencial. (LÉVY, 1993, p. 144).

Quando Lévy (1993) se refere ao mundo *offline* e às conversas cotidianas embasadas no aspecto oral da linguagem, ele afirma o seguinte:

Foi observado que os assuntos abordados nas conversas cotidianas possuem muito menos estrutura, sendo sistematicamente menos hierarquizados e organizados do que os textos escritos. [...] Durante uma conversa normal, nós não dispomos de recursos externos para armazenar e reorganizar à vontade as representações verbais e gráficas. (LÉVY, 1993, p. 65 e 66).

Aqui, reside outro agenciamento promovido pelo veículo MSN, que, além de evocar uma linguagem mais abreviada, automática e fluida, descerra uma organização e uma representação gráfica que retorna para o sujeito tudo aquilo que diz de si e sobre si. O MSN, como tecnologia de intimidade, proporciona aos usuários uma leitura sobre seus aspectos subjetivos. Como Nicolaci-da-Costa (2005a) observou em seu trabalho, os

sujeitos da contemporaneidade, em meio aos grandes fluxos da tecnologia de rede, têm a oportunidade de se verem no que eles mesmos escrevem. Concluimos essa parte com a consideração de Musso (2004) sobre a função da tecnologia de rede.

A rede é um veículo que nos transmuda em “passantes” sempre mergulhados nos fluxos (de informações, de imagens, de sons, de dados...) [...] Não há mais necessidade de operar a mudança social, ela se faz permanente. (MUSSO, 2004, p. 37).

Dentro dessa perspectiva de mudança social permanente e no que diz respeito ao veículo humano de metamorfoses – aqui representado pelos adolescentes –, podemos afirmar que sua função no agenciamento maquínico da escrita abreviada de si é promover novos modos de subjetivação em si, reterritorializando alguns aspectos de suas relações, expressões e maneiras de se posicionar diante dos outros. É fazer surgir a desterritorialização de alguns aspectos subjetivos já não correspondentes aos componentes paisagísticos que as novas TIC trouxeram ao mundo. Os fluxos e os “nós” contemporâneos presentes na tecnologia de rede promovem uma interface social de constantes transformações. A adolescência, compreendida como veículo humano de metamorfoses, constitui-se,

[...] pois um regenerador vital no processo de evolução social, pois a juventude pode oferecer suas lealdades e energias tanto à conservação daquilo que continua achando verdadeiro como à correção revolucionária do que perdeu o seu significado regenerador. (ERIKSON, 1987, p. 134).

Encerramos essa parte com o convite final de pensarmos sobre a composição da subjetividade contemporânea que está sendo micro-potencializada pelos sujeitos da interface contemporânea: os adolescentes.

#### **4.2 - As tecnologias de subjetividade na interface MSN**

Nossas interfaces são histórias que contamos para nós mesmos para afastar a falta de sentido, palácios de memória construídos de silêncio e luz. Elas vão continuar a transformar o modo como imaginamos a informação, e ao fazê-lo irão nos transformar também [...]. (JOHNSON, 2001, p. 174).

Neste tópico, iremos desenvolver os dois últimos pontos de discussão pertinentes a nossa proposta de pesquisa. Inicialmente, abordaremos a maneira como os adolescentes se mostraram pela interface MSN, procurando contemplar quais recursos técnicos desse veículo cibernético promovem alterações em suas subjetividades. Posteriormente, iremos tecer reflexões sobre as novas composições subjetivas que estão emergindo nesse contexto. Procurando finalizar nossas discussões e postulações sobre a subjetividade contemporânea, faremos também questionamentos que poderão ser desenvolvidos e estudados em posteriores pesquisas.

Neste instante, portanto, retomaremos os conceitos abordados no capítulo anterior sobre o fato de o MSN constituir-se, ao mesmo tempo, como catalisador de subjetividades e amortecedor de emoções. Nos sub-temas de relacionamento e privacidade, demonstramos que os adolescentes experimentam um processo de catálise em suas subjetividades e um amortecimento em suas emoções. No procedimento metodológico da entrevista individual, questionamos sobre a maneira como os adolescentes se vêem pelo MSN e fora dele. Vejamos alguns depoimentos:

Mariana: Mass... pelo computador eu falo... eu acho que... eu sou mais... eu sou uma pessoa mais fácil, até pra... pra... ouvir. Sabe?

Hudson: Mas eu acho que se tivesse frente a frente eu falaria. Mas dá uma liberdade maior de falar, entendeu?

Mariana e Hudson expressam igualmente a experiência de se sentirem expandidos em sua capacidade de se comunicar e relacionar. Como mencionamos no final do segundo capítulo, os demais entrevistados também puderam experimentar, em suas singularidades, um processo de catálise em determinados aspectos subjetivos.

O que evidenciaremos, no entanto, são os recursos técnicos do MSN que produzem tanto a catálise subjetiva como o amortecimento das emoções, independente da maneira como cada adolescente promove esse agenciamento. Como demonstrado anteriormente, alguns adolescentes se favorecem mais que outros do recurso técnico de amortecimento das emoções. Tal fato se deve, contudo, aos aspectos singulares e moleculares dos territórios coletivos de suas existências. A tecnologia de multiplicidade

que o veículo MSN promove em seu espaço de relações é o recurso técnico responsável pela promoção de subjetividades expandidas.

Turkle (1997), diante de sua constatação sobre a multiplicidade presente na identidade na era da internet, afirma que “a Internet é outro elemento da cultura do computador que contribuiu para encarmos a identidade como multiplicidade” (TURKLE, 1997, p. 263).

A Internet converteu-se num laboratório social significativo para a realização de experiências com as construções e reconstruções do eu que caracterizam a vida pós-moderna. Na sua realidade virtual, moldamo-nos e criamo-nos a nós mesmos. (TURKLE, 1997, p. 265).

Essas novas subjetividades da interface contemporânea, protagonizadas pela internet, estão promovendo alterações consideráveis na comunicação, nas relações e nos próprios modos de construção de si mesmo e dos “nós” mesmos. No que se refere especificamente ao MSN, constatamos a produção e potencialização de uma subjetividade cada vez mais expandida, que consegue se descentralizar e multiplicar suas capacidades, inclusive situando, movimentando, comunicando e realizando várias tarefas ao mesmo tempo.

Os adolescentes entrevistados possuem uma leve percepção sobre esse processo de expansão de um ou outro aspecto de sua subjetividade. A variação desses aspectos deve-se a experiências singulares que cada um executa em sua navegação pelos fluxos e através dos próprios “nós” contemporâneos que enfrentam na tecnologia de rede. Porém, como a adolescente Karina muito bem definiu, eles não têm o costume de pensar sobre essas experiências e, portanto, não conseguem compreendê-las totalmente: “porque essa conversa faz nós refletirmos de coisas ki nós nunca paramos pra refletiir”. Eles vivem a exposição múltipla e ampliada de si, mas ainda não elaboraram essa percepção. Aqui, percebemos uma das funções do MSN como veículo produtor de subjetividade. Ao expandir as subjetividades de seus usuários, ele produz maior exposição de seus territórios coletivos de existência, em seus aspectos mais íntimos. Em sua composição veicular e híbrida com os adolescentes, através do recurso múltiplo de relações com seus usuários, o MSN incita uma exposição tão imediata e múltipla de si que eles mesmos não conseguem dimensioná-la de forma clara. Foi com a tarefa de seguir e cartografar os fluxos e os “nós”, as produções moleculares e reproduções

molares presentes na interface contemporânea, que conseguimos mapear a expansão dessas subjetividades, enfocando a questão de gênero.

Analisemos o discurso individualizante da subjetividade feminina, que se faz presente nos depoimentos coletados durante a entrevista individual. Mariana comenta o seguinte: “cê fala sobre as pessoas, novidades, só para uma interação, só para fortificar as amizades, assim...”. Já Adriana afirma: “os meus melhores amigos que eu tenho hoje, foi assim, eu conversei, dei “Oi! Bom dia! Bom dia! Cê tem MSN? Tenho. Me passa aí. Cê vai entrar hoje? Vou”. Karina, por sua vez, avalia-se da seguinte forma: “era mais guardada, ficava só pra mim [...] aí, depois do MSN, a gente vai descobrindo [...]. A gente acaba fazendo amizades pelo MSN”. Os depoimentos das adolescentes evidenciam, basicamente, os mesmos pontos, com a valorização das questões afetivas e de amizades.

Consideremos agora o que os adolescentes do sexo masculino disseram sobre o relacionamento vivenciado pelo MSN. Na opinião de Hudson: “já acho que, já é o MSN já é aquela parte pra conversar e fica lá... trocando idéia mesmo”. Marcos compartilha de uma opinião semelhante: “no MSN tá ligado no que tá acontecendo assim. É quase que um informativo assim”. E Mario pontua que o MSN promove relações inclusive entre pessoas que não são tão próximas: “o MSN ajuda, entendeu? Até conhecer pessoa diferente. Por exemplo, eu falo com um amigo meu. Aí vai, pelo próprio MSN ele chamou outro amigo dele também pra ir jogar bola também, entendeu?”. Nesses depoimentos, o que fica evidente é a maneira como valorizam um relacionamento mais prático e descontraído, sem realçar aspectos afetivos. Enquanto as mulheres apresentam uma forma mais afetuosa e aberta para se relacionarem com as pessoas pelo MSN, os homens demonstram um relacionamento mais abrangente e menos íntimo.

Retomando a maneira como os relacionamentos pelo MSN foram reterritorializados, com uma característica cada vez mais espontânea, que exercita a confiança mútua e com maior intimidade nas amizades, podemos perceber que, apesar de todos terem afirmado que o MSN acelera a intimidade, suas experiências subjetivas

ainda registram em si reprodução da linha molar representada pelas subjetividades masculina e feminina. Se compararmos esses agenciamentos do mundo *online* ao mundo *offline*, os adolescentes do sexo masculino e feminino continuam reproduzindo as linhas da subjetividade de gênero, no aspecto de relacionamentos e afetividade.

Na literatura, encontraremos exemplos antagônicos no que se refere às questões de gênero e à forma como são compreendidas na atualidade. Alguns autores defendem o fato de que as novas tecnologias não alteram as formas subjetivas masculina e feminina, mas simplesmente reforçam essas subjetividades. Uma ilustração pode ser encontrada no trabalho de Oliveira (2002), que, ao pesquisar as características dos *blogs* femininos, aponta para a reprodução de um movimento de submissão e diferenciação entre gêneros. Outro trabalho, de Zancanela (2005), evidencia a apropriação capitalística das tecnologias e seu movimento de produzir uma subjetividade feminina da beleza como forma de reprodução do ideal de feminino, conclusão que corrobora a de Oliveira (2002). Outras pesquisas também vão apontar as interferências da tecnologia nas relações sociais, que variam entre a reprodução do sujeito-mulher da modernidade e a produção do sujeito-mulher na contemporaneidade. Turkle (1997), Haraway (1991) Vieira (2002), entre outros apontam que as novas construções subjetivas do ideário masculino e feminino que estão sendo engendradas na atualidade irão promover transformações na subjetividade. As linhas molares das subjetividades masculinas e femininas também se fazem presentes no mundo *online*.

Em nossa pesquisa, compreendemos as masculinidades e feminilidades da contemporaneidade não como múltiplas identidades, mas como alternância entre reprodução e produção de sujeitos – uma das fases do processo de agenciamento da subjetividade –, constantemente construídas por todos os indivíduos. Como demonstramos em nossos resultados, foi possível perceber tanto um movimento reprodutivo e reforçador das linhas molares dos territórios subjetivos masculinos e femininos como um movimento incessante de produção e, muitas vezes, de fuga dos conceitos e postulações da subjetividade instalada, com consequentes reterritorializações. Se, por um lado, encontramos a reprodução das linhas molares das subjetividades femininas e masculinas entre os sujeitos entrevistados, por outro lado, foi possível constatar que esses mesmos sujeitos, em seus processos de subjetivação, construíram posicionamentos subjetivos que ignoram completamente a questão de gênero. Como apontamos no capítulo anterior, o devir é uma forma original de

desterritorialização. Se pensarmos nos sujeitos femininos e masculinos como territórios que se organizam, re-organizam e, algumas vezes, desterritorializam, podemos afirmar que os sujeitos da contemporaneidade têm protagonizado um devir sutil nas subjetividades estratificadas do feminino e do masculino.

Deleuze e Guattari (1995) vão se referir aos aspectos dicotômicos – como é o caso do feminino e do masculino – como formas territoriais atravessadas, transversalmente, por uma linha que incita a desterritorialização.

Isso significa que a linha de fuga é sempre transversal, que é quando ligadas transversalmente que as coisas perdem sua fisionomia, deixando de ser pré-identificadas por esquemas prontos, e adquirem a consistência de uma vida ou de uma obra, isto é de “uma unidade não orgânica”. (ZOURABICHVILI, 2004, p.27).

Deparamo-nos, durante nossas análises, com sujeitos que re-configuram suas fisionomias femininas ou masculinas. Cada vez mais, em termos de interface contemporânea, as faces humanas estão construindo inéditos arranjos em seus processos de subjetivação junto das novas tecnologias. Esses sujeitos orgânicos e não-orgânicos agenciam em seus territórios coletivos de existência uma subjetividade híbrida, descontínua e veloz, nas composições maquínicas que engendram. A questão de gênero carrega aspectos íntimos das subjetividades masculinas e femininas, que, quando inseridos na rede, passam a experimentar variados modos de subjetivação.

Por falar em intimidade, ela parece constituir-se como outro traço contemporâneo. Silva (2006), em sua pesquisa sobre outra ferramenta da internet, os *blogs*, faz uma constatação muito próxima da nossa. A pesquisadora observa que, independente da questão de gênero, eles constituem-se como uma nova versão dos diários íntimos, com finalidade distinta. A intimidade, que antes era trancada até em cadeados pequenos nos diários adolescentes, passa a ser exposta na rede como modo de troca de impressões.

Certamente o que conhecemos como intimidade hoje não é a intimidade Moderna, na qual o sentido, a autenticidade, estavam no oculto, no que não pode ser revelado. Mas nem por isso devemos afirmar que não há mais intimidade. O que observamos é uma outra forma de intimidade que depende do olhar do outro para alcançar sentido. (SILVA, 2006, p.45).

Essa nova exposição de si talvez seja o prefácio de uma transformação, em que a subjetividade expandida considera muito menos as questões do eu em detrimento dos “nós”. Os “nós” promovidos pelos constantes fluxos de informações e transformações contemporâneas podem estar nas pontas da desterritorialização de muitos operadores sociais, como relações humanas, comunicação, questão de gênero, excesso de individualismo e egocentrismo, estimulados por tanto tempo em nossa sociedade.

A quebra de fronteiras que a internet protagonizou parece também ter quebrado o limite mais íntimo do *self*. Trata-se de outra lógica de funcionamento, de desenvolvimento de relações. As novas TIC, ao compartilharem tantas intimidades, deixam-nos mais próximos de experiências e sensações vivenciadas por qualquer pessoa, em qualquer parte do planeta. Os recentes sofrimentos proporcionados pelos grandes desastres naturais são exemplos dessa aproximação muito mais intensa. Os vídeos particulares jogados nas tecnologias de rede, seja pela internet ou pela mídia televisiva, proporcionam uma expansão tão marcante do eu que, na medida em que se depara com os “nós” contemporâneos, passa a fluir com eles e através deles.

Turkle (1997), ao concluir seu trabalho, afirma que os efeitos de multiplicação das experiências do ego evocam maior conhecimento de nossas diversidades e, automaticamente, das outras. A humanidade poderia estar à beira de experimentar uma nova condição de se relacionar entre si, entre humanos e não-humanos, entre os fluxos e os “nós”, compartilhando sistemas, vivências, informações e conhecimento.

Uma percepção mais fluida do eu permite uma maior capacidade para acolher a diversidade. Torna-se mais fácil aceitar o rol das nossas (e dos outros) identidades inconsistentes – talvez com humor, talvez com ironia. Não nos sentimos compelidos a classificar ou julgar aos elementos de nossa multiplicidade. Não nos sentimos compelidos a excluir o que não se enquadra no padrão. (TURKLE, 1997, p. 391).

Em nosso encontro virtual, experimentamos o quanto a conversa pelo MSN foi agradável e fluida. As constantes brincadeiras e críticas que os adolescentes faziam uns aos outros, ao se depararem com suas intimidades, promoveram um relacionamento em rede onde as diversidades, inevitavelmente, se esbarraram. O MSN tem proporcionado aos adolescentes a experimentação de novos formatos de relações com os outros e consigo. Ao agenciar os aspectos singulares desses sujeitos em sua tecnologia de intimidade, o MSN começa a gerar um novo formato de relações, não somente entre os



humanos, como também em seu dispositivo técnico. É esse o movimento simbiótico gerado pelos sistemas cibernéticos e metamorfoseantes do arranjo adolescente-MSN.

Outro recurso técnico do MSN que gostaríamos de evidenciar é sua tecnologia de intimidade. Sua rede particular de relacionamentos começa a promover muitos encontros e relações que não só expandem a subjetividade dos indivíduos como também permitem compartilhar questões íntimas dos seus territórios coletivos. Em nosso trabalho, constatamos que o MSN produz, para além de uma subjetividade expandida, uma subjetividade compartilhada.

Sua peculiaridade técnica de intimidade e relacionamento acaba promovendo um compartilhamento de aspectos íntimos e subjetivos dos usuários, criando uma rede de relações cujo verbo principal é compartilhar, outra tendência da contemporaneidade. Seu salto inicial deu-se com a internet e as informações que começaram a ser repartidas na rede. A partir de então, a tendência disseminou-se para todos os lados e aspectos da vida social: instituições e organizações empresariais que incentivam o compartilhamento de conhecimento, manifestações artísticas variadas (músicas e filmes na *web*, que fornecem acesso imediato a conteúdos, inéditos ou não). As pessoas passaram a se adaptar a esse novo paradigma de fluidez de conhecimento, situações, informações, pessoas, entre outros núcleos operacionais do corpo social.

Se, por um lado, a subjetividade expandida força nos sujeitos da interface contemporânea o exercício de seu narcisismo, pois sua imagem nunca foi tão exposta e difundida como com a tecnologia de rede, por outro lado, a subjetividade compartilhada evoca o exercício de descentramento de si, com conseqüente movimento para os “nós” mesmos da rede. Entre esses fluxos e “nós” contemporâneos, dois adjetivos fazem-se mais evidentes diante do desafio de pensar a subjetividade contemporânea. Estamos diante dos tipos de subjetividade que a tecnologia do MSN suscita em seu arranjo com o adolescente: a expansão e o compartilhamento. “Os dispositivos técnicos são, portanto, realmente atores por completo em uma coletividade que já não podemos dizer puramente humana, mas cuja fronteira está em permanente redefinição” (LÉVY, 1999, p.137).

A subjetividade expandida e compartilhada, promovida no agenciamento adolescente-MSN, gera contradições no desenrolar das relações vivenciadas na rede. Nos depoimentos de nossos entrevistados, percebemos dois dados interessantes: um que se refere à expansão da subjetividade, percebida igualmente por todos, e outro em

relação ao fato de o MSN amortecer os sentimentos, mascarando algumas reações, fato que é percebido de modos diferenciados por eles. Vejamos, inicialmente, o que os adolescentes responderam quando a entrevistadora perguntou: “vcs acham que o MSN expande um pouco nossos sentimentos, pensamentos e nossa forma de expressar?”.

Mariana, Karina e Mario afirmaram prontamente que o MSN promove um tipo de expansão em suas subjetividades:

Mariana: **nossa forma de expressar eu acho ki expande siim**

Karina: **clarooo**

Mariana: **podemos nos expressar de varias formas – a gente fica mais a vontade pra conrvesar, mais coisa consegue ser dita... podemos falar o ke a gente realmente pensa**

Mario: **aaham.....**

Marcos e Hudson discorreram um pouco mais sobre o assunto. Marcos relembrou a resposta que deu em sua entrevista individual:

Marcos: **inclusive foi uma das questões acerca da qual eu dissertei no exato dia da nossa entrevistaa (gastei hein!!) auhsahusa**

Hudson ponderou que, apesar de o MSN proporcionar uma expansão na subjetividade e no modo de se comunicarem, ele não consegue substituir a relação pessoal, face a face:

Hudson: **acho q expande de uma forma a nos deixar mais a vontadeee... podendoo estabelecerr melhores relações com as pessoas... mais em tal proposta.. perdemos um pouco acerca da relação pessoal com akela pessoas...**

Um paradoxo, porém, é identificado no tocante ao componente amortecedor de emoções que o veículo MSN opera. Ele é, em muitos momentos, agenciado de modo que sentimentos sejam mascarados, fato que dificulta o desenvolvimento de relações mais verdadeiras. O ponto paradoxal que promove um nó nesse fluxo de relações promovidas pelo MSN refere-se à sua capacidade de acelerar o desenvolvimento das amizades e mascarar sentimentos. Essa aparente contradição constatada nos depoimentos dos adolescentes foi discutida durante o encontro virtual. Vejamos o que os adolescentes responderam diante da pergunta que trabalha esse ponto:

Carla: Agora, vejam que engraçado! Como o MSN pode, ao mesmo tempo, mascarar sentimentos e aproximar pessoas?

Hudson: **acho q eh uma contraditoria.. mais q faz sentido!! porque se marscamos algumas coisas..**

Mario: **contradição animal.kk**

Carla: rrsrsrs

Hudson: **podemos nos adaptar ao modo de tal pessoa.. sendo mais facil o relacionamento.. e portantoo a amizade fik mais facill..**

Hudson: => **VOU VIRAR FILOSOFOOo!!**

Mariana: **é contradição mas faz todo o sentido**

Mario: **tah certo uai.. xD o q o hudson falou**

Hudson: **valeoo fã – kllllllllllll**

Mediante essas escritas descontraídas, ágeis e abreviadas, os sujeitos da interface MSN parecem estar apresentando maior nível de flexibilidade no desenvolvimento das relações. Ao se depararem com os aspectos de intimidade da tecnologia MSN, eles exercitam, pelos fluxos ou pelos “nós” da rede, a exposição de seus sentimentos. Até a entrevistadora, em determinado momento, entra na descontração e comenta sobre os efeitos que o MSN gera nas subjetividades adolescentes, ao fazer uma observação sobre os depoimentos de Marcos (quando fala de maneira bem formal, na citação anterior) e de Hudson (quando comenta que pode virar filósofo):

Carla: Noooosssaaaa! Quê isso?O Hudson filosofando, o Marcos falando difícil... O MSN amplia mesmo nossas capacidades – rrsrsrsrs

Mario: **coisas como essa só no msn neh naum? ausha**

Em nossas reflexões, a conclusão a que chegamos sobre a explicação desse ponto paradoxal aponta-se no próprio agenciamento adolescente-MSN. Essas máquinas humanas e cibernéticas, ao se engendrarem, veiculam aspectos que apontam tanto para a homogeneidade quanto para heterogeneidade. O MSN tem por característica amortecer as emoções de seus usuários, mas a maneira como cada um agencia esse aspecto é que promove o mascaramento ou não dos sentimentos. Avançando ainda mais em nossas interpretações, o fato de o MSN ser um veículo tecnológico de intimidade faz com que seus usuários, ao se relacionarem com ele e por meio dele, se deparem com a própria condição de lidar com sua intimidade e a dos outros. O maior nó que se fez presente em nossa cartografia dos fluxos dos relacionamentos via MSN foi, exatamente, o arranjo tecnológico da intimidade que o agenciamento adolescente-MSN promove.

O arranjo ou a combinação dos veículos humanos e não-humanos da subjetividade adolescente-MSN gerou a presença de componentes marcantes nas novas formas de relacionamento construídas na rede. Os adolescentes encontram no MSN a

oportunidade de modelar e experimentar suas subjetividades, recurso que afirmam não encontrar em outro lugar. Citando esse mesmo processo, Turkle (1997) afirma que essa possibilidade se faz presente em diversos elementos peculiares à cultura do computador, evidenciando o papel da própria internet.

A Internet é outro elemento da cultura do computador que contribuiu para encarmos a identidade como multiplicidade. Nela, as pessoas têm a possibilidade de construir uma personalidade alternando entre muitas personalidades diferentes. (TURKLE, 1997, p. 263).

Os elementos moventes da subjetividade contemporânea estabelecem um contínuo processo de transformação. O que resulta disso é a interseção subjetiva entre os elementos técnicos e humanos, artísticos e reprodutivos, molares e moleculares, sensoriais e materiais, em uma dimensão subjetiva totalizante. A referida interseção promove rupturas singulares e individualizadas, em um sujeito fixado diante do computador e, ao mesmo tempo, movente através dele. Essa afirmação paradoxal pode ser mais bem compreendida a partir do momento em que agenciamos o indivíduo adolescente como o corpo fixado e o MSN como o elemento movente. É essa composição veicular maquínica que promove as transformações corpóreas e incorpóreas nas subjetividades adolescentes aqui investigadas. Os sujeitos contemporâneos possuem, em suas constituições extra-físicas, formatos diferenciados para se movimentarem entre os mundos *online* e *offline*.

Neste capítulo, procuramos evidenciar as transformações subjetivas que o MSN, como veículo cibernético de relações, está promovendo na contemporaneidade. Essa tecnologia de rede talvez seja uma das que mais aproximam das condições de autonomia e heteronomia dos indivíduos. Ao mesmo tempo em que dissipa, dilui e expõe as máquinas humanas na rede, ela promove a liberdade ao usuário de se mostrar acessível, disponível e condizente ou não com sua filosofia. “Assim, a rede tornou-se o fim e o meio para pensar e realizar a transformação social, ou até mesmo as revoluções de nosso tempo” (MUSSO, 2004, p.37).

Direcionando nossa navegação para o porto inquietante das conclusões e dos novos questionamentos, buscaremos, neste momento, discorrer sobre as subjetividades contemporâneas. Retornaremos à idéia de que a subjetividade do mundo contemporâneo possui caráter especialmente juvenil. Passarelli e outros (2009), em sua pesquisa sobre

as subjetividades em expansão e as tecnologias de comunicação, comparam o uso do computador entre a geração adulta da atualidade e a geração juvenil:

Entre os adultos encontra-se uma série de resistências em relação às redes sociais que, aos poucos, durante a conversa, vão se dissipando à medida que torna-se fácil dizer que estar na internet é estar utilizando uma ferramenta que nos deixa mais próximos uns dos outros, que facilita e promove a conversação, além do simples hábito de buscar informações ou realizar tarefas consideradas “necessárias”. É recorrente a desconfiança de compartilhar dados e de estabelecer relacionamentos com pessoas desconhecidas pela Internet ao mesmo tempo em que contam experiências de relacionamentos vividos por parentes e amigos próximos. Essas são algumas observações que nos permitem dizer que os adultos demonstram outros usos da internet, também relacionado ao lazer e ao trabalho, mas com menor intensidade que os mais jovens. (PASSARELLI; GUZZI; DIMANTAS, 2009, p.68).

Um aspecto instigante do agenciamento entre indivíduos e novas tecnologias é a diferença nas especificidades geracionais das máquinas humanas. O trabalho de Passarelli e outros (2009) mostra as constantes queixas e reclamações proferidas pelos adultos em relação a seu agenciamento junto às novas TIC. Em nossa pesquisa, percebemos que essas queixas não fazem parte do universo juvenil, bem adaptado e acostumado a esses novos arranjos tecnológicos de relacionamento. Belloni e Gomes (2008), ao pesquisarem a subjetividade infantil, também evidenciam a particularidade dessa geração na forma de lidar com o compartilhamento contemporâneo.

Pudemos observar o quanto as crianças demonstram satisfação em compartilhar suas descobertas, como parece natural ajudar os colegas menos experientes e o quanto a troca e a partilha entre pares são importantes para as descobertas e a consolidação das aprendizagens. ( BELLONI; GOMES, 2008, p.737).

Em um debate sobre o efeito das novas tecnologias na subjetividade, realizado no Rio de Janeiro, Luna (2005), ao citar o resultado de algumas pesquisas no campo de psicologia, afirma que:

A psicologia e a neurociência trazem boas notícias para pais e educadores preocupados com os efeitos da tecnologia no que diz respeito ao desenvolvimento de crianças e adolescentes. Diversas pesquisas apontam que computadores, videogames, filmes e programas de TV com conteúdo adequado estimulam a seleção de informação, a capacidade de dedução e a lógica. (LUNA, 2005, p.75).

O discurso de preocupação excessiva quanto aos riscos das novas tecnologias parece estar mais atrelado às resistências geracionais do que ao processo de formação e educação da geração juvenil. Por outro lado, um discurso demasiadamente permissivo e de benefícios parece estar associado a um pensamento de caráter reducionista, à emergência de soluções demasiadamente complexas. O cuidado que devemos ter é de acompanhar bem de perto, como sugere Turkle (1997), essas experiências do mundo *online*. Pesquisas que acompanhem, em longo prazo, o agenciamento entre a geração juvenil e as novas tecnologias poderão trazer dados relevantes sobre a consolidação de características subjetivas que vêm sendo contempladas nesses diversos trabalhos.

Os resultados da pesquisa de Passarelli e outros (2009) e de Belloni e Gomes (2008), atrelados aos nossos, permitem constatar que a geração juvenil da atualidade, notadamente, encontra-se mais aberta às novas experiências estéticas que a arquitetura do mundo *online* está promovendo. Porém, percebemos que tal fato não fornece a essa geração um conhecimento diferenciado em relação a essas experiências, pois, como demonstramos, os adolescentes apresentam ainda muitas dificuldades de compreendê-las e percebê-las. Essa condição criadora e até mesmo artística das novas tecnologias humanas e não-humanas não se faz presente apenas nos corpos veiculares dos adolescentes e do MSN, mas também em todos os corpos sociais. Como lembra Ferreira Neto (2007), “as artes da existência são práticas de vida individual e coletiva em que não se dissociam práticas de subjetivação e práticas sociopolíticas, ações individuais e ações sociais” (FERREIRA NETO, 2007, p.182). Dessa forma, por mais que essas transformações subjetivas encontrem-se presentes na subjetividade infanto-juvenil, não podemos desconsiderar o fato de que elas representam, como disse Erikson (1987), um modelo de evolução social. Lembrando que

O ser humano contemporâneo é fundamentalmente desterritorializado. Com isso quero dizer que seus territórios etológicos originário – corpo, clã, aldeia, culto, corporação... – não estão mais dispostos em um ponto preciso da terra, mas se incrustam, no essencial, em universos incorporais. A subjetividade entrou no reino de um nomadismo generalizado. (GUATTARI, 1992, p.169).

Esse nomadismo generalizado a que Guattari (1992) se refere demonstra os constantes movimentos da subjetividade na atualidade. Os sujeitos da interface contemporânea estão experimentando transformações micro-instaladas, incorpóreas, que revolucionam suas constituições físicas, sensoriais e psicológicas. Diante dessa

puberdade social, que introduz mudanças nas arquiteturas físicas dos territórios subjetivos e inaugura a subjetividade adolescente, aportamos as considerações finais de nosso trabalho. Como bem sabemos, a adolescência, com sua peculiaridade de experiências, vivências e moratória social, traz consigo as possibilidades reprodutivas e produtivas de um modo adulto de se tornar humano. Em nosso caso, poderíamos dizer que esse modo talvez não seja só humano, mas também mais que humano. A grande máquina humana da contemporaneidade está experimentando, com a expansão de sua subjetividade, novas composições territoriais entre elementos humanos e não-humanos, que despertam a máquina social para um momento de constantes questionamentos e reflexões. É o sinal da maturidade.

## 05- CONCLUSÃO

Quando iniciamos nossa navegação pelo mundo *online*, procuramos seguir a trajetória dessas novas linhas de produção da subjetividade contemporânea. Nosso trabalho elegeu duas máquinas, herdeiras da modernidade, com o intuito de constatar as produções que elas estavam gerando atualmente. A adolescência e as novas TIC – aqui representadas pelo MSN – foram selecionadas como as máquinas humanas e não-humanas, respectivamente, que poderiam descerrar novos conhecimentos sobre a subjetividade contemporânea. Ao falarmos em conhecimento e subjetividade, deparamo-nos com o grande desafio, evocado desde a filosofia socrática, do “conheça-te a ti mesmo”.

O encontro inicial com os conceitos de subjetivação, territorialização, agenciamentos e técnicas de si foi elemento de combustão para um processo de construção teórica que me arrebataria para o fascinante mundo da pesquisa, dos questionamentos e das incertezas. Após essa primeira e intensa experiência teórica, o percurso pelo universo digital e juvenil começou a construir uma nova arquitetura de signos, sentidos e questionamentos, tendo como produto final a elaboração de um roteiro de entrevista. Inaugurou-se a experiência de investigação no campo empírico.

O campo empírico trouxe dados vivos aos corpos teóricos inicialmente estudados. Esse entrelaçamento das linhas teóricas e empíricas promoveu fluxos de conhecimentos diversos durante a etapa da análise e discussão dos resultados. Dando continuidade ao processo de produção do conhecimento sobre os novos traços da subjetividade contemporânea, deparamo-nos com resultados, idéias e considerações relevantes para a proposta inicial do trabalho. Aqui, começamos a construção teórica da dissertação.

As idas e vindas dos textos, as trocas e os compartilhamentos com o orientador produziram não somente novos conhecimentos da subjetividade contemporânea, como sobre minha própria subjetividade. Como bem apontava Foucault (2004), toda escrita representa um modo subjetivo de se posicionar no mundo. O presente trabalho, diante da proposta de investigar a produção de subjetividade, promoveu novas construções e subjetivações em meu próprio território coletivo de experiências subjetivas, teóricas e empíricas. Considerando que o trabalho científico promove rupturas com idéias e



concepções previamente instaladas, as fibras óticas das máquinas humanas de pesquisa tornam-se elementos fundamentais para que esse processo se efetive.

O que fará do trabalho um verdadeiro contributo científico é o autor se pronunciar sobre o que tudo aquilo quer dizer para seus olhos imaginativos e críticos (interpretar sentidos ainda encobertos). Em outros termos: é ver correlações e associações que os olhos comuns não vêem, é enxergar sob outro ângulo – ou no avesso – como pessoas comuns não fazem, para então poder descobrir novas explicações e compreensões que estão se fazendo necessárias a novas expectativas humanas. (TURATO, 2003, p. 462).

Na conclusão de nosso estudo, percebemos que o olhar do pesquisador para o campo empírico sempre é desviado de sua direção inicial. Este trabalho promoveu em mim novas visões da realidade na qual me encontro inserida, incitando novos questionamentos e direções.

Procurando fazer uma pequena síntese das idéias aqui trabalhadas, dissertaremos sobre algumas hipóteses tecidas na rede de conhecimentos que construímos durante a trajetória da pesquisa. Seguindo a própria ideologia de rede destacada neste trabalho, não pretendemos centralizar ou direcionar quaisquer intenções de estudos ou ideologias, mas promover um fluxo de reflexões e questionamentos que apontem para várias direções e sentidos.

Fazendo uma análise sobre a trajetória técnica e humana, será possível perceber que a humanidade, através dos tempos, foi descobrindo suas funções motoras, de sensibilidade e inteligência. O modo pelo qual ela executou tal tarefa foi pelas construções e criações de verdadeiros prolongamentos da máquina humana, através dos artefatos tecnológicos. Em seus primeiros passos diante da vida em civilizações, a humanidade foi construindo suas máquinas motoras. Em seus primeiros gestos de sensibilidade e percepção desse novo mundo, foi fotografando e ampliando suas lentes que captaram e plasmaram imagens até então desconhecidas. Com seus sentidos aguçados e os passos mais firmes, passou a utilizar de maneira intensa sua capacidade de raciocínio e criação.

Lévy (1993), ao discorrer sobre as tecnologias de inteligência, relembra o quanto os veículos técnicos de nossas subjetividades interferem de modo molecular em nossos corpos, nossas sensações e, como não seria diferente, em nossas mentes.

Vale a pena repetir que a maior parte dos programas atuais desempenha um papel de tecnologia intelectual: eles reorganizam, de uma forma ou de outra, a visão de mundo de seus usuários e modificam os seus reflexos mentais. (LÉVY, 1993, p. 54).

Diante dessas transformações na subjetividade contemporânea, um dos cuidados que devemos ter é o de não patologizar seus aspectos psíquicos. O fato de alguns padrões de pensamento, sentimento e sensações estarem em processos de alteração não implica patologia. Como evidenciamos no primeiro capítulo de nosso trabalho, a idéia aqui foi estudar a técnica sem paixão e, portanto, sem medos, receios e preconceitos, como também sem enaltecimento, otimismo e evidência.

É nesse momento que a humanidade começa a pensar, refletir e criar novas formas de absorção de informações e conhecimentos. Com as descobertas realizadas pelos mundos de si e através de navegações por territórios geográficos e existenciais, o grande corpo social, em sua constituição humana e não-humana, começa a construir máquinas cerebrais, que têm como uma de suas relevantes funções ampliar e acelerar seu próprio processo mental. Questionamo-nos sobre o que esses novos tempos irão promover em nosso corpo social. Questionamo-nos sobre as novas composições subjetivas da humanidade, e não conseguimos contemplar ainda uma resposta imediata. Contudo, uma idéia minimamente norteadora surge: as fases peculiares ao desenvolvimento do corpo humano também se fazem presentes no corpo social. Se ainda não sabemos o que seremos, é porque nossa subjetividade adolescente não permite. Podemos, pelo menos, vislumbrar no horizonte dos coletivos pensantes que nossa marcha é para a evolução. Esperamos, assim, que a humanidade, após tantas experiências de guerras e combates, explorações excessivas dos recursos naturais e químicos, possa adentrar em uma vida adulta mais moderada, equilibrada e madura.

Os efeitos das transformações, que se encontram micro-instaladas e dispersas por todo o corpo social são, conforme dissemos anteriormente, semelhantes ao processo de puberdade que introduz o infante na adolescência. No entanto, não podemos ignorar outros aspectos preocupantes que a fase da adolescência traz à subjetividade. A moratória, vista como espaço de experimentações, evoca inúmeras experiências que podem adquirir caráter destrutivo. Devemos pensar a maneira como estamos conduzindo nossas experiências subjetivas junto às novas TIC e estar atentos ao modo como as subjetividades modernas estão conduzindo e compreendendo esse processo de transformação. As rupturas moleculares já se instalaram em nosso corpo social, as

mudanças de ordens físicas, estéticas, artísticas, psicológicas, linguísticas, entre outras, também se encontram presentes, convocando um novo paradigma de pensamento e compreensão. A interface contemporânea seja talvez o maior paradigma estético a ser visualizado, ou até mesmo construído.

Autores como Santaella (2007), Castells (1999), Turkle (1997), entre outros que aqui citamos, trabalharam com a idéia de que as máquinas técnicas foram promovendo mudanças nas percepções, sensações e nos próprios signos humanos. Em nosso trabalho, as reflexões que poderiam encerrar nossas discussões giram em torno da seguinte questão: as máquinas humanas, com suas complexas capacidades de criação e inteligência, parecem ter traçado um caminho contínuo e irreversível de evolução em seu posicionamento diante do mundo. Sua alta capacidade criativa e de raciocínio encontra nas outras máquinas a possibilidade de concretizar seu processo de transformação e aprimoramento subjetivo. Não acreditamos que as máquinas elétricas, eletrônicas, cibernéticas, entre outras tenham promovido mudanças nos sentidos e signos humanos. Constatamos que as máquinas produzem constantes transformações umas nas outras e com as outras. O processo criativo das artes de toda e qualquer existência é – como alertou Foucault (2004) – característica marcante dos processos subjetivos. Aqui, incluímos todo e qualquer tipo de existência presente nos coletivos pensantes. Todos os tipos de máquinas possuem, em sua própria constituição, a capacidade artística da criação. Nos tempos atuais, começamos a vislumbrar essa realidade de forma acelerada. As máquinas humanas de metamorfose, juntamente com as cibernéticas, são as protagonistas dessa nova performance estética dos sujeitos.

Em nosso trabalho, foi possível perceber as novas-formas-pensamento que começaram a emergir na subjetividade contemporânea. Os relacionamentos estão cada vez mais múltiplos e dinâmicos, além de se caracterizarem por descontinuidade e velocidade. As novas-formas-pensamento que se encontram em processos de criação na contemporaneidade estão treinando a objetividade, o compartilhamento e a expansão da subjetividade. Um novo modo de lidar com a intimidade está emergindo com o agenciamento dos sujeitos contemporâneos e as máquinas cibernéticas. No que se refere ao MSN, o arranjo tecnológico da intimidade configurou-se como um dos “nós” que entrelaçam essa grande rede social da contemporaneidade. As escritas digitais de si têm expressado novos textos e contextos da subjetividade atual. Os modos de subjetivação emergentes têm se mostrado objetivos, dispersos, acessíveis, descentralizados e

criativos. O veículo MSN, ao catalisar as subjetividades e amortecer as emoções, está exercitando, em seu agenciamento com os adolescentes, a capacidade de expansão e compartilhamento do *self*. É relevante, portanto, realçar que esses processos de subjetivação ora cartografados representam o movimento de reterritorialização que os sujeitos da contemporaneidade estão realizando. Se esses modos de subjetivação irão se consolidar e estabilizar como nova composição subjetiva, ainda não foi possível de se perceber. A pesquisa sobre processos de subjetivação não aponta para definições, categorias e estruturas fixas, ela evidencia os movimentos, os fluxos, as rotas e demarcações territoriais. Percebemos, refletimos e analisamos os fluxos presentes nas novas linhas da subjetividade atual. Talvez os “nós contemporâneos” configurem-se como relevantes temas, juntamente com os fluxos da nova rede de relacionamentos, para a continuidade de estudos sobre tais questões. Devido a essas constatações, outras reflexões fazem-se necessárias a presente construção teórica, que pretendeu cartografar um dos processos maquínicos de produção da subjetividade contemporânea. Posteriores pesquisas, portanto, aparecem como pontos norteadores para os novos rumos que esta navegação pelo mundo *online* descortinou.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ARAUJO, Mônica Daisy Vieira; FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Cultura escrita expressa e cultura escrita digital: a perspectiva de crianças de camadas médias. **Revista Língua Escrita**, número 2, dezembro de 2007.

ARIÉS, Philippe. Da Família Medieval à Família Moderna. In: **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. Tradução de Dora Flaskman. 1978, p.225-279.

ASSMANN, Hugo (org.). A metamorfose do aprender na sociedade do conhecimento. In: ASSMANN, Hugo (org.). **Redes digitais e metamorfose do aprender**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2005, p51-72.

BELLONI, Maria Luiza; GOMES, Nilza Godoy. Infância, mídia e aprendizagens: autodidaxia e colaboração. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 29, n. 104 - Especial, p. 717-746, out. 2008 737. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 12 nov 2009.

BENEVIDES DE BARROS, Regina Duarte. **Grupo**: a afirmação de um simulacro. 2002. 240p. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

BIRMAN, Joel. Tatuando o desamparo. In: CARDOSO, Marta Rezende. **Adolescentes**. São Paulo: Editora Escuta, 2006, p.25-44.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à atualização da formação do ser humano: a adolescência em questão. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 24, n. 62, p. 26-43, abril 2004. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. São Paulo: Pubifolha, 2000.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura, v.1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel et al. **The mobile communication society** – a cross-cultural analysis of available evidence on the social uses of wireless communication technology.

2005. Disponível em: <<http://arnic.info/WirelessWorkshop/MCS.pdf>>. Acesso em: 08 ago.2008

CHEN, K. et al., An exploratory study of the selection of communication media: The relationship between flow and communication outcomes, **Decision Support Systems**, 2008, p.01-13. . Disponível em: <http://nms.sagepub.com> at CAPES. Acesso em: 06 ago 2008.

DECKERT, Cristielle Tomm; LINCK, Ieda Márcia Donati. A Linguagem dos Internautas: Desvio, Dialeto ou Abreviação. **Intercom**, maio, 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2008/resumos/R10-0421-1.pdf>>. Acesso em: 15 jul 2009.

DELEUZE, G. **Conversações**. Rio de Janeiro: ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed.34, 1995.

DIAS, Ana Cristina Garcia; TAILLE, Yves de. O uso das salas de bate-papo na internet: um estudo exploratório acerca das motivações, hábitos e atitudes dos adolescentes. **Interação em Psicologia**, Curitiba, jan./jun. 2006, v.1, n.10, p. 43-51

DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. **Uma trajetória filosófica**. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FERREIRA NETO, João Leite. Processos de subjetivação e novos arranjos urbanos. **Revista do Departamento de Psicologia (UFF)**, Niterói, v. 16, n. 01, p. 111-120, 2004.

FERREIRA NETO, João Leite. Artes da Existência: Foucault, a Psicanálise e as práticas Clínicas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, Abr-Jun 2007, Vol. 23 n. 2, pp. 177-184

ERIKSON, Erik H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio**. Século XXI. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001

FOUCAULT, Michel. Introdução. In: FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2 – O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984, p. 7-30.

FOUCAULT, Michel. **Estratégia poder e saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos**, Vol.IV, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Vol.V. Ditos e Escritos, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FRANÇA, Vera R. Veiga. Do telégrafo à rede: o trabalho dos modelos e a apreensão da comunicação. **COMPÓS**, PUC-SP, out., 2000. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/gris/biblioteca/artigos/telgr1-rede.pdf/view>. Acesso em 04 dez 2009.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. Letramento digital de adolescentes: um exercício de prazer e ludicidade. **Cadernos Rio Mídia 1**, 1º Encontro Internacional Rio Mídia, dezembro, 2005, p.74-103.

GARBIN, E. m. Cultur@s juvenis, identid@des e internet: questões atuais. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro/ANPED, v.23, p.119-135, 2003. Disponível em : <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a08.pdf>.. Acesso em: 14 abr 2008

GUATTARI, Félix. **Caosmose um novo paradigma estético**. São Paulo: Ed.34, 1992.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do desejo**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1986.

HARAWAY, Donna. Manifesto for cyborgs: Science, Technology and Socialist Feminism in the 1980's. **Simians, Cyborgs and women: The Reinvention of Nature**, Nova York: Routledge, 1991, p.149-181. Disponível em: [www.egs.edu/faculty/haraway/haraway-a-cyborg-manifesto.html](http://www.egs.edu/faculty/haraway/haraway-a-cyborg-manifesto.html). Acesso em: 10 mai 2008.

HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. In: HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p.11-38.

HUANG, Albert H.; HUNG, Shin-Yuan; YEN, David C. An exploratory investigation of two internet-based communication modes. **Computer Standards & Interfaces**, nº 29, 2007, p. 238–243. Disponível em: <http://nms.sagepub.com> at CAPES. Acesso em: 06 ago 2008.

JOHNSON, Steven. **Cultura da interface:** como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2001.

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo. **Juventude e sociedade:** Trabalho, Educação, Cultura e Participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004, p. 89-114.

LEITÃO, Carla Faria. NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. A psicologia no novo contexto mundial. **Estudos de Psicologia**, v.8, n.3, 2003, p.421-430, set.2003.

LEUNG, Louis. Loneliness, self-disclosure and ICQ ( I Seek You) Use. **Cyberpsychology & Behavior**,v.5,n3, 2002. School of Journalism & Communication, Chinese University of Hong Kong, Hong Kong. Disponível em: <http://nms.sagepub.com> at CAPES>. Acesso em: 06 ago 2008.

LÉVY, Pierre. Rumo à uma ecologia cognitiva. In: LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência.** O futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34, 1993, p. 135-197.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Ed.34, 1999.

LUNA, Maurício. Novas tecnologias e ludicidade. Cadernos Rio Mídia 1, 1º Encontro Internacional Rio Mídia, dezembro, 2005, p.74-103.

MACHADO, Arlindo . O Sujeito no Ciberespaço. In: José Luiz Aidar. (Org.). **Crítica das Práticas Midiáticas.** São Paulo: Hacker, 2002, p. 83-97.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Capítulo 03: Capitalismo e esquizofrenia.** O Escavador de silêncios: formas de construir e de desconstruir sentidos na comunicação: Nova teoria da comunicação II. SP: Paulus, 2004, p. 91-178.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Heidegger, Nietzsche, Derrida – Escavadores à procura de silêncios.** O Escavador de silêncios: formas de construir e de desconstruir sentidos na comunicação: Nova teoria da comunicação II. SP: Paulus, 2004, Cap. 08, p. 299-418.

MCLUHAN, Marshall.**Capítulo 01: O meio é a mensagem.** In: MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem. São Paulo: Editora Cultrix, 2000, p.20-50.



MEAD, Margareth. Nuestros problemas educativos considerados a la luz de la experiência samoana. In: **Adolescência y cultura en Samoa**. Traducion Elena Dukelski Yoffe. Cabildo, Buenos Aires: Editorial Paidós, 1961, p. 132-152.

MELLO, Horácio Dutra. **Representação e uso da Internet por adolescentes de Florianópolis**. Florianópolis, 2007. 169 p. Dissertação de mestrado – Programa de Pós-graduação em Educação – Universidade Federal de Santa Catarina.

MIGLIORA, R. R. V. P.; LEITE, C. A troca sincrônica de mensagens (MSN) na socialização de crianças e adolescentes. In: **2º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação**, Ulbra, 2006, p.01-20. Disponível em: [http://www.bemtv.org.br/portal/materiais/A\\_troca\\_sincronica\\_de\\_mensagens.pdf](http://www.bemtv.org.br/portal/materiais/A_troca_sincronica_de_mensagens.pdf). Acesso em: 14 jul 2009.

MORIN, Edgar. Terceira parte. In: **Cultura de massas no século XX**. O espírito do Tempo – II – Necrose. Rio de Janeiro: Forense-universitária, 2ª edição, 1986, p. 125-205.

MOTTA, Manoel Barros da. Apresentação. In: FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Vol.V. Ditos e Escritos, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

MUSSO, Pierre. A filosofia da rede. In: PARENTE, André. **Tramas da rede**. Novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2004, p. 17-38.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. **Na malha da rede os impactos íntimos da internet**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Quem disse que é proibido ter prazer online?: identificando o positivo no quadro de mudanças atual. **Psicol. cienc. prof.**, vol.22, no.2, p.12-21, jun. 2001.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas. **Psic.:Teoria e Pesquisa**. vol.18, n.2, Brasília, maio/ago. 2002. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/pcp/v18n2/v18n2a07.pdf>. Acesso em: 15 jul 2008.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Impactos psicológicos do uso de celulares: uma pesquisa exploratória com jovens brasileiros. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, Vol. 20, n. 2, p. 165-174, mai-ago 2004,. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/pcp/v20n2/v20n2a07.pdf>. Acesso em: 15 jul 2008.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Primeiros contornos de uma nova “configuração psíquica.” **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 65, p. 71-85, jan./abr. 2005a. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 15 jul 2008.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. O cotidiano nos múltiplos espaços contemporâneos. **Psicologia. Teoria e Pesquisa**, UnB, v. 21, n. 3, p. 365-373, 2005b. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/pcp/v25n1/v25n1a07.pdf>. Acesso em: 15 jul 2008.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Internet e subjetividade: a emergência de uma nova “configuração psíquica”. In: **Psicologia e Informática: desenvolvimento e progresso**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005c, p. 16-29. Disponível em: <http://books.google.com.br/books>. Acesso em 12 set. 2009.

OLIVEIRA, Rosa Meire **Carvalho de**. **Cyberfeminismo x feminismo: o que as mulheres fizeram com os blogs na web?** 2002. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/oliveira-rosa-meire-diarios-publicosmundos-privados.pdf> >. Acesso em: 15 jun 2008.

OLIVEIRA, Rosana Medeiros. Tecnologia e subjetivação: a questão da agência. **Psicologia & Sociedade**, vol.1, nº17, p.56-59, jan/abr.2005.

PASSARELLI, Brasilina; DIMANTAS, Hernani; GUZZI, Drica; KYIOUMOURA, Juliana. Atores em Rede: Subjetividades e Desejos em Expansão. **LOGOS 30** Tecnologias de Comunicação e Subjetividade. Ano 16, 1º semestre 2009.

PETER, F. E. - **Termos Filosóficos Gregos**. Ed. Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1983.

ROMAO-DIAS, Daniela e NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. “Eu posso me ver como sendo dois, três ou mais”: algumas reflexões sobre a subjetividade contemporânea. **Psicol. cienc. prof.**, vol.25, no.1, p.70-87, mar. 2005.

RUYER, Raymond. **A cibernética e a origem da informação**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S.A., 1972.

SANTAELLA, Ana Lucia. O homem e as máquinas. In: DOMINGUES, Diana. **A arte no século XXI: a humanização das tecnologias**. São Paulo: Editora da UNESP, 1997, p.33-44.

SANTAELLA, Ana Lucia. Cultura e artes do pós-humano. In: SANTAELLA, Ana Lucia. **Da cultura das mídias a cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003, p. 77-113

SANTAELLA, Ana Lucia. As artes do corpo biocibernético. In: DOMINGUES, Diana. **Arte e vida no século XXI: tecnologia, ciência e criatividade**. São Paulo: Editora da UNESP, 2003a, p. 65-94.

SANTAELLA, Ana Lucia. **Capítulo 08: Mediações tecnológicas e suas metáforas**. In: SANTAELLA, Ana Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007, p.189-230,.

SANTOS, Benedito Rodrigues dos. **A emergência da concepção moderna de infância e adolescência**. Mapeamento, documentação e reflexão sobre as principais teorias. Dissertação de mestrado, Ciências Sociais – Antropologia. São Paulo: PUC, 1996.

SANTOS, Daniela Gehlen dos; GOMES, Andreia. Considerações acerca do internetês. **Ensino e Pesquisa**, vol.1, n.5, p.41-50, 2008. Disponível em: [www.ieps.org.br/internetes.pdf](http://www.ieps.org.br/internetes.pdf). Acesso em: 12 set 2009.

SILVA, Cristiane Moreira da. **Intimidade on line: outras faces do diário íntimo na contemporaneidade**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal Fluminense, Departamento de psicologia, 2006.

TURATO, Egberto Ribeiro. **Cap. 10: Tratando e discutindo os dados para a contribuição do pesquisador ao repensar do conhecimento científico**. Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa. Construção Teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas de saúde e humanas. 2ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 437-521, 2003.

TURKLE, Shery. **A vida no ecrã**. A identidade na era da internet. Lisboa: Relógio D'água editores, 1997.

VALKENBURG, Patti M., SCHOUTEN, Alexander P., PETER, Jochen. Adolescent's identity experiments on the internet. **New Media Society**, London, Thousand Oaks, CA and New Delhi, 2005Vol.7, n.3, p.383-402, 2005. Disponível em: <http://nms.sagepub.com> at CAPES>. Acesso em: 06 ago. 2008.

VIEIRA, Vera. **O que tem a ver gênero com TICs?** 2002. Disponível em: <http://www.redemulher.org.br>>. Acesso em: 15 jun 2008.

WOLTON, Dominique. **Pensar a comunicação**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

ZANCANELA, Elaine. A beleza digital: as novas tecnologias de comunicação e informação e a construção plástica da visualidade feminina. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. Setembro, 2005.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze**. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <[HTTP: www.ifch.unicamp.com.br](http://www.ifch.unicamp.com.br)>. Acesso em 07 abr. 2008.

## APÊNDICE

### Roteiro para entrevista individual

#### Sobre o uso do MSN:

- Desde quando você usa o MSN?
- O que você acha do recurso do MSN como uma forma de você se comunicar com as pessoas? Dificuldades e facilidades no uso?

#### Relacionamento no MSN:

- Você percebe alguma diferença no seu comportamento ou no comportamento de seus colegas quando estão no MSN?

#### Relacionamento fora do MSN:

- Quando você se relaciona fora do MSN, você sente alguma diferença?
- Você percebe alguma diferença nos seus colegas quando se encontram fora do MSN?

#### Uma auto-avaliação:

- Como você era quando usava o MSN?
- Como você é agora?

Roteiro para o encontro virtual:

Digam o que vocês pensam sobre as frases:

O MSN como proteção:

- “Eu posso falar o que quiser, que ninguém vai me bater porque o computador ta me protegendo ali naquela hora.”

O MSN como mascarador de sentimentos:

- “Não tem como ela saber que eu não estou concordando com o que ela falou porque eu não to lá expressando. Ela não ta vendo meu rosto naquela hora.”

O MSN aproxima as pessoas:

- “ No dia a dia é distante essa pessoa, mas no MSN não! No MSN essa pessoa é amiga de infância.”

O MSN aumenta a capacidade de comunicação:

- “O que você não tem coragem de falar pessoalmente você tem coragem de falar pessoalmente.”

- “Fica mais fácil de falar com qualquer pessoa.”

Faça uma auto-crítica da forma como você ficou durante esse encontro virtual

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)